

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

**Quando a Baixada também é Brasil: Um Estudo de Caso da Baixada
Imaginada em *Senhora do Destino***

Andreza Patricia Almeida dos Santos

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**QUANDO A BAIXADA TAMBÉM É BRASIL: UM ESTUDO DE
CASO DA BAIXADA IMAGINADA EM *SENHORA DO DESTINO***

ANDREZA PATRICIA ALMEIDA DOS SANTOS

Sob orientação da Professora
Carly Barboza Machado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Maio de 2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sq Santos, Andreza Patricia Almeida dos, 1990-
Quando a Baixada também é Brasil: Um Estudo de
Caso da Baixada Imaginada em Senhora do Destino /
Andreza Patricia Almeida dos Santos. - 2017.
142 f.

Orientadora: Carly Barboza Machado.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, 2017.

1. Telenovela. 2. Senhora do Destino. 3. Baixada
Fluminense. 4. Brasil. I. Machado, Carly Barboza,
1975-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANDREZA PATRICIA ALMEIDA DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____/____/____

Prof. Dr^a. Carly Barboza Machado (UFRRJ)
(Orientadora)

Prof. Dr^a. Ana Paula Alves Ribeiro (UERJ)

Prof. Dr. Edson Miagusko (UFRRJ)

Aos meus amados avós, Iracema e Donato,
cuja simples existência me faz ser muito feliz.

AGRADECIMENTOS

Certa vez me disseram que é no final que escrevemos o começo. Confesso que, naquele momento – surpreendida com uma revelação, para mim, tão intrigante – me indaguei como aquilo podia fazer sentido, justo para mim, tão acostumada já estava àquela velha e consolidada estrutura do começo, meio e fim. Revendo, agora, aquele momento, percebo como estava enganada. Lembrando-me das frases e feições daquela que, sem saber, me ensinou o que hoje reflito, percebo que agradecer aos que me incentivaram e apoiaram ao longo da pesquisa, aos que me ensinaram e me deram um caminho, só faz sentido após ter passado tudo o que passei. Afinal, como poderia eu ter a consciência da dimensão que cada um tomaria ao longo desses um pouco mais de dois anos de mestrado? E mais: como seria possível imaginar esse momento ou mesmo o rumo que a pesquisa tomaria sem antes ter passado pelas experiências que deram forma ao ciclo que, hoje, encerro? Certamente o meu fim/início não seria o mesmo se não tivesse por perto pessoas tão importantes que me ajudassem ao longo da caminhada. E, para expressar um pouco do carinho e gratidão que tenho a cada um, venho aqui esboçar meu sincero agradecimento a todos que – direta ou indiretamente – foram fundamentais para a realização desse trabalho que é, certa forma, coletivo.

E para começar, gostaria de agradecer primeiramente a **Deus** que, em sua suavidade e mansidão, me permite contemplá-LO no silêncio de um dia-a-dia atribulado, no desabrochar de minhas flores bem de manhãzinha, no cantar dos passarinhos, que me acalmam e consolam ainda que nos meus dias mais chuvosos. Também a **Jesus**, alegria da minha juventude, agradeço por ser meu mestre do fardo leve e do jugo suave, onde, sempre que preciso, encontro repouso. Ao **Espírito Santo**, por sua vez, sou grata pelo sopro da vida e pela graça do fervor.

Também quero agradecer, de maneira especial, à minha orientadora, **Carly Barboza Machado**, sem a qual posso dizer, com total confiança, esta pesquisa não seria a mesma. Quero te agradecer profundamente, **Carly**, pela acolhida logo no meu início de curso; por ter se prontificado, ainda que sem saber como, a me ajudar quando ainda estava perdida em meio em meio à minha nova realidade. Agradeço, ainda, por ter me ajudado a sair da minha zona de conforto e ter me incentivado a ir além daquilo que eu jamais acreditaria ser capaz de chegar. Pelas excelentes bibliografias, pelas aulas inesquecíveis, pelas críticas, sempre muito cuidadosas e, acima de tudo, pelo carinho de sempre, meu muito obrigada.

Ao longo de minha caminhada na Rural, gostaria de recordar a todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender e trocar conhecimentos, seja no curso de Jornalismo ou no mestrado em Ciências Sociais. De maneira especial, agradeço ao corpo docente do PPGCS, pelas ótimas aulas, sempre cheias de discussão, aprendizado e humanidade: **Miriam de Oliveira Santos, Annelise Caetano, Moema Guedes, Nalayne Pinto, Edson Miagusko, Izabel Missagia, Naara Luna e Vladimyr Jorge**. Cada um de vocês, em sua individualidade, foi essencial para a minha formação acadêmica.

Ainda dentro do corpo docente, gostaria de deixar registrado meu profundo agradecimento a **Edson Miagusko** e **Eliska Altmann** pela enorme ajuda e boa vontade em me ajudar a desenvolver uma boa pesquisa. Obrigada por terem aceitado o desafio de participarem de minha qualificação – que foi fundamental para o desenvolvimento dessa dissertação. De maneira especial quero, mais uma vez, agradecer **Edson** por aceitar o desafio de novamente avaliar minha pesquisa que, de certa forma, também é sua. Seu olhar cuidadoso, suas críticas construtivas, suas preciosas dicas e o interesse pelo meu tema foram incentivos a mais para que eu pudesse seguir adiante. Aliás, aqui também já gostaria de mencionar o professor **André Rocha**, que muito me ajudou com as bibliografias e o recorte dos autores que tratam da Baixada Fluminense; e à **Ana Paula Alves Ribeiro**, pela gentileza de também compor minha banca de defesa. Tenho certeza de que aprenderei muito com você e com suas observações.

Por fim, mas não menos importante, quero demonstrar minha gratidão à **Alessandra Carvalho**, minha eterna orientadora e também amiga, que foi quem primeiro me ensinou sobre métodos e técnicas de pesquisa, e quem despertou em mim a curiosidade sobre o meio acadêmico, ao me convidar para participar de seu laboratório de pesquisa. Pelo apoio que você me deu quando eu disse que tentaria o mestrado em Ciências Sociais, por ter me ajudado a melhorar meu projeto e ter me acompanhado todos esses anos, sempre me incentivando a seguir carreira acadêmica, meu muito obrigada. Certamente você é um exemplo de como um professor pode influenciar positivamente a vida de seus alunos.

Ainda na Rural, agradeço também a todos os preciosos amigos que pude fazer ao longo de minha caminhada. Em especial, quero agradecer à **Jéssica França**, vulgo pequeno incômodo, que nos quatro anos de convivência assídua no alojamento me ensinou que nem sempre é o diploma o melhor que conquistamos em uma graduação. Já pegando carona, quero também incluir a todas as meninas do F1-16, que se tornaram para mim como que minha segunda

família. Como me esquecer das nossas piadas e cantorias noturnas, de nossas festas e até de nossa preocupação quando uma de nós saía e não dava notícias. Com vocês aprendi o que considero ser o conhecimento mais precioso que já adquiri na vida: o respeito às diferenças, o amor gratuidade e o dom da paciência: **Vânia Dias, Shayene Bravo, Mabele Moraes, Thamires Gadelha, Cláudia Regina, Vanessa Miguel, Patrícia Pereira, Mônica Menezes, Munique Valente, Camila e Nicole “doidinha”**, vocês são de amargar, mas eu amo vocês!

Bons e fiéis amigos também permanecem comigo desde minha graduação em Jornalismo e, por isso, dedico a eles um abraço mais longo. A **Carlos Alexandre Barcellos**, por se fazer, sempre que possível, presente em minha vida; por sempre me dar palavras de apoio e me dedicar uma atenção que nem sei se mereço. . Muito obrigada, meu amigo, por me ensinar, na arte da vida, a beleza da unidade que existe na diferença e, principalmente, naquilo que os olhos humanos não conseguem captar. A **Gian Cornachinni e Alerrandre Barros** pelos anos de companheirismo e aventura. Quantas coisas já passamos juntos para realizarmos uma boa matéria jornalística: nossa programação do Café com Notícia, a revista sobre Seropédica, nosso radiodocumentário sobre o Arco Metropolitano e nossa reportagem multimídia sobre a Comunidade Dilma Rousseff são alguns exemplos de como foi difícil, mas extremamente recompensador, nosso trabalho em equipe. Seja nas disciplinas de rádio, TV, impresso, nas grandes ou pequenas reportagens, vocês sempre estavam junto comigo me ajudando e me ensinando e, por isso, hoje, agradeço a vocês pela dedicação e amizade. Certamente o meu olhar para o fazer jornalístico se tornou mais bonito com a ajuda de vocês.

Aqui também quero mencionar meus amigos do Grupo de Oração Universitário, especialmente do GOU Eterna Aliança, que ajudei a fundar e que, de quebra, me deu de presente meu namorado e amigo, **Fábio de Paiva Gonçalves** que, há seis anos, me acompanha em todos os momentos de minha vida. Saudade é tudo o que restou da época em que o **Felipe Lamin** e nosso querido **Alberto “Little do Vale”** eram nossos coordenadores. Como eram boas nossas prosas, picnics e viagens sempre regadas a muitas risadas e cantoria no ônibus. Nunca vou me esquecer da nossa preparação para a Jornada Mundial da Juventude, da organização pra chegada da Cruz aqui na Rural, da pré-jornada em Mangaratiba, e de todos os nossos encontros, vigílias e formações que passamos juntos. De maneira especial quero agradecer à **Doniésia Bel, Alessandre Marques, Thiago Costa, Soraya John, Edson Soares Gomes** e também aos padres **Paulo Sérgio Coelho, Fábio de Melo Gonçalves e Javier Inciso** pelo pastoreio e orientação espiritual. Vocês são presentes de Deus em minha vida.

Minha família também é parte fundamental nessa caminhada. Sendo ela minha fonte de refúgio e descanso, foi ela quem me deu forças para vencer os obstáculos e ânimo para enfrentar minhas próprias dificuldades. O carinho, a oração e o incentivo de todos foi o que me fez seguir em frente, mesmo quando não sabia aonde meus passos me levariam. À minha mãe, **Dona Andréa**, agradeço o amor, a confiança e a doação incondicional que sempre dedicou a mim, e que foi de extrema importância para minha formação pessoal e acadêmica. Ao meu pai, **Sr. Carlos**, agradeço o apoio, o amparo, a prontidão e o cuidado de sempre. O senhor, com seu jeito mais fechado, mas sempre prestativo, me ensinou que nem sempre é com palavras que demonstramos nosso amor. Às minhas irmãs, **Samara** e **Naira**, agradeço pela amizade e companheirismo de uma vida inteira. Com vocês eu aprendi que amar está muito além da perfeição ou da falta de defeitos, e mais, que a felicidade da vida está em dividirmos aquilo que temos e somos. Ao meu sobrinho e afilhado, **Vitor Hugo**, sou grata por ter me ensinado um amor que eu não sabia ser capaz de sentir. Você é o tesouro da dinda, “fio”. Aos meus **avós** agradeço, enfim, por me ensinarem que a medida do amor é simplesmente amar.

Para encerrar, agradeço também à **Capes**, pelas dotações que contribuíram para a realização dessa pesquisa; à **Kátia Firmino**, pela boa vontade em me ajudar sempre que eu precisava resolver algum problema relativo ao curso; à **Seropédica**, pela fonte de inspiração; e à **Jéssica Medeiros** que, sem saber, me ensinou a lição que me permitiu iniciar essa minha seção de agradecimentos.

“As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão”.

Drummond

RESUMO

SANTOS, Andreza P.A. **Quando a Baixada também é Brasil: um estudo de caso da Baixada imaginada em *Senhora do Destino***. 2017. 139 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

Esta pesquisa é um estudo sobre telenovela e Baixada Fluminense que, em uma escala maior, também busca pensar o Brasil. Com o pressuposto de que um estudo sobre telenovela pode revelar intersecções entre ficção e realidade, a presente dissertação busca – a partir de um estudo de caso de *Senhora do Destino* – analisar como a apresentação de uma Baixada fluida e flexível em uma novela do horário nobre, que ora a aproxima de uma representação hegemônica de violência, ausência e descaso e, ora a enfatiza como um território ideal em termos eleitorais, de vida e de consumo, está associada a um contexto sociológico maior, que envolve agentes de campos econômicos, políticos e sociais. Assim sendo, à luz de levantamento bibliográfico e documental sobre o tema, bem como pela análise do material audiovisual da obra, percebemos que, inserida dentro de um movimento mercadológico, onde a Rede Globo passa a incorporar – a partir de suas novelas – um processo de valorização de lugares socialmente desvalorizados, a novela *Senhora do Destino* aponta para a tentativa da emissora de captar e expressar as modulações socioeconômicas vividas no Brasil, muito em função das políticas realizadas pelo governo Lula. Embalada, portanto, pelo vigor do lulismo dos anos 2000, a obra de Aguinaldo Silva revelou uma intencionalidade autoral e um investimento da mídia que, atenta à ascensão de uma nova classe social, abre “espaço” para que essa “nova classe” também se veja “representada” na televisão. Tomando, então, de carona o ano de 2004, quando a Baixada ganhava o noticiário nacional a partir das eleições municipais de Nova Iguaçu, Aguinaldo Silva nos apresentou uma Baixada que mescla legalidade e ilegalidade, violência e paz, samba e jogo do bicho; e que – redimida pela figura de uma mulher – foi, no fim, exaltada como símbolo da identidade nacional.

Palavras-chave: Telenovela, Baixada Fluminense, *Senhora do Destino*, Brasil.

ABSTRACT

SANTOS, Andreza P.A. **When Baixada is also Brasil: an study of case of the imagined Baixada in *Senhora do Destino***. 2017. 139 p. Dissertation (Master Science in Social Sciences). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.

This research is a study about telenovela and Baixada Fluminense that, in a larger scale, also tries to think about Brazil. Under the assumption that a study about telenovela can reveal intersections between fiction and reality, the present dissertation tries – from a study of case of *Senhora do Destino* – to analyse how the presentation of a fluid and flexible Baixada in a prime time novel, that sometimes approaches Baixada to a hegemonic representation of violence, absence and indifference, and sometimes emphasizes Baixada as an ideal territory in terms of election, life and consumption, is associated with a larger sociological context that involves agents of economic, political and social fields. Therefore, in the light of bibliographical and documentary survey about the theme, and by the analysis of the audiovisual material of the work, we realized that, inserted in a market movement, where Rede Globo starts to incorporate – from its novels – a process of valuing socially devalued places, the telenovela *Senhora do Destino* points to an attempt of the TV station to capture and express the socioeconomic modulations experienced in Brazil, much in function of the politics carried out by Lula government. Driven, therefore, by the vigour of lulismo of the 2000 years, the work of Aguinaldo Silva revealed an authorial intencionalidade and an investment of media that, attentive to the ascension of a new social class, opens “space” for that “new class” to see themselves “represented” on television. So, taking a ride in the year of 2004, when Baixada wins the national news from the municipal elections of Nova Iguaçu, Aguinaldo Silva presented us a Baixada that blends legality and illegality, violence and peace, samba and jogo do bicho; and that – redeemed by the figure of a woman – was, in the end, exalted as a symbol of the national identity.

Key Words: Telenovela, Baixada Fluminense, *Senhora do Destino*, Brazil.

LISTA DE ABREVIACÕES

AI-5	Ato Institucional nº5
APPH-CLIO	Associação de Professores e Pesquisadores de História
BF	Baixada Fluminense
CEDOC	Centro de Documentação da Rede Globo
CISBAF	Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPAHB	Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada
PDS	Partido Democrático Social
POP	Partido da Organização Popular
POR	Partido da Ordem Radical
Projac	Projeto Cidade Cenográfica
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PTIP	Partido dos Trabalhadores da Iniciativa Privada
RCC	Renovação Carismática Católica
UDN	União Democrática Nacional
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UPF	União Progressista Fluminense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

CAPÍTULO I – ENTRE TEMÁTICAS E QUESTÕES, A NOVELA

1.1 – Uma Introdução à Obra	28
1.1.1 – O enredo	28
1.1.2 – O autor	32
1.1.3 – Ainda sobre o autor: intersecções entre realidade e ficção em <i>Senhora do Destino</i>	34
1.2 – Análise por Temáticas	38
1.2.1 – Gênero	38
1.2.2 – Política	46
1.2.3 – Samba	52
1.2.4 – Jogo do bicho e ilegalismos	56

CAPÍTULO II – ENTRE BAIXADA E ZONA SUL: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIAL NO BRASIL DE AGUINALDO

2.1 – A Organização Social em Vila São Miguel	60
2.1.1 – O centro da cidade	61
2.1.2 – A Comunidade da Pedra	65
2.1.2 – A Comunidade de Vila São Miguel	71
2.2 – O Núcleo Zona Sul Da Novela	74
2.2.1 – Copacabana	74
2.2.2 – O bairro Peixoto e seu “quê” suburbano	80
2.2.3 – Entre o Rio e a Baixada: as situações sociais	83
2.2.4 – Análise de uma situação social em <i>Senhora do Destino</i>	85

CAPÍTULO III – UMA NOVELA, VÁRIAS BAIXADAS

3.1 – Do Ermo tão tão Distante ao Pólo do Desenvolvimento Econômico: Um olhar ao longo das décadas	92
--	----

3.1.1 – A década de 1960 e a figura de Tenório Cavalcanti.....	93
3.1.2 – As décadas de 1970 e 1980: Um breve olhar	97
3.1.3 – A década de 1990 e seu novo olhar sobre a Baixada	99
3.2 – Os Diferentes Olhares sobre as “Baixadas” em <i>Senhora do Destino</i>	107
3.2.1 – Os olhares de dentro e o sentimento de “ser Baixada”	108
3.2.2 – De fim de mundo a um admirável mundo novo: os olhares e percepções do núcleo “Zona Sul” sobre a Baixada de Aguinaldo	112
3.2.3 – Uma comunidade imaginada, enfim!	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXO	135

INTRODUÇÃO

Junho de 2004: Itajubá. Minas Gerais. A estréia de uma novela do horário nobre despertava minha curiosidade e expectativa. Era a primeira vez que eu, ainda adolescente, iria poder assistir a uma novela da Rede Globo. Depois de um pouco insistir, consegui, enfim, de minha mãe a autorização para acompanhar uma trama que minhas amigas disseram que iria falar da Baixada Fluminense: *Senhora do Destino*. Desde essa época dizendo que faria Jornalismo, fiquei empolgada ao me deparar com a atuação do jornalista Dirceu em cena. Em meio a um encantamento ainda juvenil, uma curiosidade sempre me perseguia: Mas não era a Baixada Fluminense um lugar violento? Em minhas vagas lembranças de um lugar para mim nebuloso, recordo-me de meu avô¹ me dizendo que lá pelo lado da antiga Rio-São Paulo, certa vez, ele ficou sabendo de um pastor que tinha sido decapitado e que, tendo os assassinos enterrado sua cabeça, eles plantaram um pé de feijão em cima dela. “Um lugar violento mesmo”, dizia ele. Sem passar mais do que isso, contudo, a curiosidade logo se esvanecia em meio às tramas e subtramas da obra. Adorava a figura do Giovanni Improtta. “Engraçada essa novela”, pensava.

Fevereiro de 2010: Minha curiosidade em relação à Baixada Fluminense – já apagada com o tempo – acaba sendo reacesa. A notícia de que tinha passado para Comunicação Social na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica, me fez lembrar esse assunto já por mim esquecido. Novamente acionado pela perspectiva da violência, grande foi o choque de todos os da minha família ao saberem que iria morar na Baixada: “Mas você vai ter coragem mesmo?”; “Menina, tenta a UFRJ o ano que vem”; “Você não tem medo de morrer de bala perdida?”; “Minha filha, pelo amor de Deus, não vá deixar sua mochila em qualquer lugar, que eles podem colocar drogas lá dentro só para te incriminar”. Ainda com um pouco de receio – afinal, o desconhecido assusta – resolvi me mudar para Seropédica. O destino? O alojamento da Rural, onde por seis anos procurei me manter longe dos “perigos²” da cidade, da qual já ouvi coisas terríveis, e onde só freqüentava alguns pontos muito

¹ Caminhoneiro, praticamente toda semana meu avô vinha descarregar alguma carga no Rio de Janeiro. Como em sua época ainda não existia a Dutra, ele sempre tinha que passar pela antiga Rio-São Paulo.

² Estupros, milícia, tráfico e mortes faziam parte do repertório compartilhado por mim e meus amigos sobre os problemas de se morar na Baixada. Eu mesma já tinha passado por uma situação ruim na cidade, quando – juntamente com um amigo – estava fazendo uma matéria sobre o *Minha Casa, Minha Vida*. Não fosse sua potente câmara para intimidar, um senhor já de idade teria tentado me agarrar em plena luz do dia.

específicos, como o mercado, a papelaria, a pizzaria, a lanchonete, a casa de amigos e, algumas vezes, a matriz de Santa Terezinha³.

Março de 2016: Mudo-me, enfim, para Seropédica, no mesmo momento em que mudava minha pesquisa. Abandonando meu antigo tema, só sabia que estudaria algo relacionado à Baixada Fluminense e telenovela, mas tudo estava muito confuso ainda. Qual recorte daria à Baixada? Como a trataria na pesquisa? Como a relacionaria com a telenovela, já que seu imaginário sempre me remeteu à violência, e a telenovela ao Brasil? Que novela estudar?

Ainda sem nenhuma resposta, passo a tentar me inspirar a partir de uma nova relação com a cidade. Queria sentir o que era morar em Seropédica, e também perceber a relação que os moradores tinham com o município, pois achava que isso seria fundamental para entender, ainda que um pouco, meu objeto de pesquisa. Percebia – pela minha experiência no alojamento e também com meus amigos do “nove”⁴ – que a relação que a maioria dos alunos mantinha com Seropédica era de isolamento; que não gostavam de ir às festas da cidade – embora muitos sejam festeiros – nem costumavam frequentar os mesmos eventos que os “minhocas”⁵. Para dizer a verdade, a grande maioria dos alunos com quem tive contato⁶, amigos ou não, só queria mesmo era se formar e ir embora.

Na tentativa de reverter esse recorte mental sobre a cidade, já muito consolidado em meu imaginário de estudante, decidi que me aproximar dos moradores locais seria um bom começo. Acreditando que não teria problemas de contato, já que sempre me dei muito bem com vários funcionários da Rural que são de Seropédica – como os funcionários do bandejão, as “tias” da limpeza e os “tios” da biblioteca, a quem muitos conheço pelo nome e também

³ Aqui em Seropédica, até a atuação dos padres é diferente no centro da cidade e na comunidade da Rural. Do lado da matriz de Seropédica, o apelo do jovem Padre Fábio – que carrega forte influência da Renovação Carismática Católica (RCC) – é nitidamente mais voltado para temas familiares e afetivos e, por isso, abarca mais os moradores e a juventude da cidade, ainda que isso não impeça que estudantes da Rural que se identificam mais com o movimento frequentem a comunidade. Já do lado da Rural, sob a atuação do Padre Paulo, um senhor já de meia idade, a comunidade de Nossa Senhora das Graças tem um apelo mais voltado para a realidade da universidade, já que a maioria de seus frequentadores são alunos, professores da Rural que moram na cidade e funcionários públicos. Com um perfil acadêmico – que inclui dois mestrados, um em Psicologia e outro em Direito Canônico – e resquícios da Teologia da Libertação, sua homilia tem a contextualização histórica das leituras como seu grande foco, de onde ele sempre tira uma reflexão para a realidade atual.

⁴ Também chamado 49, é o nome comumente atribuído ao centro de Seropédica, que se situa na altura do Km 49.

⁵ Ou seja, seropedicenses.

⁶ Ressalto isso porque tive a oportunidade de ter contato com vários perfis de pessoas aqui na Rural.

por quem sou conhecida – tentei, em um primeiro instante, conversar com meus vizinhos, mas acabei me frustrando, ao percebê-los muito fechados e com certa resistência. A tranqüilidade e o silêncio de minha rua me incomodavam e até me surpreendiam. Nunca imaginei que morar em Seropédica pudesse ser tão pacato. Não fossem os meninos da casa em frente à minha – que sempre estão brincando de bola e tocando meu interfone – e também os carros que passam anunciando diversos produtos e estabelecimentos – a rua seria muito quieta e diferente da Seropédica que eu conhecia do “centro” da cidade, onde a BR-465 e o município se juntam, e há sempre um aglomerado de pessoas que, de maneira frenética e desordenada, se deslocam de um lado e de outro em suas múltiplas maneiras de viver a cidade.

Um pouco decepcionada, passei a arriscar coisas bem simples – como procurar andar por trajetórias diferentes, ir aos domingos à feira da cidade e frequentar mais a padaria e o mercadinho próximo ao prédio em que moro; mas o sentimento de que não entendia meu objeto, ainda sem um recorte definido, me incomodava bastante. Foi aí que tive uma ideia: passaria a frequentar a academia próximo ao lugar onde moro. Já tinha ouvido de uma amiga que malhava lá que o ambiente era uma mistura de estudantes e moradores de Seropédica. Decidindo, então, me arriscar e pisar pela primeira vez em uma academia, eis que um leque de novos olhares para a cidade e também para a Baixada foi, aos poucos, se abrindo para mim. Realmente sendo o espaço uma mescla de ruralinos⁷ e seropedicenses, tive a oportunidade de conhecer e conversar com vários perfis de moradores – idosos, jovens, adolescentes, homens e mulheres – que me fizeram ter contato com um jeito múltiplo de viver e entender o lugar onde moram. E, a partir dessas interações espontâneas entre pessoas que nem imaginavam o que eu fazia na Rural, tornei-me capaz – ainda que nas limitações de um ambiente restrito, e quase sempre restrito à realidade de Seropédica – de ampliar meu olhar sobre a Baixada que, de forma gradativa, assumiu uma perspectiva bem mais relativizadora de uma região antes por mim resumida a um todo simples e homogêneo⁸.

⁷ Como são conhecidos os alunos da UFRRJ.

⁸ Dos municípios da Baixada, Seropédica e Itaguaí são os de mim mais “conhecidos”. Dos demais, apenas visitei brevemente Mangaratiba, Nova Iguaçu, e Japeri. Apesar desse meu desconhecimento, contudo, hoje carrego um olhar bem menos reducionista dessa região que é física, simbólica e social (ENNE, 2002).

Início esta introdução, creio não muito habitual para uma pesquisa de mestrado, inserindo-me dentro do contexto de minha pesquisa, uma vez que julgo ser interessante que – antes de qualquer apresentação ao tema – meus leitores partilhem comigo um pouco do modo como cheguei e fui amadurecendo meu olhar sobre esse objeto de pesquisa que, de maneira por mim não prevista, acabou se misturando com minha própria história de vida. Desse modo, peço aqui uma licença para tal, já de cara justificando-me que acredito ser pertinente para uma dissertação que trata sobre a relação entre mídia e imaginação⁹ – e que, justamente, pretende discutir como a Baixada acaba assumindo uma característica polissêmica¹⁰ na trama de uma novela – considerarmos alguns dados de minha própria imaginação sobre a Baixada, que acabou se modificando ao longo dos anos, e que – de certa forma – não deixa de ter a mídia como um de seus elementos.

Vindo eu da Comunicação – onde fui parar pela Literatura – acabei optando pelo mestrado em Ciências Sociais, muito em função de meu interesse em aprender sobre o fazer antropológico, de mim totalmente desconhecido¹¹. A ânsia por uma metodologia que me ajudasse a explorar a relação entre as pessoas e os meios de comunicação, bem como meu interesse em estudar recepção de telenovela pelo público masculino da UFRRJ¹², me fizeram escolher esse programa, onde logo fui acolhida. Ao longo de minha trajetória no programa, contudo, os textos com os quais fui me deparando e minhas conversas com a Carly¹³ foram me apontando para um rumo diferente, onde a Baixada Fluminense ganhava um espaço maior.

Ainda com um pouco de receio – já que sabia que ter a Baixada Fluminense como objeto de pesquisa me levaria a mergulhar em uma densa bibliografia que, muitas vezes, me parecia encaminhar para um horizonte diferente das telenovelas – aceitei a proposta de pensar

⁹ Da qual falaremos um pouco mais adiante.

¹⁰ Compartilhamos com Enne (2002) a noção de polissemia para pensar acerca das diversas construções da categoria “Baixada Fluminense”, uma vez que – tal como a pesquisadora se deparou em sua pesquisa de campo – percebemos que, na obra, a Baixada assumirá diversas formas e apropriações, a depender de alguns fatores, como o lugar de fala de seus enunciadores, o tempo histórico em que o enredo se situará e a relação que os diferentes personagens mantêm com a região. Não sendo, portanto, sua apresentação estática nem tão pouco unilateral na novela, sua construção é, na medida do possível, aberta a novas interpretações, que lhe conferem diferentes significados em torno da mesma expressão “Baixada Fluminense”.

¹¹ Já que, no curso de Comunicação – pelo menos o da Rural – a Sociologia tem uma influência bem mais ampla. Da Antropologia, Martín-Barbero é o autor que tem mais espaço.

¹² E que já havia iniciado em minha monografia.

¹³ Minha orientadora.

a relação entre mídia e nação quando o assunto é a Baixada Fluminense. Um problema diagnosticado em minha qualificação, contudo, acabou modificando de vez o rumo da pesquisa: a impossibilidade de fazer uma pesquisa de recepção, justamente por não estar passando nenhuma novela sobre a Baixada naquele período, fez com que Carly e eu buscássemos um meio de tornar viável a realização de um trabalho que precisaria ser fechado em um ano.

Em um primeiro momento considerando a possibilidade de fazer uma análise das representações da Baixada pelas telenovelas da Rede Globo, também essa proposta acabou se tornando inviável, tendo em vista alguns empecilhos de ordem prática – tais como a quantidade de capítulos que teria que assistir em um curto prazo de tempo, o risco de fazer uma análise superficial que não justificasse o esforço sociológico, ou mesmo a dificuldade em ter acesso a todo o material audiovisual. Desse modo, optando pela análise de uma única novela, eis que decidi ter como objeto a novela *Senhora do Destino*, uma vez que ela tinha sido um marco das representações de Baixada em horário nacional.

Desafio aceito, este é um estudo sobre telenovela e Baixada Fluminense que, em última instância, também procura pensar o Brasil. Mais do que um estudo em Sociologia, Antropologia ou Ciência Política, esta é uma pesquisa que aborda o tema da mídia a partir de uma perspectiva social e, por isso, considera a teleficção para além de sua função de entreter. Sendo assim, partindo do pressuposto de que um estudo sobre telenovela pode revelar modos como ficção e sociedade se interseccionam, buscaremos – a partir de um estudo de caso de *Senhora do Destino* – analisar como a apresentação de uma Baixada múltipla e fluida em uma novela do horário nobre, que ora a aproxima de uma representação hegemônica e, ora a encaminha para uma valorização ideal, se associa a um contexto sociológico maior, que envolve outros agentes de campos políticos, econômicos e sociais.

Desse modo, tomando de autores já consagrados no panorama internacional – como Anderson (2009[1983]) e Appadurai¹⁴ (1996) – a ideia de imaginação que, para eles, torna-se um ponto-chave para se entender o papel dos meios de comunicação na produção e constituição de subjetividades das sociedades modernas, buscaremos pensar como a Baixada

¹⁴ Com o olhar mais voltado para o novo papel da imaginação no mundo contemporâneo, o pesquisador nos aponta para a necessidade de nos atentarmos para os modos como a mídia eletrônica reconfigurou o compartilhamento de emoções, na medida em que ela ofereceu novos recursos para a construção e mundos imaginados, o que – de certa forma – transformou os mundos pré-existentes de comunicação e conduta.

Fluminense é imaginada em *Senhora do Destino*, bem como o modo como essa imaginação se articula dentro de modelos de imaginação do pensamento nacional já consolidado nas telenovelas brasileiras.

Sabemos que, juntos, jornais e romances proporcionaram os meios técnicos propícios para a representação de uma comunidade imaginada nacional, sendo o material impresso o grande responsável pela constituição do que veio a se tornar uma comunidade sólida. Afinal, se por um lado, o jornal trouxe a possibilidade de que notícias de locais distintos e tempos variados fossem apresentadas a partir de uma ideia de comunidade, por outro, os romances foram fundamentais para a construção de um passado e de um “nós” comum identificado (ANDERSON, 2009).

Nesse sentido, compartilhando com Anderson (2009) a ideia de que – mais que inventadas – as comunidades nacionais passam a ser imaginadas¹⁵, na medida em que possuem uma legitimidade emocional capaz de fazer sentido para pessoas comuns, buscaremos pensar como essa imaginação da nação brasileira se dá quando temos como plano central a Baixada – tida quase como o “outro” da cidade do Rio de Janeiro, capital do estado. Haveria realmente uma dicotomia entre Rio e Baixada na trama? Como tratar a questão da nação quando o assunto é Baixada?

No caso das telenovelas brasileiras, é notório que elas são historicamente marcadas por um imaginário do que seja a nação brasileira. E, mais do que isso, que – por razões históricas, simbólicas e sociais – o Rio de Janeiro, imaginado a partir da Zona Sul, é a imagem consagrada de modernidade e desenvolvimento do Brasil, uma verdadeira vitrine do país. Não é sem causa, portanto, que a Baixada Fluminense, bem como outros locais tidos como territórios à “margem¹⁶”, não são cenários típicos nas telenovelas. Mesmo dentro da

¹⁵ No caso brasileiro, Lopes (2003) destaca que a telenovela criou um hábito que há décadas leva milhares de brasileiros a assistir, diariamente e num mesmo horário, o desenrolar de seus episódios. Nesse sentido, enfatizando que assistir à telenovela é um ritual compartilhado por pessoas de todo o território nacional, uma vez que os telespectadores já dominam as convenções e narrativas do formato, bem de seus referenciais nacionais, a autora defende ser adequado a noção de comunidade nacional imaginada para indicar as representações de Brasil pelas telenovelas, na medida em que elas são importantes referenciais para a reatualização dos debates acerca da nação e da identidade nacional. Mais informações em LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Revista Comunicação & Educação*, 25. São Paulo, jan/abr 2003.

¹⁶ No tocante à Baixada Fluminense, carregando – desde meados da década de 1950 – um forte estigma da ausência, do descaso social, da pobreza e da violência, onde a atuação Estado, senão vista como inexistente, é minimamente percebida como imperfeita; podemos dizer que a região pode ser enquadrada nos termos que Das & Poole (2008) denominam de margens.

cidade do Rio, como nos mostra Stocco (2009), raras são as produções que trabalham com a imagem de subúrbio¹⁷, afinal, esses lugares – que muitas vezes acionam um imaginário já consolidado pela perspectiva da ausência, da pobreza ou mesmo do atraso – não necessariamente remetem à imagem que os produtores de telenovela querem construir de Brasil¹⁸.

Mas as margens, como nos mostram Das & Poole (2008), não são estáticas. E se por ora elas são praticamente invisíveis, em outro momento, elas podem não somente aparecer, como também resignificar o discurso sobre si. Inserida, portanto, estrategicamente num contexto privilegiado em que a ascensão de uma nova classe social é embalada pelo vigor do lulismo nos anos 2000, a trama traz como enredo principal a vida de Maria do Carmo, retirante nordestina que, fugindo com seus cinco filhos da fome e da miséria do lugar onde morava (Belém de São Francisco, localidade de um Nordeste também imaginado), vem para a Baixada, onde faz fortuna ao ingressar no ramo de materiais de construção na fictícia Vila São Miguel, localizada no município de Duque de Caxias. Logo no dia em que chega ao Rio de Janeiro, Maria do Carmo tem sua única filha roubada por uma das maiores vilãs da década na teleficção, Nazaré Tedesco e, a partir daí, tem como missão de vida encontrar sua Lindalva, o que não a impede de se tornar uma bem-sucedida empresária e viver uma vida feliz ao lado de sua família na sua amada Baixada.

Fazendo, pois, referência a uma saga clássica de nordestinos que chegaram à região nos anos 1960 e antes, *Senhora do Destino* não deixa de ser parte de um movimento mercadológico que, juntamente com outros atores políticos e econômicos (ROCHA, 2014), se atenta ao ingresso de milhões de brasileiros aos padrões de consumo de produtos valorizados pela mídia. Dessa forma, sendo uma forma de valorizar uma classe popular em ascensão, a trama carrega em seu discurso um forte apelo popular, familiar e religioso que acabam por compor um imaginário de povo brasileiro. Além disso, com uma ética do trabalho muito

¹⁷ Certamente estamos cientes de que subúrbio do Rio e Baixada Fluminense não são a mesma coisa, porém, assim como Das & Poole (2008) nos mostram, as margens não são homogêneas. Dando o exemplo de que nem todas as margens apresentam, de alguma forma, uma homogeneidade onde minorias, refugiados ou imigrantes sejam essencialmente similares, as autoras nos apontam para o caráter indeterminado das margens, que acaba por quebrar com a solidez geralmente atribuída ao Estado. Nesse sentido, consideramos que, de alguma forma e, ainda que em suas diferenças e especificidades, Baixada Fluminense, subúrbios, periferias e até favelas são lugares que, ainda que apenas por uma perspectiva da imaginação, podem ser considerados margens do Estado.

¹⁸ Esse Brasil onde a modernidade e a liberação dos costumes é o foco, principalmente se tomarmos em conta as novelas das nove, em que o apelo para um enfoque “realista” é levado mais a sério (STOCCO, 2008, 2009).

marcada, seu autor, Aguinaldo Silva – que não por acaso também apresenta publicamente sua história pessoal de retirante nordestino que, vindo do nada, se tornou o único caso de autor consagrado que entrou para o seleto grupo de autores de novela das oito por sua ampla experiência com o jornalismo (SILVA, 2016) – desenvolve na trama uma ideia de que pobreza não é miséria, e que nem todo morador da Baixada ou do subúrbio é pobre.

Na tentativa de melhor explorar essas e outras questões, propomos para este trabalho que, longe de uma dicotomia binária entre Baixada e Rio de Janeiro, o que se tem quando o assunto é *Senhora do Destino* é, na verdade, um diferente modo de se pensar a nação brasileira por uma perspectiva outra que não apenas pela Zona Sul, ou ainda, uma maneira de se alinhar Baixada e Zona Sul dentro de uma perspectiva nacional. Inicialmente com o pressuposto de que a novela trabalhava com a perspectiva de Baixada a partir de um espelho invertido com a Zona Sul – onde a Baixada passava a ser exaltada em contraposição a um “centro”, que acabava por se tornar “margem” em termos simbólicos – percebemos que esse argumento não se sustentava. Primeiro, porque o Rio continuava sendo exaltado na obra como símbolo de brasilidade e, segundo, porque o espelho invertido vai, aos poucos, se quebrando ao longo da novela, de tal modo que não vai ser a Zona Sul que será adaptada à Baixada, mas, ao contrário, será a Baixada que – a partir da aceitação dos diferentes personagens do núcleo Zona Sul – irá sendo, aos poucos, equiparada à Zona Sul; o que, ao final, lhe conferirá um legítimo *status* nacional.

Sob esse prisma, analisar como *Senhora do Destino* desenvolve sua imaginação de Baixada Fluminense nos será um desafio muito grato, na medida em que nos permitirá pensar como a teleficção se articula dentro de um jogo de discursos do que seja a nação brasileira, bem como que esse jogo não é solto, mas está inserido dentro de um tempo e espaço e que, justamente por isso, está suscetível a mudanças. Desta forma, tendo em vista a consolidação de uma representação hegemônica de Baixada como lugar de miséria, violência e descaso social ao longo da metade do século XX – bem como a emergência da produção de novos sentidos para a Baixada Fluminense a partir de meados de 1990 (ROCHA, 2014) – a presente pesquisa ganha relevância na medida em que pretende explorar o papel da teleficção no jogo de construções de imaginário desse território em disputa, o que será feito a partir de uma obra que trabalha com uma ideia de Brasil que extrapola os limites do eixo Rio-Zona Sul, além de que por uma perspectiva que não necessariamente a da violência, da ausência e da pobreza.

Dessa forma, ainda que a Baixada venha, nos últimos anos, sendo bombardeada pela difusão de novas representações, agora atrelada às noções de desenvolvimento, progresso e mudança social, a pesquisa justifica-se também por se tratar de uma perspectiva nova no que tange aos estudos sobre Baixada Fluminense. Afinal, se temas referentes ao seu imaginário – seja por parte da mídia (ALVES, 2003; ENNE, 2002) ou de outros atores da esfera política e econômica (ROCHA, 2014), – já foram abordados anteriormente, a pesquisa no que tange à sua imaginação pela telenovela ainda é algo inédito.

Em contrapartida, contudo, é válido termos em mente que, apesar da “novidade¹⁹” da abordagem da temática, a obra não rompe com outras representações nacionalistas anteriores. Também fundamentando simbologias em torno de um híbrido brasileiro sincretizado por malandros e trabalhadores (DRUMOND, 2014), *Senhora do Destino* nos apresenta um enredo que – apesar de demarcado pela existência visível de dois grupos, Baixada Fluminense e Zona Sul – acaba por reforçar um campo simbólico mais amplo, que se integra, apesar das diferenças e conflitos internos, dentro de um imaginário da nação brasileira. Nesse sentido, a passagem Rio-Baixada-Brasil é feita, mas agora com um novo apelo na representação do que seja o “legítimo brasileiro” se pensarmos a vida urbana no Brasil. Não é a figura do rico ou do novo rico que mora na Zona Sul a que ganha destaque, mas a do emergente²⁰, que subiu na vida com muito suor e que não se envergonha do lugar de onde veio, mas que, ao contrário, valoriza suas raízes e dá a ela um sentido, inclusive, às suas práticas de consumo. É esse o “tipo brasileiro²¹” valorizado na novela. Um brasileiro batalhador, humilde e que, por meio do trabalho, conquista seu “lugar no mundo” (DRUMOND, 2014).

Tendo em vista melhor desenvolver nossa pesquisa, o presente trabalho demandou um recorte bibliográfico que nos permitisse conciliar esses dois temas que, por si só, são muito densos em termos de produção acadêmica, a saber: as telenovelas e a Baixada Fluminense. No

¹⁹ Apesar de não ser a primeira novela a ter a Baixada Fluminense como cenário, a obra é um marco da teledramaturgia, na medida em que o tratamento e a ênfase dada à região trouxe ao horário nobre uma *performance* incomum à telenovela brasileira que, raramente, eleva outros cenários do Rio de Janeiro – que não a Zona Sul – à condição de centro dramaturgico.

²⁰ Sabemos que várias são as representações do “legítimo brasileiro” ao longo da história. Em nossa literatura clássica, por exemplo, o indígena e o sertanejo são figuras muito presentes. No caso de *Senhora do Destino*, acreditamos que a figura do emergente soma-se a um conjunto de obras – novelas e filmes – que acabam exaltando o trabalhador que tem sucesso na vida como símbolo do nacional.

²¹ Usamos aqui o termo “tipo brasileiro” no sentido weberiano, uma vez que – assim como nos aponta Lopes (2003) – a telenovela utiliza de “tipos ideais” de família brasileira, mulher brasileira, corrupção brasileira, violência brasileira ou mesmo homem brasileiro para compor sua narrativa.

tocante à telenovela, uma vez que nossos esforços giravam em torno da relação entre Baixada Fluminense e imaginário de nação, buscamos privilegiar aqueles trabalhos que tinham como foco o recorte espacial. Nesse sentido, mesclando pesquisas que ora apontavam para a importância da cidade do Rio para a composição da ideia de Brasil pela teleficção – como é o caso de Stocco (2008, 2009) – e ora apontavam para a inserção de novos cenários e temáticas – com ênfase para o trabalho de Drumond (2014) – tivemos como preocupação integrar Rio de Janeiro e Baixada a partir de uma literatura que nos permitisse pensá-los em relação um ao outro, e não em oposição, como inicialmente julgamos. Em termos de análise, portanto, o trabalho etnográfico de Max Gluckman (2010) sobre a situação social da Zululândia moderna nos serviu de inspiração para ilustrarmos como, na novela, se dá essa relação entre Baixada e Zona Sul.

Uma vez que – além do nosso próprio recorte – muitas vezes nosso próprio “campo” demanda de nós uma literatura que inicialmente não julgávamos prioritária, os trabalhos de Heloísa Buarque de Almeida (2002, 2007, 2012, 2015) acerca da relação entre telenovela e gênero também nos foi de grande ajuda, na medida em que – apesar de não ser nosso foco – a questão de gênero foi algo marcado na trama. Além deles, os escritos de Oliven (1982, 1984) sobre o samba ou de Abu-Lughod (2002) sobre o melodrama egípcio também são exemplos de textos que foram aparecendo de acordo que a construção de nosso objeto assim demandava. Nesse sentido, muitas das referências aqui utilizadas foram sendo incorporadas na medida em que nossa pesquisa se deparava com algumas questões às quais elas poderiam nos ajudar a elucidar.

Já no que se refere à Baixada Fluminense, que também é outro mundo de reflexões e produção acadêmica, optamos por dar ênfase àqueles trabalhos que tratam da relação entre Baixada e imagens, tendo em vista as diversas interpretações e possibilidades de olhares e recortes para uma categoria que não aponta para um consenso. Desse modo, sem entrar nos méritos de uma discussão do que seria ou não Baixada a partir de uma perspectiva conceitual – geográfica, simbólica ou social²² – preferimos nos resumir a autores que nos permitissem explorar o tema a partir da construção de seus imaginários.

Nesse sentido, tendo em vista que nosso interesse gira em torno do(s) modo(s) como a Baixada foi sendo imaginada em *Senhora do Destino*, os trabalhos de Alves (2003), Enne

²² Até porque esse não é o foco da nossa pesquisa. Aqui, aliás, gostaria de agradecer ao professor André Rocha pela ajuda na seleção de autores.

(2002, 2004, 2013) e Rocha (2014) foram fundamentais para a exploração das diferentes representações difundidas pelos diferentes atores – como a mídia, políticos, redes imobiliárias – ao longo dos anos, bem como para o entendimento do papel da teleficção dentro desse jogo de imaginários. À luz desses autores – bem como de outros, com Freire (2005) e Barreto (2006) – pudemos, portanto, articular como Aguinaldo se utiliza de tais representações²³ acerca da Baixada Fluminense para compor sua Baixada imaginada pela teleficção.

Para além dos limites exclusivamente acadêmicos, o levantamento documental de biografias, perfis, entrevistas, resumos e resenhas – encontrados em diferentes *sites* da internet também encontrou um espaço – ainda que em menor escala – nessa pesquisa. Dentre todos os materiais coletados, destacamos aqui conteúdo disponibilizado pela própria Rede Globo em seu acervo eletrônico *Memória Globo*, onde a emissora disponibiliza fichas técnicas de seus programas, perfis e testemunhos profissionais, cronologias e até curiosidades de suas produções. Certamente que estamos cientes de que tais fontes não foram produzidas com objetivos acadêmicos mas, ao contrário, estão na maioria das vezes comprometidas com os interesses e necessidade da própria indústria²⁴ (SILVA, 2016). Para fins de análise, contudo, o uso crítico desses materiais nos ajudou a ter uma visão mais ampla da obra e de seu autor²⁵, bem como nos ofereceu dados e questões que a produção acadêmica não nos permitia abarcar.

Juntamente com o levantamento bibliográfico e documental – que, diga-se de passagem, foi o que mais nos consumiu durante a realização da pesquisa – esta pesquisa contou também com a análise da obra *Senhora do Destino*. Já cientes das dificuldades²⁶ de que enfrentaríamos para ter acesso à obra – devido à ausência de arquivos públicos, bem

²³ Também aqui pressupondo que haveria uma dicotomia entre as imagens difundidas pela imprensa e as difundidas pela novela, mais uma vez, nos surpreendemos ao nos depararmos com uma obra que se utiliza, principalmente, das imagens construídas pelo jornalismo para compor a imagem de uma Baixada nacional.

²⁴ No caso do *Memória Globo*, por exemplo, Silva (2016) destaca que seu material não deixa perder de vista sua estratégia autopromocional, bem como sua retórica nacionalista, muito articulada por ocasião da celebração dos 40 anos de fundação da emissora, bem como do contexto de dificuldades financeiras enfrentadas pelo conglomerado que – a partir da explosão de 1999, quando o real passa por uma máxidesvalorização – contrai várias dívidas para viabilizar o investimento no mercado da televisão por assinatura.

²⁵ Com dados, depoimentos e curiosidades sobre Aguinaldo Silva e sua obra, o *site* nos permitiu melhor entender as inspirações e preferências de autor, sua linha de produção, seu pensamento em relação ao formato, bem como o modo como suas características pessoais – com ênfase para o bom-humor – refletem em seus personagens.

²⁶ No caso específico de *Senhora do Destino* a inexistência de DVDs comercializados pela emissora, que costuma colocar à venda suas grandes produções, acabou dificultando ainda mais o acesso à obra.

como pelo controle que a Rede Globo²⁷ exerce sobre seu próprio acervo audiovisual (SILVA, 2016) – optamos pelo acesso do material por parte de colecionadores amadores, o que nos tornou acessível assistir a todos²⁸ os capítulos da obra, bem como tirar as reflexões que traremos ao longo desse trabalho.

Para dar conta de todas as propostas até aqui apresentadas, optei por dividir essa dissertação em três capítulos. No primeiro deles, faço uma apresentação geral da obra: seu enredo principal, autor e as intersecções entre a obra e a realidade. Além disso, já com o intuito de pensar como a novela apresenta alguns elementos que a ajudam a situar dentro de um cenário nacional, tentei explorar como Aguinaldo se vale de temáticas como a questão de gênero, o samba e a política para compor sua Baixada nacional que – ornamentada pelo jogo do bicho – passa a ser composta a partir de um híbrido que mescla legalidade e ilegalidade, malandragem e ética do trabalho.

No segundo capítulo, pegando como gancho o trabalho de Gluckman (2010) busco pensar como se dão as situações sociais no Brasil de Aguinaldo. Dessa forma, primeiramente apresentando a organização social de Vila São Miguel, introduzirei, em seguida, o núcleo Zona Sul da trama, sempre no sentido a apontar como a obra trabalha com a relação entre esses dois núcleos da novela que – apesar de distintos – estão sempre em relação uns com os outros. Nesse caminho, com o foco nas inter-relações entre os moradores da Baixada e os moradores de Copacabana, tento – em última instância – delinear como se dá o funcionamento da estrutura social da comunidade brasileira imaginada em *Senhora do Destino*.

Já no terceiro e último capítulo faço um apanhado geral de como a obra apresentou a(s) Baixada(s) ao longo de seus capítulos. Percebendo que o autor não trabalha com a imagem de uma Baixada estática e unilateral, mas – antes – com a imagem de uma Baixada múltipla, fluida e flexível, que passa de um fim de mundo no meio do nada para o melhor lugar para se viver, amar e trabalhar, buscarei explorar como Aguinaldo se vale das

²⁷ Como nos aponta Silva (2016, p.20) o atendimento da Rede Globo a pesquisadores externos – via Centro de Documentação da Rede Globo (CEDOC) – está condicionado a prover acervos dos principais telejornais. No tocante à teleficação, contudo, o centro apenas possui arquivos do primeiro e do último episódio de cada programa, “uma vez que a versão integral é acondicionada no Projeto Cidade Cenográfica (Projac) e permanece inacessível aos pesquisadores interessados”.

²⁸ Oficialmente, a novela tem 221 capítulos, mas no material que eu tive acesso ela tinha 216. É válido ressaltar, contudo, que a obra não foi cortada na versão que eu assisti, mas apenas a distribuição de seus capítulos, às vezes, seguia uma ordem diferente. Por exemplo, às vezes um capítulo terminava, mas esse mesmo arquivo já apresentava parte de outro.

representações difundidas pela mídia ao longo dos anos, bem como a de outros atores, para compor a imaginação de uma Baixada híbrida, que mescla elementos de uma representação hegemônica e de uma valorização ideal. Além disso, atenta aos diferentes olhares dos personagens sobre a região, tentarei, ainda, demonstrar as contradições e conflitos dos diversos olhares lançados sobre ela que, ao final, acabam se encontrando no elogio de uma recém-descoberta Baixada nacional.

CAPÍTULO I – ENTRE TEMÁTICAS E QUESTÕES, A NOVELA

1.1 Uma Introdução à Obra

Neste primeiro capítulo buscaremos apresentar a novela *Senhora do Destino*, sempre no sentido a tentar iluminar nossa questão central: a Baixada Fluminense imaginada na obra. Desse modo, a partir da exposição de alguns pontos que consideramos importantes para melhor situá-la – tais como o enredo e seu autor²⁹ – tentaremos, de forma mais ampla, demonstrar como a trama se vale de alguns elementos em específico para compor a noção de uma Baixada articulada dentro de um cenário nacional. Sob autoria de Aguinaldo Silva, a novela estréia no dia 28 de junho de 2004, trazendo para o horário nobre a Baixada do povo brasileiro. Seu sucesso³⁰ foi tão grande que, em 13 de março de 2017, ela passou a ser reprisada pela segunda vez no *Vale a pena ver de novo*.

1.1.1 O enredo

Belém de São Francisco, alto sertão de Pernambuco. Uma árvore seca, um cenário vazio. Pequenos *frames* com cortes secos mostram a imagem de um gavião sobrevoando uma região marcadamente pobre e quieta. O silêncio é rompido pela difusão de um cantar triste da ave, que parece remeter ao choro da ausência. É a perspectiva do gavião aquela que primeiro nos apresenta a cena que, aos poucos, vai se revelando. Após dar uma vista panorâmica do local, ele para no telhado do que parece ser o Mercado Municipal da cidade, e de lá observa o burburinho de uma feira ao ar livre. Pessoas caracterizadas com vestimentas humildes – os homens geralmente com chapéu e as mulheres com sombrinha ou lenço no cabelo – compram e vendem galinhas, cabras, comidas e artesanatos. Há também aqueles que tocam sanfona.

E é em meio ao tumultuo que se encontra Maria do Carmo Ferreira da Silva, juntamente com seus cinco filhos: Reginaldo, Leandro, Viriato, Plínio, Lindalva, e a cachorra Baleia. Logo nos primeiros minutos, Reginaldo é flagrado por sua mãe – e pelo gavião que também o observa – roubando uma broa. Depois de exortá-lo publicamente, ela acaba gastando seus últimos centavos na compra de meia dúzia de broas para seus meninos. Já na

²⁹ Para fins de não atrapalhar a fluidez da leitura da dissertação, optei por colocar como anexo um resumo com detalhes de todos os personagens do núcleo da Baixada Fluminense, tendo em vista serem eles muitos.

³⁰ Segundo dados do portal UOL, *Senhora do Destino* foi a novela de maior audiência dos últimos 18 anos. Perdendo apenas para o *Rei do Gado* (1996), que fechou com 52,0 pontos de audiência, a trama de Aguinaldo Silva teve média de 50,4 pontos e 73,7% de participação nos televisores ligados, e pode ser considerada um marco da teledramaturgia nacional.

barca a caminho de casa, Do Carmo, sem dinheiro e sem notícias do marido que há um ano se fora para São Paulo, anuncia às crianças que mandaria uma carta a seu irmão, Sebastião, que já há um tempo estava estabelecido no Rio de Janeiro como motorista particular de Josefa de Medeiros Duarte Pinto, dona do jornal *Diário de Notícias*.³¹ Se tudo desse certo, ela iria com seus filhos para lá.

Eis que aí começa a saga da jovem nordestina que, fugindo da fome e da pobreza – migra para o Rio de Janeiro na esperança de ter um futuro melhor. Vinda de um Nordeste pobre³² – simbolicamente representado pela seca, pela terra rachada e pelo cactus (JESUS, 2006) – Maria do Carmo chega ao Rio de Janeiro com seus cinco filhos no dia 13 de dezembro de 1968, onde se depara com uma realidade muito diferente da sua e da qual não entendia: a ditadura militar. Já há cinco horas esperando Sebastião na rodoviária³³, a jovem decide, mesmo sem o endereço³⁴ – procurar seu irmão em seu trabalho, mas acaba encontrando uma cidade em tumulto devido a uma passeata de estudantes que causara a revolta dos militares.

O cenário é de guerra: policiais armados, tanques e cavalaria avançam para cima de manifestantes que carregam cartazes de protesto e gritam por liberdade. Nas ruas, pessoas são mortas arbitrariamente, e mulheres violentadas em pleno dia. Fugindo com os filhos, Reginaldo acaba sendo ferido na testa por uma bala de borracha, depois de ter jogado bolinhas de gude na rua, que fizeram muitos policiais montados a cavalo caírem. Tentando encontrar um lugar seguro onde pudesse dar assistência ao filho, Maria do Carmo se abriga em um prédio abandonado, onde acaba conhecendo Nazaré.

Vestida de enfermeira e com uma falsa barriga de grávida, a vilã, com cara de anjo, lhe convence a levar Reginaldo a um hospital, onde ela supostamente trabalhava. Acompanhando

³¹ Com o lema “Pela ordem sempre, pela desordem, nunca, parta de onde partir, tenda para onde tender”, o *Diário de Notícias* é um jornal de esquerda que se posiciona abertamente contra o Regime Militar. Em função disso, logo no início da novela o jornal é atacado e obrigado a fechar suas portas. Dona Josefa é exilada do país, e alguns funcionários presos. Antes de ir embora, ela consegue para Sebastião o cargo de motorista na casa do Barão de Bonsucesso.

³² Onde morava em uma humilde casinha de pau-a-pique desde os treze anos, quando se casou com Josivaldo.

³³ Na época motorista de Dona Josefa, Sebastião se atrasara porque, de última hora, teve que levar os editores do jornal às pressas para um sítio do Barão de Bonsucesso, onde ficariam escondidos, já que corriam risco de vida. Os policiais iriam atacar o local.

³⁴ Que ela perdera quando foi ajudar a desatolar o ônibus durante a viagem para o Rio.

Do Carmo e os filhos até o local, Nazaré a persuade a deixar as crianças com ela, já que sabia que pela política do hospital eles não a atenderiam caso ela fosse acompanhada de todos. Ainda insegura, a jovem segue com Reginaldo, deixando com Leandro a responsabilidade de não se desgrudar de Lindalva. As crianças, contudo, acabam sendo enganadas pela vilã que, comprando-lhes com comida, leva a menina para si.

Desesperada, perdida e sem a filha, Maria do Carmo ainda é confundida e levada de barca³⁵ para o presídio de Ilha das Flores, enquanto os filhos são encaminhados para um abrigo de menores. No presídio, ela conhece Dirceu³⁶, que havia sido preso ao enfrentar os policiais no momento da invasão ao jornal. Ele ouve a moça, aos prantos, gritar sua história e descobre que ela é irmã de Sebastião, que trabalhava como motorista no mesmo jornal que ele. Os dois acabam sendo levados a dar satisfação ao diretor do presídio, o Comandante Sarmiento, por estarem conversando de celas diferentes e, mesmo apanhando, Dirceu consegue ajudar³⁷ Do Carmo a provar que havia sido presa por engano. Ela é, então, liberada e solta pelos militares em uma estrada vazia em Caxias que os militares dizem ser o fim do mundo, um lugar para desova de corpos de inimigos. Lá encontra Sebastião, que a leva ao abrigo onde estão seus quatro filhos.

Já com os meninos, Sebastião lhe dá de presente uma casa³⁸, que havia comprado de Tenório Cavalcanti³⁹ que, na época, loteava o local (ENNE, 2004). Na casa, olhando para um quadro com o retrato de Josivaldo, ela diz que gostaria de saber onde o marido se encontrava. Seu irmão, então, diz que um conhecido seu, por meio de uma carta, lhe garantira que Josivaldo estava trabalhando em São Paulo, bem de vida, e com uma nova mulher. Ela quebra

³⁵ Na barca, estava Giovanni. Os dois se conhecem depois que Maria do Carmo tropeça e ele a segura. Naquele momento Giovanni tem a certeza de que ela é a mulher de sua vida.

³⁶ Jovem jornalista com ideais comunistas – que foi preso e exilado do Brasil por alguns anos – com quem ela viverá um romance de mais de duas décadas.

³⁷ É que o porteiro do jornal também havia sido preso e estava sendo torturado pelos militares. Ele podia esclarecer a história para o Comandante Sarmiento, já que sabia que Sebastião iria buscar uma irmã com cinco filhos na rodoviária.

³⁸ Situada nas proximidades onde os militares a deixaram.

³⁹ Polêmico líder político que conferiu à Baixada o título de “faroeste fluminense”, Tenório Cavalcanti foi um dos muitos migrantes nordestinos que vieram para a Baixada. Enriquecendo, tornou-se uma poderosa figura política que mantinha um sistema clientelista apoiado na violência como estratégia de conquista e manutenção do poder econômico e político. Fez muitos loteamentos em Duque de Caxias (ENNE, 2004).

o quadro e rasga a foto do agora ex-marido na presença dos filhos, que nada entendem. Uma nova fase da sua vida estava para começar.

Indo para fora de casa – e com os olhos fixos em uma paisagem vazia – ela desabafa com Sebastião que – vendo Vila de São Miguel vazia – percebeu que um dia a cidade chegaria até lá, e que para isso o povo precisaria construir. Com raiva de Josivaldo e disposta a trabalhar, mudar de vida e dar a volta por cima, a protagonista estabelece, já no primeiro dia em Vila São Miguel, que conquistará uma nova vida a partir de sua inserção no ramo dos materiais de construção:

Do Carmo: E esse bando de terreno vazio por aí?

Sebastião: Já tem dono. Só falta construir.

Do Carmo: Eu sei. Enquanto a gente vinha pela estrada eu tava pensando, por enquanto esse lugar é apenas um ermo, mas um dia a cidade vai ter que chegar até aqui e pra isso o povo vai ter que construir muito. A gente que chegou primeiro pode tirar proveito disso.

Sebastião: Como?

Do Carmo: Eu vou ter que ter meu ganha pão, é ou não é? Pra poder criar meus menino, ir atrás de Lindalva. Eu sempre trabalhei muito, Sebastião. Não vai ser agora que eu vou parar, não. Não vou ficar sentada debaixo daquela árvore vendo esse lugar crescer. Eu sonhava em ter meu lugar no mundo. Parece que esse sonho se realizou. Deus me trouxe até aqui, e vai trazer outros que, como eu, têm o mesmo sonho. Vila São Miguel vai crescer é muito. E a gente pode fazer parte desse crescimento. Sabe como? Vendendo material de construção.

Sebastião: Puxa! Tu ta pensando em botar uma loja?

Do Carmo: Nem que seja uma tendinha. Não tem nenhuma por perto. A gente teve que ir longe para buscar tijolo.

Sebastião: É uma ideia danada de boa. Mas cadê o dinheiro?

Do Carmo: Por acaso tu não tem nenhum guardado?

Sebastião: Tenho, mas não posso deixar o emprego na casa do Barão e me meter numa aventura. Lá é seguro, e aqui?

Do Carmo: Tu entra com o dinheiro e eu faço o resto. Trabalho de sol a sol se for preciso. Por enquanto é um fim de mundo na beira da estrada, mas um dia, parece que eu tô até vendo, vai ser um lugar danado de bonito. Vila São Miguel. É aqui que eu vou criar meus filhos: Reginaldo, Leandro, Viriato, Plínio e Lindalva. Ocê não pense que eu vou me esquecer de Lindalva, não. Eu não vou desistir é nunca de correr atrás dela. Pode passar mil anos e eu vou continuar atrás dela. Mas um dia ela há de voltar para mim.

Olhando, emocionada, para os terrenos vazios em sua volta, a paisagem começa a tomar forma. Com rápidos *flashes* de diferentes registros audiovisuais da Zona Sul do Rio e da fictícia Vila São Miguel sendo mobilizados e sobrepostos para a construção da ideia de dinamicidade, as casas começam a surgir, a praça vai se formando, o distrito vai tomando os contornos que tem durante a trama, e a jovem Do Carmo dá lugar a uma mulher madura e bem sucedida que, orgulhosa, contempla a alegria de um sonho realizado. Vila São Miguel já é um distrito, e ela, dona da *Do Carmo material de construção*.

1.1.2 O autor

Jornalista, dramaturgo e escritor, Aguinaldo Silva nasceu na cidade de Carpina, Pernambuco, em 1944 (ANDROVANDI, 2010). Vindo de uma família muito pobre – definida por ele como “miserável” – o autor apresenta, logo na infância, traços que remetiam ao seu futuro como escritor (ÉPOCA, 2016). Batucando histórias nas teclas de uma antiga máquina de escrever, Aguinaldo nem imaginava que sua antiga brincadeira de infância iria virar coisa séria. Mas de uma coisa ele estava certo, destaca a reportagem: ainda hoje ele brinca enquanto narra.

Apaixonado por Literatura, Aguinaldo escreveu seu primeiro romance, *Redenção para Job*, aos 17 anos. Na época, morando em Recife – onde trabalhava como datilógrafo em um cartório – o jovem decide escrever uma carta para o time que comandava a Editora do Autor, então formada por nomes de peso, como Fernando Sabino, Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Paulo Mendes Campos (ÉPOCA, 2016). De cara argumentando ser um caso raro de precocidade e intuição, cuja obra não poderia ficar restrita às traças do fundo de uma gaveta

qualquer, Aguinaldo Silva consegue fazer com que seu texto vá a prelo e ganhe destaque no lançamento, no Rio de Janeiro e no Recife. Segundo a matéria⁴⁰:

A fama repentina levou o jovem escritor às redações. A partir daí, estabeleceu-se um vínculo jamais desfeito. Silva diz: “Eu não seria o romancista que sou sem ter sido o jornalista que fui”. No livro⁴¹, reitera: “Faço extensas reportagens, enquanto finjo que escrevo romances”. A recíproca é verdadeira. Os textos jornalísticos, inspirados em gente como Truman Capote (seu livro de cabeceira é *A Sangue Frio*), Gay Talese e Norman Mailer, também carregam elementos de ficção. Muitas das figuras descritas nas reportagens não são outra coisa além de personagens. Ótimos personagens.

Já com uma experiência acumulada como editor do caderno de polícia de *O Globo*, o autor estreia na televisão, em 1979, como um dos autores do seriado *Plantão de Polícia*, a partir da indicação do roteirista Leopoldo Serran (SILVA, 2016), que veio a conhecer o aspirante a dramaturgo em um curso de roteiro para cinema que ministrava. Convidado, então, por Daniel Filho para compor a equipe do seriado que acontecia nos marcos da implantação do projeto *Séries Brasileiras*, Silva (2016) argumenta que o sucesso do episódio de estreia – *Inimigo Público* – escrito por Aguinaldo foi fundamental para que seu potencial fosse reconhecido internamente à emissora.

Terminado o seriado, Aguinaldo toma sua experiência como migrante nordestino para compor o roteiro de *Maria Bonita*, exibido pelo programa *Caso Especial* (1981) e que, mais tarde, veio a dar base para a minissérie *Lampião e Maria Bonita*, que narrava o final da carreira do legendário cangaceiro e de seu grupo, perseguidos e massacrados pelas forças policiais do Estado de Sergipe em 1938 (SILVA, 2016). Dividindo mais uma vez a autoria com Doc Comparato, que conhecera na série *Plantão de Polícia*, Silva (2016) destaca que a produtiva parceria entre ambos permitiu com que Aguinaldo consagrasse de vez sua carreira:

A parceria entre os dois roteiristas resultaria em mais duas minisséries realizadas nos anos seguintes: *Bandidos da falange* e *Padre Cícero*. O repertório de narrativas ambientadas no sertão nordestino e na baixada fluminense que constituiu a partir da experiência realizada com os formatos mais prestigiosos (unitário, seriado e minissérie) habilitaram Aguinaldo Silva a operar o único caso de transição direta para o seletivo grupo de autores de telenovelas das oito horas (SILVA, 2016, p.76).

⁴⁰ ÉPOCA. (18/11/2016). “Aguinaldo Silva: de repórter a romancista”.

⁴¹ Referência ao livro *Turno da Noite* – lançado em 2016, pela Editora Objetiva – em que Aguinaldo narra suas memórias dos tempos em que atuou como repórter policial.

Após esses trabalhos, Aguinaldo recebe de Boni um pedido para que escrevesse, junto com a então novata Glória Perez, sua primeira telenovela (SILVA, 2016). Intitulada *Partido Alto* (1984), e exibida em horário nobre, a trama acabou sendo deixada por Aguinaldo por incompatibilidade entre os dois estilos, já que Aguinaldo gostava de escrever em conjunto e Glória preferia trabalhar sozinha. Passando, então, para a produção de *Tenda dos Milagres*⁴², o roteirista faz algumas adaptações na obra para a melhor transposição para a televisão, entre os quais Silva (2016) destaca a supressão do plano presente do livro – que visou atenuar as descontinuidades da narrativa – a reestruturação de núcleo de personagens e a maior ênfase em personagens, no romance original, com menor participação.

Dividido entre minisséries e novelas, o autor escreveu as seguintes novelas da Rede Globo: *O Outro* (1987); *Vale Tudo* (1988), onde dividiu autoria com Gilberto Braga; *Tieta* (1989/1990); *Pedra sobre pedra* (1992); *Fera Ferida* (1994); *A Indomada* (1997), juntamente com Ricardo Linhares; *Suave veneno* (1999); *Porto dos milagres* (2001), novamente com Ricardo Linhares; *Senhora do Destino* (2004/2005); *Duas caras* (2007/2008); *Tempos Modernos* (2010), com Bosco Brasil; *Laços de Sangue* (2010), com Pedro Lopes; *Fina Estampa* (2011); *Império* (2014) e *Boogie Oogie* (2014), com Rui Vilhena. Para 2018, o autor estreará *O Sétimo Guardiã*, obra em que Aguinaldo Silva revelou que irá ressuscitar Nazaré Tedesco⁴³.

1.1.3 Ainda sobre o autor e sua obra: Intersecções entre realidade e ficção em *Senhora do Destino*

Diferente de suas novelas anteriores, em *Senhora do Destino*, Aguinaldo troca o realismo fantástico por uma trama realista (SOUSA JUNIOR, 2006). Dizendo-se cansado de escrever fantasia, e ver mulher voando, o autor se propõe a renovar seu estilo e desafiar a si mesmo ao trazer à tona uma obra que refletisse a realidade⁴⁴. Desse modo, sob a promessa de

⁴² Silva (2016) destaca que, se na versão cinematográfica, o próprio Jorge Amado participou do roteiro, na produção da minissérie, o autor estabeleceu como condição de que a Globo apenas poderia adaptar essa sua obra com Aguinaldo Silva ou Doc Comparato no comando. Mais do que uma questão de preferência, o autor destaca uma posição de resguardo de Jorge Amado diante de um eventual risco de descaracterização da obra.

⁴³ Mais informações em http://www.purepeople.com.br/noticia/aguinaldo-silva-confirma-volta-de-nazare-tedesco-em-novela-segredo-descoberto_a149597/1.

⁴⁴ Segundo Sousa Junior (2006), Aguinaldo até cogitou a assinar a novela com o pseudônimo de Consuelo Meirelles, tal era sua vontade de provar que podia se renovar.

apresentar um trabalho que fosse uma antítese de *Celebridade*⁴⁵ – cuja temática girava em torno das páginas de revista de badalação e do mundo da mídia, sendo o enfoque o sucesso a qualquer custo, ainda que fugaz – o autor se propõe a escrever uma novela que representasse o povo brasileiro (SOUSA JUNIOR, 2006). Segundo o *release* de divulgação⁴⁶:

Uma novela sobre e para o povo brasileiro trabalhador. Uma história sobre pessoas que vencem na vida através do próprio esforço. Uma trama que traz como tema central Maria do Carmo, mãe de cinco filhos, que venceu na vida através de muita luta, mas que terá como grande batalha a reconquista de sua filha, seqüestrada ainda recém-nascida.

Nesses termos, trazendo referências diretas sobre a vida de seu autor, que também é um nordestino que deixou sua cidade natal para viver no Rio de Janeiro, bem como da história do país, *Senhora do Destino* carrega em si vários elementos que desafiam as fronteiras entre realidade e ficção. A começar pelos personagens, o nome da protagonista – Maria do Carmo Ferreira da Silva – é o mesmo nome de sua mãe; assim como Sebastião, é o nome de seu tio, irmão de sua mãe. A personagem de Dona Josefa foi inspirada em três importantes donas de jornais cariocas no período da ditadura: Niomar Moniz Sodré, do *Correio da Manhã*; a Condessa Pereira Carneiro, do *Jornal do Brasil*; e Ondina Dantas, do *Diário de Notícias*. Sobre o assunto, o *site* Memória Globo relembra que:

As três, de origem nordestina, assumiram o comando dos jornais por herança, após a morte de seus maridos. O perfil da personagem se assemelha mais ao de Niomar Moniz Sodré, segunda mulher do jornalista Paulo Bittencourt, dono do *Correio da Manhã*, que morreu em Estocolmo em 1963 e deixou-lhe o jornal em testamento. Niomar era colecionadora de arte e amiga de artistas, tendo sido responsável pela criação do Museu de Arte Moderna do Rio. Contestadora e temperamental, fez forte oposição aos militares em seu jornal, cuja circulação foi suspensa várias vezes por contrariar determinações da Censura Federal. Perseguida pela repressão, foi presa no Regimento Caetano Faria na edição do AI-5. O *Correio da Manhã* não resistiu ao crescente abandono dos anunciantes, resultado da pressão dos militares, e acabou saindo de circulação.

Já o personagem de Giovanni Improtta – que foi eternizado pelo público a partir de frases como “Felomenal”; “Vou pirulitar-me”; “Há malas que vêm de trem”; “Então fica o

⁴⁵ Novela que antecedeu *Senhora do Destino*.

⁴⁶ Depoimento ao *site* <http://www.teledramaturgia.com.br/senhoradest.htm>, citado por Sousa Junior (2006, p.203-204).

dito pelo não dito, o não dito pelo dito e, como sempre, vale o escrito”; “Não esqueça do meu lema: com Giovanni Improtta não tem problema”, “A vaca vai voar”, “O tempo urge e a Sapucaí é grande”; e que, inclusive, é tema de um livro do próprio autor⁴⁷ – é, ainda segundo informações do *site*, uma inspiração do livro *O Homem que Comprou o Rio*, de autoria também de Aguinaldo Silva, e publicado pela editora Brasiliense, em 1986.

Além disso, assim como Dirceu de Castro – o mocinho da história – Aguinaldo Silva atuou por muitos anos como jornalista, tendo sido levado preso em Ilha das Flores por 70 dias, depois de ter escrito o prefácio dos *Diários de Che Guevara*. Seja, então, em sutilezas – como o fato de Maria do Carmo ter reproduzido as mesmas frases que Aguinaldo disse aos militares quando foi preso⁴⁸, ou de a figura do Comandante Sarmiento ser real, tendo sido ele, assim como aconteceu na ficção com Dirceu, quem mandou Aguinaldo para Ilha das Flores, e quem o interrogou atirando dardos em um imenso pôster de Mao Tsé-Tung⁴⁹ – ou a partir da exploração de fatos históricos do país, como a ditadura, Aguinaldo leva ao extremo sua vontade de aproximar ficção e realidade.

Exemplo maior disso foi apropriação do caso Pedrinho, amplamente explorado e dramatizado pelo Jornal Nacional, pela obra (SOUSA JUNIOR, 2006). Tendo vindo à tona em 2002, a história do recém-nascido raptado em uma maternidade de Brasília por uma falsa enfermeira contém vários dos elementos explorados por Aguinaldo em sua trama principal: assim como Nazaré⁵⁰, Vilma Martins seqüestra Pedrinho, que recebe o nome de Osvaldo Júnior, para obrigar seu amante a ficar com ela. Vestida de enfermeira, e sob o pretexto de levar a criança para medicá-lo, ela toma o garoto para si. Fingindo, então, uma cesariana no Hospital de Taquaral, ela consegue enganar a todos, inclusive o suposto pai da criança, que morre sem saber que não era o pai biológico do menino. Além disso, assim como acontece na

⁴⁷ Com o título *Prendam Giovanni Improtta*, e autoria de Aguinaldo Silva, o livro – que é anterior à novela – explora o funcionamento do jogo do bicho, do tráfico de drogas e das escolas de samba no Rio de Janeiro (SILVA, 2011). Mesclando cenas de humor, erotismo e ação, o enredo explora a investigação de um duplo assassinato por parte de um detetive cana dura, que acaba apontando para a figura do bicheiro como autor. Na obra, Aguinaldo revela passagens que a TV e o cinema – já que o personagem também ganhou vida na telona – não puderam mostrar.

⁴⁸Entrevista do autor dado ao portal UOL. Mais informações em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u49650.shtml>.

⁴⁹ Exatamente como aconteceu na novela.

⁵⁰ Segundo Sousa Junior (2006), as atitudes de Nazaré remetem aos mesmos argumentos que o JN utilizou para caracterizar a vilania de Vilma: chantagem emocional, leviandade e mentira.

novela, a família de Pedrinho providencia o envelhecimento do rosto da raptora, feito a partir de um retrato falado da época do sequestro, como modo de tentar encontrá-la. Mas, também como na obra, é por meio de uma conversa de Vilma com umas amigas que uma neta⁵¹ de Osvaldo – o marido enganado – descobre que ela não podia ter filhos há 20 anos⁵², e que toda a história vem à tona.

Do lado de Auxiliadora – a mãe biológica de Pedrinho – assim como Maria do Carmo, ela é apresentada, pelos jornalistas⁵³, como vítima da vilania de Vilma, uma mulher fria e calculista. Apresentada nas reportagens como uma mulher devota de Nossa Senhora Aparecida – mãe que também foi privada de seu filho Jesus⁵⁴ – Auxiliadora é enfatizada como a figura da mãe materna por excelência, que encontrou na fé um meio de manter as esperanças de encontrar Pedrinho (SOUSA JUNIOR, 2006). Tendo guardado as roupinhas do enxoval de seu filho desaparecido como forma de recordá-lo, não desanimou quando foi inicialmente rejeitada pelo rapaz, mas, em sua perseverança, encontrou o triunfo quando o filho, gradualmente vai se afastando de Vilma⁵⁵, aceita sua verdadeira família e, com eles, passa a morar. Desse modo, num jogo de espelhos em que telenovela e jornalismo se misturam, Sousa Junior (2006, p.205) ressalta que:

Sem sair da estrutura do melodrama, promovendo apropriações da narrativa do telejornal, num processo de mixagem entre gêneros, Silva parece usar a propriedade de autor para elaborar uma metáfora que coroa esse fenômeno de mútuas apropriações que caracteriza a televisão: o *casamento* de Maria do Carmo com o jornalista Dirceu; da narrativa ficcional com narrativa jornalística⁵⁶; do *caso Pedrinho* escrito pelo JN, com a *Senhora do Destino*, escrita por Silva e pela audiência.

⁵¹ Na novela, é Cláudia – filha de Zé Carlos – quem acaba descobrindo a história, quando Nazaré comenta com Djenane sobre sua esterilidade.

⁵² Na época, Pedrinho tinha dezesseis.

⁵³ Na obra, também os jornalistas passam a divulgar o “caso Lindalva”, que aponta Isabel e Maria do Carmo como as grandes vítimas.

⁵⁴ Exatamente o mesmo discurso de Do Carmo. Aliás, as duas têm nomes que remetem a títulos de Nossa Senhora.

⁵⁵ Diferentemente da novela, contudo, no fim, Pedrinho não rejeita Vilma, mas – perdoando-a – passa a considerar que tem duas mães. Aliás, sobre comparação entre seu caso e o de Carolina Dieckman em *Senhora do Destino* feita pelo rapaz à Revista Veja (2005 *apud* SOUSA JUNIOR, 2006), ele afirma que: “Ela não aceitou a verdade quando a descobriu, chegou a fugir. Eu tentei ser mais frio, manter a cabeça no lugar e enfrentar a situação”.

⁵⁶ Arriscaria a ir mais longe e dizer que o romance de Dirceu de Castro e Maria do Carmo parece também unir comunismo e ética capitalista. Exagerando, poderíamos dizer que, representados pelos dois personagens, esses

Leitor compulsivo de jornais e revistas⁵⁷, o próprio autor reconhece que está sempre tirando do noticiário e também do cotidiano histórias que, eventualmente, ele poderá utilizar em suas novelas. Tendo, pois, a vida como sua suprema fonte de inspiração, para Aguinaldo, as novelas são um observatório social e se alguém, no futuro, quiser entender alguma coisa sobre o Brasil, terá de consultá-las (ÉPOCA, 2016).

No caso específico de *Senhora do Destino* – veiculada em um momento em que a Baixada ganhava novos contornos nacionais, onde as relações do poder local eram reconfiguradas para além das fronteiras fluminenses (BARRETO, 2006) a partir da candidatura de Lindberg Farias para a prefeitura de Nova Iguaçu – a obra trás à cena uma Baixada que ultrapassa a esfera da violência e da pobreza, já cristalizada em uma representação hegemônica (ROCHA, 2016).

Especialista em temas de figuras populares, locações no Nordeste e Baixada Fluminense, Aguinaldo Silva nos apresenta uma Baixada dos brasileiros. E é exatamente isso que buscaremos abordar nas linhas que se seguem. A partir de temáticas que, percebemos, foram exploradas pelo autor para compor “sua Baixada”, tentaremos entender como Aguinaldo articulou a região dentro de um cenário nacional, já muito consolidado nas telenovelas pela perspectiva da Zona Sul (STOCCO, 2008).

1.2 Análises por Temáticas

1.2.1 Gênero

Ao fazermos uma breve varredura pela internet sobre mulheres e Baixada Fluminense, um dado impressiona: a invisibilidade das mulheres em relação à região só se desfaz nas estatísticas de violência. Em questões de segundo, inúmeras matérias e perfis denunciam crimes cometidos contra mulheres em municípios da Baixada. Segundo o Dossiê Mulher 2016⁵⁸, Duque de Caxias, palco⁵⁹ da novela, é uma das cidades que apresentam as maiores

dois modo de pensar o mundo não só andam de mãos dadas, como dormem na mesma cama – ainda que sem uma união civil oficializada.

⁵⁷ Em depoimento concedido por Aguinaldo Silva para o Memória Globo, o autor diz ler diariamente três jornais, além de todas as revistas semanais. Mais informações em: MEMÓRIA GLOBO, Aguinaldo Silva, Trajetória. Acesso em 20/04/2017.

⁵⁸ Organizado pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro, o Dossiê Mulher é um estudo anual que, desde 2005, busca produzir dados sobre o tema da violência contra a mulher que possam incentivar a

taxas de violência sexual⁶⁰ e também um alto índice de lesão corporal⁶¹. Na Baixada de Aguinaldo, contudo, a história é outra. Apesar de retratar o tema da violência doméstica, a partir da personagem Rita⁶², este, definitivamente, não é o foco da trama.

Tendo a figura de Maria do Carmo como símbolo do lugar onde vive, pensar a Baixada Fluminense em *Senhora do Destino* é, de certa forma, pensar em um recorte marcado de gênero. Dessa forma, a já masculinizada⁶³ Baixada Fluminense – muito estigmatizada em cima da figura de Tenório Cavalcanti (ENNE, 2004) e do *status* de violência dos coronéis, do cangaço, de jagunços, posseiros e grileiros que marcam a história local desde o século XIX (BARRETO, 2006) – abre espaço para as mulheres. E se é a Baixada a grande personagem da trama, Maria do Carmo é, sem dúvida, a personificação dessa Baixada: mulher, nordestina, retirante pobre que venceu na vida e agora acolhe todos os que precisam de sua ajuda. Tal como a Baixada é para os nordestinos, é Maria do Carmo para os pobres da Vila São Miguel.

Apesar de ser seu filho Reginaldo o aspirante a novo mito da Baixada, é Maria do Carmo⁶⁴ quem o consegue, mesmo que sem essa intenção. Substituindo a figura de Tenório Cavalcanti, que era quem mandava em Caxias quando ela chegou ao local, é a vez de Maria do Carmo fazer sua história na região. História essa mais bem sucedida que a anterior. É ela, senhora de seu destino, quem redime e dá cor a uma região antes estigmatizada pela violência e ausências. Dessa forma, se a Baixada de Tenório não passava de um fim de mundo onde corpos eram desovados, um ermo sem eira nem beira no meio do nada, Maria do Carmo, com

produção e análise de estatísticas de gênero, ou mesmo serem utilizadas em políticas públicas voltadas à igualdade de gênero.

⁵⁹ Até boa parte da trama, a fictícia Vila São Miguel é distrito de Duque de Caxias.

⁶⁰ Apesar de o número ter reduzido em relação ao ano de 2015, o município conta com 241 casos de violência sexual a cada 100.000 mulheres.

⁶¹ São 2599 casos a cada 100.000 mulheres.

⁶² No meio da novela em diante, Rita deixa de ser submissa e passa a peitar seu marido, chegando, inclusive, a denunciá-lo. Ela se transforma em uma mulher independente que consegue deixar de ser diarista e passa a ser uma requisitada cabeleireira do único salão da cidade.

⁶³ Para mais informações sobre a relação entre o discurso de violência e valores sociais, como masculinidade, lealdade e honra, Barreto (2006) aponta os trabalhos de Peristiany (1971), Pitt-Rivers (1977), Peristiany e Pitt-Rivers (1992), assim como Herzfeld (1988) sobre honra mediterrânea, como referência.

⁶⁴ Aqui é válido destacarmos que, apesar de Giovanni também ter grande influência sobre a Baixada, sua relação com Vila São Miguel e sua população é bem diferente. Ao contrário de Maria do Carmo que é uma figura com apelo popular e reconhecimento da população como verdadeira fundadora do local, Giovanni – que chegou à área quando ela já estava estabelecida - é reconhecido por todos em função de sua política de gestão da violência. Fora isso, ele não é uma pessoa carismática ou querida por todos.

sua força e sua garra, catalisa o símbolo desenvolvimento econômico e da ordem ao local. Tal como uma mãe acolhe a seus filhos, ela acolhe e ajuda a todos os que a cercam, e por isso é reconhecida como a mãe dos pobres no fictício município onde que mora.

Forte e decidida, ajudou na construção de sua cidade e de cada cantinho de sua casa⁶⁵. Seu individualismo religioso, fortemente marcado por uma exaltação da devoção como uma característica pessoal (ABU-LUGHOD⁶⁶, 2002) foi o que lhe deu forças para enfrentar a vida, criar seus filhos e continuar procurando Lindalva até a encontrar. Tendo colocado a imagem de Nossa Senhora do alicerce de sua casa – uma mulher igual a ela, que sofreu as dores do parto, teve um filho que amou muito e morreu, mas que nunca perdeu a fé – sua religiosidade torna-se fundamental para a construção de uma ética capitalista capaz de dar um sentido pessoal à vida, à luta e ao sofrimento das pessoas (WEBER, 1996) que, pela fé, constroem uma nova Baixada e uma nova vida.

Com o discurso de que ser mulher é uma coisa extraordinária, principalmente pelo fato de que Deus abençoou as mulheres com o dom da criação, Maria do Carmo sempre destaca seu passado de pobreza extrema que já a obrigou a tirar comida de sua boca para dar aos seus filhos. Redimida por seu próprio suor e com muito trabalho⁶⁷ – visto como o único meio de fazer o ser humano ser alguém na vida – a personagem sustenta um ideal feminino tão ou mais capaz do que um homem. Um ideal de alguém que vai à luta e não fica esperando, como ela sempre destaca, “essas esmolas que o governo dá”, já que isso humilha a pessoa pobre. Nesse sentido, diferente de um ideal feminino da classe média – já consolidado na televisão a partir dos anos 80 e 90 – onde o trabalho é visto como realização pessoal⁶⁸; Maria do Carmo

⁶⁵ Segundo Barreto (2006), o modelo da autoconstrução é algo comumente adotado por grande parte dos moradores da região, que contam com uma rede de solidariedade composta por laços de parentesco e também de vizinhança.

⁶⁶ Em seu estudo sobre o melodrama egípcio, Abu-Lughod (2002) destaca que, no Egito, a televisão constrói uma religiosidade televisiva a partir de uma individualização da religião. Sendo assim, geralmente tomando a religião como a origem emocional dos personagens, seus produtores trabalham num sentido a exaltar a fé pessoal, e não o poder de Deus, de tal modo que a devoção seja vista como uma característica pessoal. Com ou sem Deus, a pesquisadora tenta demonstrar que a emotividade dessas produções podem ser, em parte, um esforço para se construir indivíduos com intensa vida interior.

⁶⁷ Como observou Barreto (2006) em sua pesquisa em alguns municípios da Baixada – Nova Iguaçu, Paracambi, Belford Roxo – o trabalho é um valor social muito acionado nos processos de identificação local. Aparecendo como solução para os problemas, ele ocupa um lugar de destaque na fala de muitos moradores locais.

⁶⁸ Para mais detalhes sobre como gênero e sexualidade foram tratados na TV dos anos 1970 a 1990, ver Almeida (2012; 2015). A partir do estudo do seriado *Malu Mulher*, Almeida trás reflexões críticas sobre o modo como a Rede Globo buscava se distanciar da imagem da Ditadura Militar a partir da construção de um ideal feminino com questões da classe média.

exalta um ideal feminino das classes mais populares, onde o trabalho é a condição da mudança, e não escolha⁶⁹.

Abandonada pelo marido quando já tinha quatro filhos e esperava uma menina, a personagem é, ainda, símbolo de autonomia e liberdade sexual. Dona de si, e responsável por seus próprios atos, Maria do Carmo não dependeu de homem para criar seus filhos e construir uma nova vida, tão pouco acredita que é o casamento o sentido de uma vida feliz. Vivendo com Dirceu uma sexualidade não oficializada no civil ou no religioso, é ela quem toda vez recusa os pedidos de casamento do amado que, por mais de vinte anos tenta “oficializar” a relação. Tendo como prioridade outras áreas de sua vida – e não colocando no casamento um fim para a felicidade – para ela, primeiro vem a filha, o trabalho, a família, os amigos e, por fim, sua vida amorosa.

Tal como uma típica heroína melodramática moderna⁷⁰ (ALMEIDA, 2007), Maria do Carmo carrega um ideal de mulher urbana e independente: uma mulher batalhadora que trabalha fora, tem uma vida sexual associada ao amor, é uma mãe dedicada e, ainda por cima, é linda, bem cuidada, maquiada, bem vestida e que consegue conjugar cuidados socialmente “femininos”, como o cuidado com o lar, com os filhos e consigo mesmo, juntamente com sua vida de empresária. Na trama, todos os conflitos pessoais da protagonista se diluem no trabalho, onde as oportunidades são iguais para todos⁷¹. Mesmo quando foi extorquida por Nazaré, quando terminou com Dirceu ou quando foi inicialmente rejeitada por Isabel ao saber de sua história, não esmoreceu, mas encontrou no trabalho um meio de vencer os obstáculos.

Ela, sem dúvida, é o verdadeiro símbolo de feminilidade exaltado na trama: forte, decidida, trabalhadora, bem sucedida e amiga de todos, mesmo que dos mais humildes. O verdadeiro sustentáculo de sua casa e dos que a cercam, seja em sua loja ou na comunidade. Sendo o centro da casa do núcleo que representa, não depende de homem para viver ou ser

⁶⁹ Sob esse prisma, com forte ênfase em uma dimensão individualista e empreendedora – onde o sucesso é fruto do esforço individual – e não de políticas coletivistas e sociais dos governos – a trama de *Senhora do Destino* dialoga com um pensamento liberal que reforça valores como o direito natural da propriedade da herança, a família e a liberdade individual, e que encontra na questão moral e religiosa um forte alicerce. Para autores que discorrem sobre o conceito de Estado e sua relação com a liberdade individual ver, por exemplo, Locke (1978), Rousseau (1983) e Weber (1922, 1979).

⁷⁰ Digo moderna, porque representa um ideal feminino melodramático pós década de 1970. Ver mais em Almeida (2007).

⁷¹ Argumento que é base do liberalismo, embora não seja uma concepção dominante em todas as correntes políticas que discutem a desigualdade social.

feliz, mas, ao contrário, faz com que os homens – seus filhos, Dirceu, Giovanni – dependam dela⁷². Mesmo amando a família acima de tudo, nunca passou a mão na cabeça de seus filhos quando estavam errados e, por isso, acaba se tornando a pior inimiga de Reginaldo, que nunca pensou duas vezes para pegar o que não lhe pertencia.

Numa ponta extremamente oposta está Nazaré que, ao contrário de Maria do Carmo que teve cinco filhos, cometeu cinco abortos. Manipuladora, sem caráter – e não por coincidência, moradora da Zona Sul – toda a sua vida foi construída tendo por base a mentira. Prostituta de um famoso bordel na Rua Alice, mas se passando por enfermeira, Nazaré encontrou no golpe da barriga falsa um meio de deixar de ser prostituta e se tornar uma mulher respeitada da sociedade. O escolhido: um homem rico, ingênuo, casado e já com uma filha recém-nascida. Num único ato – o rapto de Lindalva – Nazaré roubou não somente o direito de uma mãe ter sua filha por perto, e dessa filha ter a oportunidade de conviver e crescer ao lado de sua mãe, mas também roubou a vida de uma mulher que, traída pelo marido, acaba morrendo de desgosto com a separação; tirou de Cláudia a oportunidade de crescer ao lado de seus pais; e de Zé Carlos o direito de saber a verdade de sua própria vida.

Depois do golpe, a megera passa a morar numa confortável casa de dois andares no bairro Peixoto, em Copacabana; onde assume o cargo de rainha do lar e mãe cuidadosa, enquanto deixa a Zé Carlos a providência de todo o resto. Sempre com raiva de todo o resquício do passado de seu marido, Nazaré faz de tudo para criar inimizade entre Isabel (Lindalva) e Cláudia – sua enteada – que passa a morar com ela, ainda criança, depois que sua mãe adoece por conta da separação. Entre suas maiores especialidades estão seduzir todos os homens que encontra pela frente, atormentar a vida da enteada, se fazer de vítima para Isabel e beber conhaque à custa dos vizinhos no Bar do Elias.

Ao longo de toda a trama, Nazaré está sempre envolvida em algum trambique ou tentando se livrar de alguma cilada em que tenha se metido, o que dá certo ar de comicidade à sua personagem. Depois de matar Zé Carlos quando ele descobre que fora enganado⁷³, ela tenta ficar com o seguro que ele deixara para Cláudia. Sem sucesso, extorque 250 mil reais de

⁷² Na trama, é Dirceu o ponto frágil da relação. É ele quem quer se casar com ela; é ele quem vive sua vida em função de sua amada; que se dispõe a fazer de tudo o possível para vê-la feliz, sem cobranças. É ele, inclusive, que desiste da melhor proposta de emprego de sua vida (dirigir a sucursal de um jornal grande em Brasília) para poder ficar perto daquela que ama.

⁷³ Que ele descobre em um programa de TV, onde Maria do Carmo mostra a foto de Nazaré com Lindalva nos braços no dia do rapto, em 13 de dezembro de 1968.

Do Carmo, com a promessa de que contaria sobre o paradeiro de sua filha. Em pouco tempo, contudo, acaba ficando sem nada ao ter que pagar 50 mil para o taxista que a ajudara no encontro com Do Carmo – e que ela acaba matando depois⁷⁴; 60 mil para Djenane – ex-colega de Nazaré que sabe de toda a sua história e reaparece chantageando-a – além do dinheiro que ela teve que usar para quitar a hipoteca da casa e do que ela gastou renovando seu guarda-roupa. Sobre esse lado cômico de seus personagens, Aguinaldo Silva⁷⁵ ressalta que:

O bom vilão é canastrão, faz o telespectador rir. É um pouco como o Tom, do desenho animado *Tom & Jerry*. Ele esmaga aquele ratinho mil vezes por dia, prepara as armadilhas mais ardilosas, mas sempre leva a pior – e todo mundo morre de rir. Os meus vilões são assim. Acho que é esse o segredo. Se você tiver um vilão sério, mau, rancoroso, terrível, as pessoas rejeitam, não gostam.

Dessa forma, refletindo o bom humor que Aguinaldo diz considerar importantíssimo na teleficção – já que a novela, segundo ele, deve ser a válvula de escape por onde o telespectador se distancia um pouco da barra pesada de sua própria vida⁷⁶ – Nazaré entra para a história da dramaturgia brasileira como uma das maiores vilãs de todos os tempos (MEMÓRIA GLOBO). Com uma personalidade psicótica muito marcada pela escada de sua casa⁷⁷ e sua inseparável tesoura⁷⁸, Nazaré tirava risos dos telespectadores com seus insultos – ela chamava Maria do Carmo de “anta nordestina”, Josivaldo era o “flageladão” e Cláudia, sua enteada, era a “songa monga” – e seus momentos em que se autoelogiava em frente ao espelho. Entre suas frases preferidas, estavam⁷⁹: “Gostosa!”; “Impressionante como o tempo só te valoriza”; “Eu sou boa pra dedéu”; “Raposa linda, loira e felpuda”; “Eu nasci linda e loira. Uma alemãzona”; “Loiraça gostosa, gostosona, bocão. Ah, se eu te pegoi!”

Com pose de viúva honesta e sofrida para a vizinhança, Nazaré aparece se prostituindo em várias cenas da novela. Seja em beira de estrada, em bordel, ou até nas ruas do Rio; a vilã

⁷⁴ Nazaré mata Gilmar, como é chamado, em um motel em Botafogo, onde joga um ventilador ligado na piscina onde ele estava nadando.

⁷⁵ Depoimento de Aguinaldo dado ao Memória Globo em 15/08/2011.

⁷⁶ IBIDEM.

⁷⁷ Que ela empurrou Zé Carlos no dia em que ele morreu e vivia querendo empurrar Cláudia.

⁷⁸ A mesma que ela se cortou para fingir um parto normal, e com a qual passa a novela inteira rasgando travesseiros e tentando matar as pessoas.

⁷⁹ Mais informações em Memória Globo, cenas marcantes, *Senhora do Destino*.

está sempre na atividade. Ao contrário de Maria do Carmo, que conquistou tudo o que tem com seu trabalho, Nazaré passa a vida gastando o que os outros construíram e cobiçando aquilo que não lhe pertence. Quando descobre que Maria do Carmo está bem de vida, passa a ter uma verdadeira obsessão por ela. Não bastasse a filha roubada, ela quer seu nome⁸⁰, sua família⁸¹, seu dinheiro, seu ex-marido⁸², e até Dirceu, a quem ela chama de jornalista gostosão, e a quem diz querer conquistar.

Ao fim da novela, já rejeitada por Isabel, seu objetivo de vida passa a ser raptar a criança que a moça está esperando para que ela a possa criar como filha. Não tendo conseguido da primeira vez, quando chega a assistir ao parto de Linda⁸³ vestida de falsa enfermeira, Nazaré consegue, enfim, raptar a criança durante uma viagem que Maria do Carmo faz com Isabel à Belém de São Francisco. Encurralada, contudo, no alto da ponte do Rio São Francisco, ela devolve Linda à Isabel e, numa cena de despedida, lhe dá um último abraço. Dizendo ser o fim da linha para aquela raposa linda, loura e felpuda, Nazaré se joga da ponte como forma de escapar da cadeia.

Nazaré e Maria do Carmo: dois projetos de mulheres muito diferentes, dois universos de vida diferentes, onde apenas uma sai vitoriosa: Maria do Carmo, tida como o autêntico modelo. De um lado, uma mulher fria e manipuladora, que sempre conquistou tudo na vida com trambiques e mentiras. Uma mulher que, derrotada, acaba morrendo por não querer assumir os seus próprios erros. De outro, uma mulher humilde, que veio da pobreza e, por seu próprio trabalho, conseguiu se tornar uma empresária bem sucedida. Uma mulher que é exemplo de mãe, de amiga, de fé e de esperança.

Nesse sentido, representando os valores e ideais das classes mais populares – que, no vigor do lulismo⁸⁴, acabam tendo acesso a bens de consumo antes restritos a outros grupos

⁸⁰ Quando vai para Porto Alegre, Nazaré chega a se apresentar como Maria do Carmo Ferreira da Silva no bordel em que começa a trabalhar.

⁸¹ Nazaré vê em seu relacionamento com Josivaldo um modo de se tornar uma Ferreira da Silva e, de quebra, se tornar madrastra de Isabel e sogra de Cláudia.

⁸² Com quem passa a viver um caso.

⁸³ Filha de Isabel (Lindalva).

⁸⁴ Organizada por André Singer e Isabel Loureiro, a coletânea *As contradições do Lulismo: a que ponto chegamos?*, lançada em 2016 pela editora Boitempo, busca trazer dados e questões sobre o tipo de sociedade, de política e de economia se formou ao final dos doze anos do percurso lulista. Nesse sentido, encarando o lulismo sob o signo da contradição (GÓES, 2017), os autores do presente livro apresentam suas diferentes proposições a

sociais – é Maria do Carmo o grande exemplo de vitória. Aquela que tira a invisibilidade das mulheres da Baixada com sua força e sua garra, e que não deixa de ser um elogio mais amplo a todos os moradores da Baixada, e de outros lugares menos favorecidos, que agora passam a se ver representados como símbolos de brasilidade em rede nacional.

Além disso, sendo Maria do Carmo o símbolo da autonomia feminina na trama, pode-se dizer que a seleção e o tratamento que é dado ao seu personagem – que apontam para um ideal feminino mais independente, livre e relativamente individualizado – são, ainda, reflexos do modo como a obra visava alcançar um público especialmente composto por mulheres⁸⁵. Considerado por muitos produtores como o público consumidor mais fiel desse tipo de produto e, conseqüentemente, aquele que atrai mais anunciantes (LOPES, 2002; ALMEIDA, 2002, 2012, 2015), não sem causa os patrocinadores mais comentados na trama foram a Maggi, com o discurso de que a mulher moderna pode se valer da praticidade sem perder o sabor de seus pratos; e a Natura que – divulgando sua linha *Mamãe Bebê* – buscava enfatizar os sentidos estabelecidos entre a mãe e o bebê a partir do toque e do cheiro.

Nesse sentido, compartilhando com Almeida (2015) o pressuposto de que mídia é uma poderosa ferramenta na construção de sentidos simbólicos – uma verdadeira tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994 *apud* ALMEIDA, 2015) – arrisco dizer que Aguinaldo se propõe a discutir um tipo de feminismo mais voltado para a realidade das mulheres da classe C, tendo em vista as modulações socioeconômicas em curso no país que ele visa captar e expressar na novela. Desse modo, trazendo à pauta temas já iniciados na teledramaturgia em meados de 1970 – como autonomia feminina, violência contra mulher, gravidez na adolescência – juntamente com a conscientização do uso da camisinha, da importância da pílula, o autor parece querer inspirar⁸⁶ as mulheres a planejarem seus filhos, não serem dependentes de

partir de pólos que variam entre o avanço e o retrocesso, a ruptura e a continuidade, o conservadorismo e o progresso. Mais informações em GÓES, 2017. *Revista Outubro*, n.28, abril de 2017, pp. 215-223.

⁸⁵ Para mais detalhes sobre a relação entre telenovela e público feminino, ver Almeida (2002, 2007, 2012); Mira (2003). Já para saber como certas construções de feminino apresentadas em melodramas podem atuar na constituição de uma subjetividade mais individualizada, ver Abu-Lughod (2002).

⁸⁶ Certamente que consideramos aqui que entre as intenções da emissão e a recepção está o processo de negociação de sentidos (MARTÍN-BARBERO, 2009; ABU-LUGHOD, 2002; ALMEIDA, 2007). Como nos mostra Abu-Lughod (2002) em seu estudo sobre o melodrama egípcio, mesmo os telespectadores mais assíduos reorientam suas subjetividades de uma maneira não pretendida pelos produtores. Ainda assim, é válido termos em mente – como bem destaca a autora – que no Egito, bem como no Brasil – onde, segundo ela, os produtores são sérios e progressistas – essas formas culturais são vistas pelo Estado e por seus produtores de classe média como instrumentos particularmente efetivos de desenvolvimento social, consolidação nacional e “modernização”. Mais detalhes em Abu-Lughod (2002).

homens, nem das políticas do governo⁸⁷, mas, antes, a construir seus próprios destinos a partir do trabalho, único meio de fazê-las mudarem sua realidade.

Por fim, é válido termos em mente que, representada principalmente na figura de Do Carmo, mas não se resumindo a ela, a Baixada feminina de Aguinaldo é um lugar acolhedor e alegre, onde são as mulheres as figuras que mais se destacam: Crecilda, melhor funcionária da loja de Do Carmo, é puxadora de samba da Unidos de Vila São Miguel e, no final da trama, consegue gravar seu primeiro disco solo; Leide Daiane, jovem humilde da Comunidade da Pedra que engravidou aos 15 anos e, em seguida, sofreu um aborto espontâneo, acabará se tornando, dezoito anos mais tarde, a primeira brasileira a ganhar o Prêmio Nobel da Paz, depois de se engajar com a paternidade responsável; Bianca, filha de Reginaldo, engatará na carreira política e, sete anos depois, será eleita a prefeita mais jovem do país; e Yara Steiner⁸⁸, se tornará a primeira brasileira a presidir uma multinacional no exterior. Com seus diferentes perfis de mulheres, pode-se dizer que, pelo gênero, a Baixada consegue se colocar à frente da Zona Sul, e se transformar num lugar que é destaque para o Brasil, o que lhe acaba conferindo um legítimo *status* nacional.

1.2.2 Política

Se, por um lado, pensar a questão do gênero é pensar como a Baixada é valorizada em relação à Zona Sul; tratar a política, contudo, é uma maneira de pensar como Aguinaldo equipara Baixada e Zona Sul dentro de um problema maior: a corrupção. Representada, por um lado, pelo vereador, e depois prefeito, Reginaldo e, por outro, pelo almofadinha da Zona Sul, o deputado Thomas Jefferson, a Baixada apresentada na trama é um lugar que sofre com o mal da politicagem suja e irresponsável de políticos que não querem senão o benefício próprio. Nesse sentido, situados, os dois, em um período⁸⁹ em que a Baixada convivia com diferentes perfis políticos – com diferentes estilos e atuações – ambos acabam sendo unidos pelo fato de encontrarem na Baixada Fluminense o *locus* privilegiado para seus projetos políticos (BARRETO, 2006).

⁸⁷ Em vários momentos da novela, as políticas do governo são tratadas como esmolas que só fazem humilhar a pessoa pobre.

⁸⁸ Apesar de não ser moradora da Baixada, Yara passa a morar por algum tempo na casa de Do Carmo, além de que também não pertence ao núcleo da Zona Sul.

⁸⁹ Visto que a segunda parte da trama se passa em meados da década de 1990, época em que a Baixada é marcada pela construção de novos olhares (ENNE, 2004; BARRETO, 2006; ROCHA, 2014).

Do lado da Baixada está Reginaldo Ferreira Silva, filho mais velho de Maria do Carmo, que nunca teve problemas em pegar para si o que pertencia aos outros. Desde criança demonstrando sinais de que gostava de mentir, Naldo de Vila São Miguel, como é conhecido, é um político corrupto que usa da esperança que as pessoas depositam nele como um meio de para tirar vantagens pessoais. Aliado ao partido de direita POP – Partido da Organização Popular – o vereador aproveita-se popularidade de sua mãe para promover a emancipação do então distrito de Duque de Caxias como município, onde pretende assumir o cargo de prefeito.

Apoiado no momento que conferia à Baixada o *status* de um importante território político-eleitoral, já que a década de 1990 é marcada pela emergência⁹⁰ de novos municípios na região, que passa a agregar a maior parte da população do estado do Rio de Janeiro (ROCHA, 2014), seu grande sonho é se tornar um político influente a nível nacional – governador, senador e, quiçá, Presidente da República – a partir de um forte apelo à Baixada Fluminense. Para isso, ele conta com o apoio de Giovanni Improtta, figura de peso na região, que apóia sua candidatura em troca de contratos sem licitação.

Candidato a posto de dono da Baixada em meados de 1993 – mesmo ano em que Zito⁹¹ começa a se tornar um homem público com maiores contornos em Duque de Caxias, ocupando o cargo de Presidente da Câmara Municipal (BARRETO, 2006) – o personagem de Reginaldo parece se situar dentro de um contexto em que figuras populares, como Joca e Zito, estavam se estabelecendo como novos perfis políticos que marcam um novo período político na região, onde a oligarquia rural abre espaço para o *selfmademan* (BARRETO, 2006). Sobre o período em que a novela se passa, é válido termos em mente que:

Após a primeira metade dos anos 90, conviviam na Baixada diferentes projetos políticos que se aproximavam, conforme inúmeras denúncias, tanto pelo clientelismo como pelas formas ilegais de ação: os Abraão David, com a eficiente fusão da contravenção com o carnaval e com o clientelismo político; o grupo comandado por Raunheiti, distribuindo vagas em escolas e creches, e oferecendo consultas e operações médicas gratuitas, tudo financiado pelas irregulares subvenções sociais do Congresso; Zito e Joca, combinando favor e medo, numa reedição moderna e situacionista do “homem da capa preta” [...] O momento de baixa dos setores mais à

⁹⁰ Em 1992, por exemplo, Joca – ex-baleiro, carroceiro, pedreiro e com fama de “matador” – se elege primeiro prefeito de Belford Roxo, até então distrito de Nova Iguaçu, com mais de 80% dos votos válidos. Mais informações em Barreto (2006).

⁹¹ Também migrante nordestino que faz política na Baixada Fluminense. Para mais informações sobre sua trajetória política também procurar por Barreto (2006).

esquerda no espectro político da Baixada ocorria ao mesmo tempo em que se consolidava o atual projeto neoliberal, a partir das cinzas do brizolismo expiatório. As eleições municipais de 1996 aproximavam-se e, com elas, novas mudanças no cenário político. Definida como a nova fronteira econômica e política do estado do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense se tornará cada vez mais estratégica para a economia política do poder [...] (ALVES, 2003, p.116-117).

Na trama, usando de todos os meios possíveis para se promover politicamente e alcançar a maioria dos votos no plebiscito de emancipação, Reginaldo promove showmícios regados a choro com a Bíblia em punho – que incluem abraços em idosos e beijos em crianças, promessas de desenvolvimento local, de emprego, aposentadoria integral e estabilidade. Com um forte apelo popular que o faz chamar seus eleitores de “meu povo”, mas, por trás chamando seus eleitores de populacho, ralé e gatinha, seu personagem, na verdade, sente nojo das pessoas da Baixada, a quem considera imundas e nojentas, e de quem não quer senão o voto.

Com a ajuda de Vivianne Fontes⁹² – sua ex-amante e assessora parlamentar, a quem ele promove como a “Evita Péron” da Baixada – Reginaldo torna-se um homem cada dia mais ambicioso e sem limites, chegando ao ponto de considerar sua própria mãe⁹³ como sua pior inimiga, a quem ele deve liquidar. Após várias falcatruas⁹⁴, em que Reginaldo e Vivianne usam de meios sujos para tornar Vila São Miguel um município, o plebiscito é, enfim, aprovado e, em questão de pouco tempo, Reginaldo assume a prefeitura do local⁹⁵, onde não ficará por muito tempo.

⁹² Aqui é válido termos como paralelo a figura de Zito, que também encontrou em sua esposa Narriman Felicidade – formada em engenharia e com pós-graduação pela Fundação Osvaldo Cruz – uma aliada política que lhe ajudou a ascender politicamente (BARRETO, 2006). Na trama, ao contrário de Reginaldo, Vivianne é formada em Sociologia e tem doutorado em Ciência Política. Para Reginaldo, é ela a grande responsável pela guinada em sua carreira política.

⁹³ Como forma de atrapalhar a vida de sua mãe e saber tudo o que se passava no local, Reginaldo chegou a infiltrar seu pai, Josivaldo, dentro da casa que ela construiu sozinha. Ele também contratou um advogado para que ela tivesse de pagar uma gorda pensão para o ex-marido e, por fim, fez um pacto com a seqüestradora de sua irmã para acabar de vez com sua vida. Com tudo perdido, ele e Vivianne chegam a cogitar a morte de Do Carmo, mas Reginaldo acaba morrendo antes.

⁹⁴ Entre elas, Vivianne chega a dopar Maria do Carmo para que ela não soubesse que Reginaldo usaria explicitamente seu nome com meio de ter aprovação no plebiscito. Ao ser descoberta, ela tenta seduzir Dirceu para que ele não publicasse uma nota sobre o ocorrido. Sem sucesso, Reginaldo contrata uns homens que, encapuzados, impedem a entrada do caminhão que trazia o jornal para a cidade, e põem fogo em todos os exemplares.

⁹⁵ Depois de eleito, vários eleitores comparecem ao seu gabinete cobrando suas promessas: emprego, moradia, tratamento dentário, caixa d’água, cadeira de rodas, mas ele manda sua secretária discretamente os despachar, já que eles não passam de um bando de folgados. Indignado com a audácia daquela gente, Reginaldo é consolado por Vivianne, que lhe diz que isso são ossos do ofício, já que o poder não trás apenas coisas boas.

Tão logo assume o cargo, Reginaldo começa a desviar o dinheiro da prefeitura para enriquecer sua gorda conta nas Ilhas Jersey. Na construção da sede da prefeitura, além de mandar fazer uns anexos, que encareciam as obras e fazia chegar mais dinheiro, Reginaldo ainda chantageia sua cunhada Angélica⁹⁶ a emitir notas fiscais frias para a prefeitura. Sua alegria dura pouco tempo, contudo, porque o esquema é logo descoberto⁹⁷ por fiscais da Receita Estadual que, a mando de inimigos políticos seus, vistoriam a loja de Maria do Carmo que, sem saber da história, acaba sendo levada presa após desacatar os fiscais⁹⁸.

Já com a carreira política em declínio, uma vez que a história das notas frias acaba sendo estampada na primeira capa do jornal mais influente do país – o *Diário do País* – sua situação ainda piora quando, na tentativa de restaurar a confiança do povo – Reginaldo monta um comício na Comunidade da Pedra, onde seu índice de rejeição é maior, por conta da influência de sua mãe sobre o local. É que bem na hora de seu discurso, sua mãe – que já havia rompido com o filho depois de ter sido presa por causa dele, e que acabara de descobrir sua responsabilidade na morte de sua ex-esposa, a quem ele acusou publicamente de adultério – toma sua fala e conta a todos os seus podres e o verdadeiro caráter de seu filho⁹⁹.

Revoltado, o povo se reúne na praça, em frente à Câmara dos Vereadores, para exigir a deposição imediata do prefeito. Em reunião extraordinária, a câmara decide por um *impeachment* contra Reginaldo. Até dona Martinha e Zequinha, fiéis secretários do prefeito, saltam do barco e se voltam contra ele, com a garantia de que são servidores públicos e têm

⁹⁶ Ao descobrir que a moça sabia o paradeiro de sua mãe e mantinha isso em segredo, Reginaldo usa isso como trunfo para tê-la em suas mãos.

⁹⁷ Ao saber da situação, o presidente do POP, senador Vitório Vianna, exorta Reginaldo pelo telefone dizendo que notas fiscais frias é o tipo de coisa que não se usa mais nem em Santa Maria da Boca do Tanque de Roupas Sujas. Como modo de reparação, ele exige que Reginaldo faça uma doação do dinheiro auferido através da falcatura à presidência do partido ou ele o expulsaria. De seu escritório, Vitório diz que Reginaldo é uma topeira mesmo: rouba, não faz e não divide.

⁹⁸ No episódio, Maria do Carmo vai presa justamente para a mesma delegacia que Nazaré, que acaba ficando na cela à sua frente. Sem perder a oportunidade, Nazaré a insulta dizendo que ela não passa de Mara, Maracutaia Ferreira da Silva. Do lado de fora, a população da cidade comparece à delegacia para protestar sua prisão, mas ela acaba tendo que permanecer presa até quarta-feira de cinzas, já que no feriado o serviço público não funciona.

⁹⁹ Maria do Carmo diz em alto e bom som que Reginaldo é um mau caráter que só quer enganar as pessoas, tanto que quando soube que seu filho namorava uma menina da comunidade não hesitou em dizer que iria passar um trator em toda a comunidade. Também diz ele não presta; que como marido e pai ele falhou miseravelmente; e como político não passa de um demagogo, oportunista e falso, que tudo o que ele deseja na vida é enganar e trair a confiança do povo. Feito isso, ela deixa o local dizendo que agora Leila estava vingada, pois ela já tinha mostrado a toda aquela gente a verdadeira cara dele. Agora o resto era com o povo.

estabilidade. Derrotado, Reginaldo deixa o gabinete da prefeitura com Vivianne ao som de vaías e com direito a arremesso de frutas.

Recordando-se, então, do dia em que chegara ao Rio, do combate do povo com a PM e das bolinhas de gude que ele jogara e que fizeram os cavalos caírem, Reginaldo retorna ao momento em fora atingido na testa por uma bala de borracha e, num paralelo, é atingido na testa por um pedaço de paralelepípedo arremessado por Merival¹⁰⁰, seu cabo eleitoral mais assíduo. Na cena, Maria do Carmo aparece em meio à confusão bem a tempo de ver seu filho em seus últimos momentos. Ao chegar, todo barulho acaba e ele, olhando para ela, diz: “É a guerra. É o tanque, mãe. É a guerra”. Caindo, lentamente, Reginaldo morre junto a seu carro, todo sangrando por conta do ferimento. O rei de Vivianne¹⁰¹ havia tombado.

Termina, então, a prematura carreira de um político da Baixada Fluminense que – assim como Joca e tantos outros políticos locais – é morto no auge de sua atuação. Já com dois assassinatos¹⁰² em seu histórico, e com denúncias de esquemas de corrupção, Reginaldo parece representar um tipo político local – um intermediário entre Joca e Zito¹⁰³ – que geralmente acaba entrando nas estatísticas de mortos políticos. Afinal, sempre envolta de histórias de crimes e violência política, a Baixada Fluminense – especialmente representada por Duque de Caxias – é uma região fortemente marcada pela violência associada às práticas políticas e crimes encomendados (BARRETO, 2006).

Já no que se refere ao lado da Zona Sul, Thomas Jefferson é um jovem deputado federal assumidamente populista aliado ao POR – Partido da Ordem Radical – um partido de extrema esquerda. Quase nunca indo à Brasília – onde comparece semana sim, semana não,

¹⁰⁰ Indo pedir explicações para Reginaldo em seu gabinete, Merival se revolta após ouvir de seu líder político que ele nunca foi com a sua cara porque ele tem cara de povo igual àquela turma toda que estava ali fora, de quem ele só tem nojo.

¹⁰¹ No mesmo dia do enterro de Reginaldo, Vivianne começa a sair com o senador Vitório Vianna, presidente nacional do POP, com quem se casa e vai morar em Brasília. Agora sem seu rei, ela passa desfrutar de seu Imperador do Planalto.

¹⁰² Na trama, Reginaldo matou Cigano e Seboso, os dois responsáveis pelo falso sequestro que Reginaldo armou contra seu próprio filho. Tendo saído impune nas duas mortes, ele morre sem que essas duas mortes sejam contadas

¹⁰³ Tal como Zito, Reginaldo é um líder com forte apelo popular que, vindo do Nordeste, encontra em uma mulher mais estudada um meio de ascender politicamente. Ao final, contudo, tal como Joca, acaba morto precocemente quando estava no auge de sua carreira. Ao contrário das figuras de Joca e Zito, contudo, a atuação política de Reginaldo é marcada por uma falta do cumprimento de suas promessas – e não por uma eficiente ação social que substitua o poder público, muito marcada pela informalidade da resolução de problemas sociais (BARRETO, 2006).

duas vezes na semana – Thomas sempre usa de seu prestígio para conseguir benefícios ao seu favor. Raramente comparecendo ao seu gabinete no Rio de Janeiro, é figura marcante no clube de golfe e em restaurantes caros, onde paga com seus vales a sua refeição e a de seus convidados. É do tipo de político que nomeia amigos e conhecidos para trabalhar em cargos ociosos, sem terem passado por concurso público, e que ainda se justifica dizendo que se ele não usufruir dos benefícios que o governo pode lhe dar, outros desfrutarão em seu lugar.

Ambicioso – e almejando vãos maiores – Thomas encontra na Baixada o lugar perfeito para dar uma guinada em sua carreira política e, de quebra, destacar ainda mais seu apelo popular-radical. Para tanto, ele decide se candidatar a prefeito de algum município da Baixada, apenas mudando seu município eleitoral. Como não conhecia a região, que considera um fim de mundo, Thomas opta por apoiar a candidatura de Reginaldo¹⁰⁴ para prefeito da já emancipada Vila São Miguel, já que sabia da influência que ele tinha na região e que, por isso, poderia ajudá-lo a se tornar prefeito de Duque de Caxias, onde ele acredita ter grandes chances de ganhar.

Logo em sua primeira visita ao local, Thomas é recebido na casa de Giovanni, que lhe desperta grande interesse, em função de seu dinheiro e da posição importante que ele desempenha no local, onde é tido como mito da Baixada. Pedindo para conhecer a escola de samba, Thomas lhe abre jogo e diz que gostaria que ele financiasse sua campanha. Assim como fez com Reginaldo, Giovanni cede, em troca de uma concessão de linhas de ônibus, já que agora está pleiteando se envolver no ramo dos transportes públicos.

A partir de então, visando consolidar sua inserção na região, Thomas começa a frequentar mais a Baixada Fluminense e ser figura marcada na quadra da escola de samba Unidos de Vila São Miguel. Ainda interessado nas vantagens que Reginaldo pode lhe oferecer, o jovem deputado chega a cogitar a possibilidade de, junto dele, fundar um partido novo, o PTIP – Partido dos Trabalhadores da Iniciativa Privada¹⁰⁵ – uma agremiação política, segundo Vivianne, destinada a mobilizar os trabalhadores da iniciativa privada a lutarem por seus direitos, que seriam iguais aos do serviço público: estabilidade, aposentadoria integral,

¹⁰⁴ Que, recebendo-o, diz ser uma honra tê-lo em seu curral. Para Reginaldo ter Thomas Jefferson ao seu lado significa poder se dizer um político de esquerda, o que, segundo ele, dá muito prestígio a um candidato e maior credibilidade à sua campanha. Quando indagado por seu pai se o partido dele não era de direita, ele responde que seu partido é de possibilidades. É uma mão na cruz e outra no cravo, finaliza.

¹⁰⁵ A ideia de Reginaldo era formar uma dobradinha já para as eleições de governador, onde ele seria o titular e Thomas, vice.

incluindo alguns bônus que são idéias originais deles. Depois que engata um relacionamento com Nalva, contudo, Thomas desiste de seguir carreira na Baixada e – com ciúmes de dividir Nalva com a escola de samba – acaba se casando com ela e a levando para morar em Brasília, onde pretende ficar.

Dois políticos. Dois destinos muito diferentes. Do lado da Baixada, a figura de Reginaldo, um político local que acaba morto e parece remeter ao estigma da violência como elemento da vida política da Baixada (BARRETO, 2006). Do outro, a figura de Thomas Jefferson¹⁰⁶ – um lindo e jovem deputado federal que faz parte de um partido de extrema esquerda e possui fama de radical e mulherengo. Um morador da Zona Sul que quer se tornar prefeito de Duque de Caxias mudando seu distrito eleitoral e que, por isso, passa a frequentar a Baixada e, mais especificamente, a escola de samba, como meio de se inserir no local – que termina a história feliz, casado e morando em Brasília.

Em última instância, trabalhando com a ideia de que a corrupção é um mal generalizado em todo o país – o que fica subentendido na fala de alguns personagens, inclusive na de Do Carmo – Aguinaldo trás para a cena a figura de dois tipos políticos que, igualmente, encontram na Baixada em ascensão um meio de se promoverem politicamente e viverem à custa do governo. Abordando o tema da política no vigor de 2004, quando Nova Iguaçu transforma-se no palco de uma das eleições mais noticiadas do ano¹⁰⁷ (BARRETO, 2006) Aguinaldo parece ter pegado carona nesse momento em que todos os holofotes se voltavam para a Baixada para, mais uma vez, reafirmar sua Baixada nacional.

1.2.3 Samba

O ronco da cuíca e a bateria sempre impecável de Mestre Guina não deixam mentir: em Vila São Miguel, carnaval é uma brincadeira muito séria. Ligado à figura de Giovanni Improta e seu filho, João Emanuel, o samba aparece desde o início da novela muito bem representado pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Vila São Miguel, uma pequena escola que, com mais tradição do que prestígio, não perde as esperanças de alcançar

¹⁰⁶ Que, diga-se de passagem, lembra muito a figura de Lindberg Farias: Líder do movimento dos “cara-pintada”, que foi eleito o deputado federal mais votado de seu partido em 1994 (ano mais ou menos em que o enredo da novela se passa); que também tem fama de radical e mulherengo; e que, em 2004 (ano em que a trama foi exibida), concorre e vence as eleições para a Prefeitura de Nova Iguaçu, onde passa a residir e frequentar escolas de samba, restaurantes e bares como meio de reforçar sua inserção no local. Mais informações em Barreto (2006).

¹⁰⁷ Representada, principalmente, pelos candidatos Mário Marques e Lindberg Farias (ROCHA, 2006).

o grupo de acesso do carnaval carioca. Uma vez, portanto, que é a preparação do carnaval e os ensaios na quadra um dos temas mais enfatizados na trama, pode-se dizer que o samba é um importante elemento¹⁰⁸ que inverte a relação centro-periferia e dá o tom de brasilidade à Baixada.

Ritmo musical originado no Rio de Janeiro – com influências da Bahia – que tornou-se um verdadeiro ícone da cultura nacional ao ser apropriado pelo Estado Novo, com sua postura nacionalista e centralizadora (OLIVEN 1984, STOCCO, 2008), o samba foi o elemento da trama que ajudou a caracterizar a Baixada para além do estigma de violência ou ausências. Sempre rodeada de pessoas alegres e com diferentes perfis, a quadra da escola de Unidos da Vila São Miguel é um mix de samba no pé, corpos sarados, mulatas faceiras, catolicismo popular e, claro, uma pitada de malandragem.

Dirigida e patrocinada pela figura de um ex-bicheiro¹⁰⁹ que salvou a escola da falência, e também por seu filho, um típico malandro¹¹⁰ que exalta a malandragem como estilo de vida¹¹¹, a escola de cor laranja e branco é uma mescla de vários dos elementos que compõem um imaginário tipicamente brasileiro e que a enquadram dentro de uma perspectiva nacional. Com um forte apelo popular, seus integrantes são pessoas simples e batalhadoras que passam o ano inteiro na labuta para conseguirem fazer bonito na Sapucaí e mostrarem o valor do povo brasileiro. Um povo sofrido e guerreiro que não descansa e dá todo o seu sangue para ser reconhecido em seus valores, mas que também conta com a ajudinha de Deus e a intercessão de São Jorge para alcançarem a vitória.

À frente da escola está o carnavalesco Ubiracy, que é quem realmente coloca a Unidos de Vila São Miguel para funcionar. Sempre na correria, é ele quem cria o enredo, desenha fantasias, coloca em ordem alas, alegorias, adereços, além de gerir passistas, mestre-sala, porta-bandeira, baianas, bateria, ritmistas, puxador do samba e diretor de harmonia. Com a atenção voltada aos mínimos detalhes, aparece sempre dando bronca nas pessoas e exigindo delas o melhor: nada de bordado mal feito ou cola aparecendo nos adereços, afinal, os

¹⁰⁸ Juntamente com a ética do trabalho, o samba vai colocar a Baixada em relação ao Rio de Janeiro, cidade que, por razões históricas, aciona uma identidade nacional (STOCCO, 2008).

¹⁰⁹ Que acaba representando a íntima relação estabelecida entre a “cúpula do jogo do bicho” com a Liga das Escolas de Samba a partir do início dos anos 1980 (MISSE, 2007).

¹¹⁰ João Manoel é um cara que sempre usa calça branca, blusa aberta e colar de ouro.

¹¹¹ Para o rapaz, a vida se resume a mulher e escola de samba.

detalhes é que fazem a diferença. Seu jeito espalhafatado de “bicha escrachadinha” (FRANÇA, 2012) lhe confere um tom popular que parece remeter à diversidade e à alegria do povo brasileiro, que mescla de tudo um pouco. Não por acaso ele – loiro, *gay* e dos olhos azuis – tem um nome tupi-guarani e o discurso de que todo brasileiro deveria ter nome típico¹¹².

Tomando, pois, o samba como símbolo da unidade nacional – um verdadeiro agregador das diferenças – Aguinaldo faz o uso do imaginário que ele aciona para situar a Baixada Fluminense dentro desse contexto nacional já fortemente marcado pela cidade do Rio de Janeiro (STOCCO, 2008). Assim sendo, ao substituir a feijoada – já consolidada como um símbolo da nossa nacionalidade (OLIVEN, 1982) – pela buchada de bode, o autor alarga a referência de país ao trazer um prato tipicamente nordestino – que, em última instância, representaria a marca da migração nordestina para a Baixada – para dentro de uma prática já consolidada no mundo do samba: o tradicional almoço na quadra das escolas.

Nesse caminho, o discurso que Giovanni faz para os integrantes da comunidade na noite de Ano Novo demonstra como é forte na trama esse paralelo Nordeste-Baixada-Brasil. Destacando que o enredo *Senhora do Destino: a saga de uma migrante nordestina* não tem nada a ver com o sonho do Imperador da França ou a grande viagem maravilhosa ao reino de Salomão de Sabá, porque isso é coisa de gringo, Giovanni enfatiza a brasilidade do tema que, segundo ele, vai contar no gogó, no pé e na raça o valor da Baixada Fluminense, do povo nordestino e do povo brasileiro.

Símbolo desse poder integrador do samba foi o dia do desfile das escolas de samba, único e grande momento em que todos os núcleos da trama pararam para desfilar ou assistir ao evento que interseccionou as diferentes camadas sociais da novela dentro de um único sentimento nacional. Seja de camarote VIP, assistindo sozinho em casa, com o marido, com a família e amigos, ou até saindo nos blocos de rua, o carnaval tomou conta de todos os personagens e desafiou as fronteiras entre realidade e ficção.

A partir de uma mescla de imagens reais da Grande Rio¹¹³ na Avenida – onde os atores caracterizados de seus personagens compunham uma ala própria – com cenas montadas

¹¹² Só em sua família são ele e mais três: Ubiratã, Ubirajara e Jaçanã.

¹¹³ Inicialmente com o nome G.R.E.S Acadêmicos de Duque de Caxias, a Acadêmicos do Grande Rio – como é hoje conhecida – foi, segundo informações do próprio *site* da escola, fundada no dia 22 de setembro de 1988, tendo Milton Abreu do Nascimento, conhecido como Milton Perácio, como presidente eleito; Jayder Soares –

para a novela, o momento do desfile apresentado na obra contou com efeitos especiais anunciando a Unidos de Vila São Miguel entrando na Sapucaí e a participação de Luciano Huck como repórter responsável por situar cada escola na Avenida.

Com uma comissão de frente composta por Isabel¹¹⁴ (Lindalva) segurando um neném de colo e cercada de quatro crianças, representando a jovem retirante Maria do Carmo com seus cinco filhos no dia em que chegou ao Rio de Janeiro, a cena do esperado desfile da Unidos de Vila São Miguel na Marquês de Sapucaí coroou a lógica da inversão onde a Baixada vira centro, ao ressaltar a imagem da Baixada Fluminense como símbolo de uma identidade nacional, o que é reforçado no samba-enredo criado para a trama:

Alô, alô, Baixada

Diz o ditado, quem espera sempre alcança

Quem é bom já nasce feito

Nunca perde a esperança.

A Senhora do Destino é força, é fé

É valente, é dona desse chão

Retirante do sertão, é alma, é coração

Com seus filhos, fugindo da fome e da dor

Em busca de sonhos de amor

Maria do Carmo chegou

Em meio à revolução

O povo lutando, seguindo a canção

E a luta continua

que é mencionado por Giovanni Improta como aquele que ajudou a colocar a Unidos de Vila São Miguel na Sapucaí – como presidente de honra, e o deputado Messias Soares como patrono. No ano em que a novela apresentou seu desfile, ou seja, em 2005, a escola – sob o patrocínio da Nestlé – trazia o enredo “Alimentar o corpo e a alma faz bem”, do carnavalesco Roberto Szanieck, e o samba enredo dos compositores Barberinho, Competência, Marcelo, Bitar, Levi Dutra, Licinho, Mingal, Deré, Ciro e Lecoleco. Na ocasião, a escola ficou em terceiro lugar; o que foi também adaptado por Aguinaldo na trama, onde a Unidos de Vila São Miguel também ocupou o terceiro lugar.

¹¹⁴ A essa altura da trama, Maria do Carmo já havia encontrado e se entendido com sua filha.

Dia e noite, noite e dia
Quem podia imaginar o destino de Maria
(repete)

Uma história, um caso de amor
O jornalista
O tempo passou, sem aviso chegou
O sambista
Lá na Vila São Miguel
Que a vida recomeçou
Tratando sua gente com afeto e calor
No trabalho mostra seu valor

Exaltada como o lugar onde os nordestinos – representados pela figura da protagonista – são acolhidos e onde, pelo trabalho, constroem sua vida e sua história, a Baixada é, enfim, colocada em sintonia com um imaginário de povo brasileiro que não se deixa abater pelos infortúnios, não desiste nunca e está sempre correndo atrás dos seus sonhos. Dessa forma, unindo centro e periferia, ricos e pobres, asfalto e favela, Baixada e Brasil, realidade e ficção, pode-se dizer que o samba foi, sem dúvida, um importante elemento trabalhado por Aguinaldo para construção de sua Baixada nacional.

1.2.4 Jogo do bicho e ilegalismos

Por último, mas não menos importante, o jogo do bicho é aquele elemento que, digamos, dá o tom à Baixada e a coroa como que uma cereja no bolo. Marcado principalmente pelo personagem Giovanni Improta (José Wilker), ex-bicheiro que se torna empresário legalizado e bem sucedido da Baixada Fluminense, o tema do jogo do bicho percorre, ainda que de uma forma bem sutil, todos os capítulos da novela. A partir de um personagem atrapalhado – com um português recheado de neologismos, vícios de linguagem, marcadamente exuberante em seu jeito de vestir¹¹⁵ – a novela joga com a figura de um

¹¹⁵ Sempre de terno colorido e ornamentado com gravata borboleta, que é sua marca. Vira e mexe ele faz mix de estampas.

homem aparentemente inofensivo, mas que, por outro lado, seja talvez o mais sóbrio da trama.

Com um passado que inclui assassinatos e desovas de corpos de inimigos no Rio da Guarda – o que é revelado em pequenos detalhes ao longo de toda a novela – seu personagem camufla a realidade de uma Baixada que – na ausência de um poder público atuante – centraliza seu poder na mão de poderosos locais, entre os quais estão os empresários (BARRETO, 2006), que passam a cumprir a gestão da violência (TELLES, 2012). Nesse sentido, mesclando elementos que – ora revelam uma Baixada da alegria e do samba, da ética do trabalho e da solidariedade, e ora apontam para a imaginação de um estigma voltado à violência velada e sem nome (BARRETO, 2006) – Aguinaldo parece situar a Baixada dentro de uma imagem híbrida da legalidade e da ilegalidade.

Prova disso é a figura de Giovanni. Ex-chefe do jogo do bicho ligado ao carnaval, empresário financiador da política local e responsável pela gestão da violência e da ordem na Baixada Fluminense, Giovanni Improtta – sem dúvida – é o personagem que melhor representa a imagem de uma Baixada que se perde nas porosas dobras do legal e do ilegal (TELLES, 2009). Seu novo modo de vida, agora ligado ao samba, revela a faceta de uma Baixada onde a associação entre política local, jogo do bicho e escolas de samba é prática já estabelecida, que encontra no município de Nilópolis e na família Abraão David¹¹⁶ um dos exemplos mais significativos (CAVALCANTI, 1993 *apud* BARRETO, 2006; ALVES, 2003).

Apresentado na trama quando vai preso em uma barca – que só carregava os chefões do jogo do bicho – para o Presídio Ilha das Flores no mesmo dia em que Maria do Carmo chega ao Rio de Janeiro, onde a acaba conhecendo depois que ela lhe pisa no pé e ele a segura, Giovanni é o que poderíamos chamar malandro herói. De cara se apaixonando por Do Carmo, Giovanni decide largar a vida como contraventor depois que a reencontra, alguns anos depois, já estabelecida em Vila São Miguel. Já cansado de competir com o governo bancando o jogo – e tendo feito seu pé de meia com o que conseguira ganhar com sua vida fora da lei –

¹¹⁶ Segundo Cavalcanti (1993 *apud* BARRETO, 2006), as famílias David e Abraão David entraram para a política no período da ditadura, e logo estabeleceram relações com interventores federais. Inicia-se, assim, segundo a autora, a união entre contravenção e política que acaba por marcar a imagem de Nilópolis, nessa época já emancipada de Nova Iguaçu. Mais informações em Cavalcanti (1993).

ele decide investir no ramo do *fastfood*, como forma de se tornar um homem honesto, que esteja à altura de sua amada¹¹⁷.

Tornando-se, então, um importante empresário local que se orgulha em dizer aos quatro ventos que agora é um homem legalizado, um empresário honesto que não deve nem à polícia nem ao fisco, analisar sua atuação na Baixada, contudo, é considerar como são flexíveis e porosas as dobras do legal e do ilegal (TELLES, 2009, 2012). Dono de uma rede de *fastfood* espalhada por toda a Baixada, Giovanni ainda se vale de meios não convencionais para aumentar seu patrimônio. Com o discurso de que dinheiro existe para circular e que o mundo é dos picaretas, Giovanni é o tipo de sujeito que apóia e financia campanhas políticas¹¹⁸ em favor de benefício próprio.

Além desses seus negócios extras, Giovanni ainda é responsável pela gestão da violência e da ordem na Baixada. Dessa forma, sendo aquele que gere a ordem da Baixada através de mediações, protocolos e códigos distintos da normatividade oficial (TELLES, 2012), Giovanni usa sempre os seus velhos contatos da época da contravenção como forma de resolver algum problema que venha a acontecer em sua área, tais como sequestros, sumiços, roubos, entre outros. Vez ou outra, ele também encomenda algum serviço, entre os quais está desovar algum desafeto no Rio da Guarda ou no Canal do Mangue, dependendo da situação.

Entre seus principais contatos está Madruga, velha amizade de Giovanni que ainda é metido com os negócios ilegais. Conhecido por uns como banqueiro do bicho e, por outros, como corretor zoológico, Madruga se diz mesmo é contraventor, com muita honra. Eterno admirador de seu mestre, Dom Giovanni Improtta, de quem ocupou o lugar, Madruga é um sujeito gaiato, líder da confraria dos contraventores, que está sempre a postos para ajudar Giovanni no que ele precisar. Dividido entre prostitutas, sua família e Giovanni, ele e seus “trigêmeos” Mão Santa, Branca de Neve e Pequeno são trabalhados na novela de forma bem

¹¹⁷ Enquanto a espera, contudo, vai se relacionando com mulheres bem mais jovens do que ele.

¹¹⁸ Como já vimos, na novela ele apóia a campanha de Reginaldo, em troca de contratos sem licitação com sua empresa, e também a do deputado federal Thomas Jefferson, que lhe prometera concessões no ramo de transportes públicos.

humorada e suave¹¹⁹, e passam a história inteira ocupados com as demandas de Giovanni, o rei da Baixada.

Nesse sentido, apresentada de modo positivo como a forma mais eficiente de gestão, pode-se dizer que os ilegalismos são os elementos que diferenciam a Baixada da Zona Sul que – não por acaso – não funciona tão bem como a Baixada no que se refere à resolução de conflitos. Sendo Giovanni a figura que catalisa o funcionamento de uma Baixada onde os problemas são resolvidos, em algumas cenas ele aparece solucionando situações que a polícia não conseguiu resolver, o que fica claro, por exemplo, quando é ele – e não a polícia que Thomas havia acionado – quem consegue resgatar o Barão das mãos de uma terrível quadrilha de Duque de Caxias¹²⁰; assim como é ele quem consegue salvar o conjunto de esmeraldas de Dona Laura das mãos de assaltantes¹²¹, ao passo que – ao final da novela – a polícia acaba deixando-as cair no fundo do mar¹²². A Baixada, nesses termos, é coroada como o lugar onde nem sempre a forma legal é mais eficiente de se agir.

¹¹⁹ Na cena em que consegue, finalmente, colocar as mãos em Nazaré, ela o enrola, o leva para cama, o chama de cavaleiro e foge pela janela numa Teresa. Madruga fica deprimido, e pede a Giovanni que o console. Sem paciência, Giovanni diz que não se fazem mais contraventores como antigamente, ao passo que conclui: “Imagina se o Natal da Portela, mesmo tendo um braço só, ia ficar deprimido, ainda mais por causa de mulé”.

¹²⁰ Como veremos melhor adiante.

¹²¹ Na ocasião, Giovanni e sua trupe salvaram Dona Laura de um assalto no centro do Rio, quando ela, em um lapso de memória, passeia tranquilamente pelas ruas com seu conjunto de esmeraldas e diamantes. Pegando os rapazes no ato, Giovanni dá ordens a Madruga para que os rapazes “tomem banho” no Canal do Mangue, já que lá não tinha o Rio da Guarda.

¹²² Assim que descobre que Dona Laura venderia o conjunto de esmeraldas que ela sempre cobiçara para Giovanni, Gisela se aproveita de uma situação em que estava vai à casa da Baronesa e as furta para si. Mesmo sem as jóias, Giovanni faz questão de manter o acordo e pagar à Dona Laura o valor combinado. No fim das contas, Alfred descobre as jóias escondidas no frigobar de Gisela e a intima a ir à Baixada e entregá-las a Giovanni. No caminho, o pneu do carro estoura e Gisela é assaltada por um rapaz que, pego pela polícia enquanto fugia em um navio, joga a bolsa roubada com as jóias no fundo do mar.

CAPÍTULO II – ENTRE BAIXADA E ZONA SUL: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIAL NO BRASIL DE AGUINALDO

2.1 A Organização Social em Vila São Miguel

Em *Senhora do Destino*, a comunidade Vila São Miguel é um fictício distrito de Duque de Caxias que, com pouco mais de 25 anos de existência, acaba se transformando em município, após aprovação de um plebiscito popular encabeçado pelo filho mais velho da moradora mais ilustre do lugar: Maria do Carmo Ferreira da Silva, uma retirante nordestina que, fugindo da fome, faz história no lugar, sendo – juntamente com seu irmão, Sebastião – sua principal fundadora. Apesar de ser um pequeno município da Baixada Fluminense, com poucos milhares de habitantes e um PIB¹²³ que não ultrapassa \$ 2.500.000,00; Vila São Miguel não forma uma comunidade homogênea, mas, ao contrário, está basicamente subdividida em dois diferentes núcleos que se inter-relacionam o tempo todo: os moradores do centro de Vila São Miguel, onde a economia é dinâmica e a Baixada é apresentada em termos ideais de produção e consumo (ROCHA, 2014); e os moradores da Comunidade da Pedra, área periférica da cidade, marcada pela falta de infra-estrutura, pobreza, carência e problemas sociais – tais como drogas, violência doméstica e gravidez na adolescência – que mais parecem encaminhar para uma já consolidada representação de Baixada como lugar de ausências, pobreza e descaso social (ROCHA, 2014). Para as linhas que se seguem buscaremos apresentar separadamente cada núcleo, bem como indicar como eles se relacionam dentro da trama.

2.1.1 O centro da cidade

No núcleo economicamente dinâmico de Vila São Miguel, a economia é, em sua maior parte, sustentada por dois empresários locais: Maria do Carmo Ferreira da Silva e seu fiel amigo, e agora marido, Giovanni Improtta. Dona da mais famosa loja de materiais de construção da cidade, Maria do Carmo é uma empresária bem sucedida que só vende produtos de primeira linha e atende em sua loja demandas de várias localidades do Rio de Janeiro,

¹²³ É sabido que muitos dos novos sentidos atribuídos à Baixada se sustentaram pelos elevados índices do PIB de alguns municípios da Baixada que, em meados dos anos 2000, chegaram a alcançar o ranking dos dez maiores do país, como foi o caso de Belford Roxo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu (ROCHA, 2014).

inclusive da Zona Sul¹²⁴. Além de sua sede no centro da cidade, na trama ela tem outras filiais¹²⁵, e também galpões espalhados pela Baixada, sendo um em Seropédica. Fora o ramo da construção, ela ainda é sócia e proprietária do estabelecimento *Do Carmo's Coiffeur*, o único salão de beleza da cidade. Já no que se refere a Giovanni, ele também é empresário que atua em diferentes ramos. Conhecido por ser o proprietário da rede de *fastfood Frango Esperto*, que tem sede em vários municípios da Baixada – como Saracuruna, Serafim, Figueira, Vila Tenório, Campos Elíseos, Parque Fluminense e Seropédica – Giovanni ainda é sócio na rede de academia *Shaolin Fitness Center*, também espalhada pela Baixada e com uma filial em Bangu; e proprietário do *Shopping Vila São Miguel*, onde está instalado o salão de Do Carmo.

Mais do que empresários bem sucedidos, Maria do Carmo e Giovanni são os dois dos moradores mais importantes da cidade. Donos, cada qual, de um patrimônio milionário, os dois têm em comum o amor e o orgulho de fazerem parte da Baixada Fluminense, onde têm suas raízes fincadas e de onde não saem de jeito nenhum. Ao contrário dos prédios uniformizantes da Zona Sul, ou mesmo de suas mansões superprotegidas e até camufladas (DRUMOND, 2014), cada qual construiu sua casa ao seu modo, no lugar onde construíram suas vidas e no qual sentem que pertencem¹²⁶.

No caso de Maria do Carmo, edificada em frente à praça central da cidade sob uma área mais elevada em relação à calçada, sua casa pode ser contemplada por todos que passam pelo local. Alta e radicalmente diferente das demais habitações do bairro, a grandeza e exuberância de uma construção que ocupa um quarteirão da parte mais valorizada da cidade possui, como destaca Drumond¹²⁷ (2014), um valor informativo que ultrapassa a esfera familiar, na medida em que alcança um sentido compartilhado por toda a vizinhança.

¹²⁴ Antes do relacionamento de Maria Eduarda e Viriato, Gisela já havia ido à loja de Do Carmo comprar uns materiais para a reforma de seu apartamento. Ela ficara sabendo que a loja tinha bons produtos a preços em conta. Também Edgar sempre recorre à loja quando precisa fazer qualquer reforma em seu restaurante.

¹²⁵ De presente de casamento a Plínio, Do Carmo lhe oferece a gerência em sua nova filial.

¹²⁶ Aqui é válido ressaltarmos a valorização que Aguinaldo dá à Baixada. Como é sabido, a maioria dos empresários e políticos da Baixada Fluminense encontram a Barra da Tijuca como destino após a ascensão social (BARRETO, 2006).

¹²⁷ Fazendo uma análise sobre a mansão da família Tufão em *Avenida Brasil*, Drumond (2014) nos faz refletir como a riqueza da família Tufão foi determinante para a construção da imagem do Divino que, em termos sociais, simbolizava a ascensão de uma nova classe média.

Símbolo da riqueza de uma mulher que, pelo trabalho, venceu na vida, o casarão¹²⁸ de Maria do Carmo torna-se fundamental para a construção da imagem de Vila São Miguel. Imagem esta que, numa instância maior, reflete as modulações socioeconômicas de um país em franco desenvolvimento (DRUMOND, 2014). Pintada interna e externamente em tons de laranja escuro e branco, a presença de cores fortes é atenuada por um ambiente internamente alegre e aconchegante, ornamentado com muitas flores e vasos de plantas. Ao contrário, contudo, do que Drumond (2014) notou ser a mansão de Carminha no fictício subúrbio do Divino na telenovela *Avenida Brasil* (2012), a casa de Maria do Carmo não é marcada pela mistura de estampas exageradas e excesso de elementos que cheguem a carregar demais o ambiente, tão pouco a pôr em xeque o gosto ou a estética de uma vida na Baixada.

Ademais, mesmo sendo grande e imponente, o lar dos Ferreira da Silva também não chega a ser o palacete de Tufão, ornamentado por colunas colossais e cúpulas de uma arquitetura *kitsch* de influência sacra (DRUMOND, 2014). Com um forte apelo popular que parece refletir a personalidade de sua dona, o ambiente em tons vibrantes e a presença de vários objetos de decoração compõem elementos que caracterizam um imaginário popular brasileiro, onde a família adquire um papel central: com porta-retratos e quadros com fotos dos filhos e de momentos familiares espalhados pela casa, uma imagem de São Francisco esculpida em madeira em um aparador na lateral da sala, dois bumba meu boi na mesinha de centro e um pequeno altar com um quadro de Nossa Senhora e o Menino Jesus¹²⁹ e outras imagens de santos em seu quarto, a casa de Maria do Carmo é marcada por uma mescla de catolicismo popular e cultura do povo¹³⁰.

Em Vila São Miguel, a identificação de Maria do Carmo com seu povo¹³¹ é tão grande que não há uma pessoa da cidade que não saiba a história de vida de Maria do Carmo Ferreira

¹²⁸ Como constatou Barreto (2006, p136, aspas originais), a casa própria como valor é, muito comumente, enfatizada por imigrantes da Baixada como “fonte de segurança frente às incertezas do ‘lugar desconhecido’ e das poucas possibilidades financeiras familiares”.

¹²⁹ Imagem de Nossa Senhora “Mãe Rainha”, muito comum no interior de onde venho.

¹³⁰ Sabemos que a categoria “cultura popular” é um fenômeno complexo e polissêmico, que pode adquirir várias formas de acordo com o olhar que se lança sobre ela (CATENACCI, 2001), e não pretendemos aqui estabelecer uma discussão mais profunda sobre o tema. Para fins de análise da novela, contudo, esclarecemos que, na obra, popular está relacionado ao que vem do povo.

¹³¹ Chamando os moradores de Vila São Miguel de seu povo, Maria do Carmo se sente responsável por eles, de tal modo que há uma função social em sua riqueza, que flui do povo para ela e dela para o povo (GLUCKMAN, 2010).

da Silva. Apesar de desfrutar de um padrão de vida mais elevado que o do cidadão comum, Maria do Carmo não se esquece de onde veio, e as portas de sua casa estão sempre abertas para todos, inclusive os mais pobres. Sabendo o que é passar fome na vida, Do Carmo sente prazer em ajudar quem precisa e, como costuma falar, gosta de separar uma parte do que Deus lhe deu para dividir com as pessoas que precisam mais do que ela. Maria do Carmo, sem dúvida, se enquadra naquilo que Drumond (2014) define como a figura do emergente:

No caso midiático e teleficional, um dos trunfos simbólicos oriundos da mediação estética da “nova classe média” reside na “mitologia do emergente”, representada em *Avenida Brasil* por meio do contraste em relação à tradicional figura do “novo rico”. Nota-se que essa diferença é estabelecida, nuclearmente, com base no sentimento de que essas figuras sociais alimentam por seus *lugares de origem*, uma vez que, enquanto o novo rico busca apagar os rastros do passado e os resquícios culturais da pobreza, submetendo-se a um processo de aburguesamento e aculturação, os emergente (da classe C, do “Divino”) não se envergonham de suas origens humildes; ao contrário, valorizam as condições que lhes permitiram abandonar certa situação de precariedade, quase sempre por meio do trabalho, para, assim, conquistar “um lugar no mundo” (DRUMOND, 2014, p.167, grifos e aspas originais).

Nessa direção, atualmente ostentando boas condições de vida e de consumo, Maria do Carmo representa uma nova classe que não precisa morar na Zona Sul para viver cercada dos bens socialmente valorizados pela mídia ou ter qualidade de vida. Além de uma casa confortável, uma grande família, amigos fiéis e um povo que a adora, ela vive em uma área da cidade que ajudou a construir¹³² e que viu crescer. Uma região que tem asfalto, hospital, banco, escola, clube, *shopping*, iluminação, rede de esgoto, comércio, ponto de táxi, quadra de samba¹³³, um posto de gasolina com padrão Zona Sul¹³⁴ e casas estruturadas. Um lugar calmo, onde ela conhece as pessoas pelo nome e onde é conhecida e respeitada por todos¹³⁵. Um

¹³² Foi ela quem doou boa parte do material utilizado na construção das casas dos moradores mais humildes.

¹³³ De uma escola que fez, inclusive, dela seu enredo no carnaval.

¹³⁴ Em clara merchandising à Ale, o discurso sobre o recém inaugurado posto na cidade é o de que ele é de padrão de primeira, tal como o são os da Zona Sul. Essa equiparação entre Baixada e Zona Sul é tão escancarada que, na trama, o frentista mais popular veio transferido de Copacabana.

¹³⁵ Na obra, mesmo Cigano, que é violento e não escuta ninguém, fica quieto quando Maria do Carmo lhe dirige a palavra. Em uma cena em que ele ameaçava esfaquear Constantino no meio da praça, Maria do Carmo aparece e, falando alto com ele, lhe obriga a desistir de fazer qualquer coisa que seja contra o taxista.

lugar, enfim, onde ser Ferreira da Silva é sinal de orgulho e onde ela ocupa quase que o posto de rainha¹³⁶.

Fortemente marcada por uma ética do trabalho capitalista, em Vila São Miguel a maioria de seus habitantes é economicamente ativa e exerce sua profissão com seriedade: lá os médicos não dormem no plantão, o transporte público funciona¹³⁷, os taxistas estão sempre a postos, os atendentes dos comércios¹³⁸ se preocupam com seus clientes e até o carnaval¹³⁹ é uma brincadeira que se leva a sério. Dividida entre o trabalho e a casa, a vida do cidadão comum é uma vida razoavelmente tranqüila, onde os conflitos se diluem em nome das oportunidades, que são para todos¹⁴⁰. Apesar de a maioria das pessoas ganhar sua vida trabalhando, há também os casos – como Plínio, Nalva, Daniele e Josivaldo – de pessoas que acabam vivendo às custas do trabalho dos outros.

De um modo geral¹⁴¹, com exceção da correria e dos desafios enfrentados no dia-a-dia, a cidade é praticamente sem violência, um local de paz e boa vizinhança, onde – tal como destaca Drumond (2014) sobre *Avenida Brasil* – a sociabilidade da casa é a extensão da rua, e o vizinho é parente, do tipo meio distante, meio próximo. Tem sempre uma festa na quadra de samba, um encontro casual de amigos ou conhecidos na praça ou na sorveteria da cidade que acabam revelando e favorecendo certa ligação com o lugar (AGIER, 2011). No fim das contas, a repetição de situações ordinárias relativamente previsíveis faz com que as pessoas de Vila São Miguel¹⁴² se conheçam e, de um jeito ou de outro, mantenham certa relação entre si,

¹³⁶ Em várias cenas da novela ela é comparada a uma espécie de rainha da Baixada.

¹³⁷ Além das linhas de ônibus, há também a cooperativa de vans da cidade, a Coop Villa, onde Venâncio, sobrinho de Maria do Carmo, trabalha.

¹³⁸ Na loja de Maria do Carmo, por exemplo, cliente é conhecido pelo nome e sempre é servido com cafezinho.

¹³⁹ Em várias cenas as pessoas ficam até de madrugada preparando alas, montando fantasias, costurando e bordando.

¹⁴⁰ Nesse ponto, gostaria de agradecer a Edson Miagusko pelas dicas.

¹⁴¹ Vila São Miguel já sofreu também com a presença do traficante conhecido como Gavião, que distribuía as drogas para a cidade, e cujo um dos pontos era a praça central da cidade. Ele aparece na novela em um ou dois capítulos, quando supostamente é solto da cadeia. Após dopar Rita, ele é denunciado por Constantino e preso novamente.

¹⁴² De um modo geral, acredito que a Baixada apresentada na trama parece se enquadrar no conceito de “região moral”, de Robert Park (1967), na medida em que a vida cidadina em Vila São Miguel a diferencia dos outros grupos sociais da trama – a saber, da Zona Sul – em função de seus interesses, gostos e temperamentos, muitas das vezes tidos como excêntricos, impulsivos, e até selvagem, pelos personagens de Copacabana. Nesse sentido, é na Baixada – e não na Zona Sul – que as pessoas se deixam levar por seus impulsos latentes e suas disposições naturais, seja por meio da dança, da vestimenta ou até pelo modo mais “espontâneo” de se comportar.

mesmo que seja apenas para comentar da vida alheia. A vida, apesar de simples e sem muitas regalias, é uma vida de classe média e a Baixada é apresentada em termos ideais de produção e consumo (ROCHA, 2014).

2.1.2 A Comunidade da Pedra

No que se refere à Comunidade da Pedra, o cenário é outro. Representada basicamente por um núcleo composto pela família de Rita, seus vizinhos Merival e Jandira, a turma de Shaolin, e Constantino, a vida por lá é marcada por ausências, pobreza e descaso social: sem hospital, escola, creche ou mesmo um ponto de lazer, a população tem que se deslocar até outros pontos para satisfazerem seus direitos mais básicos, como saúde e educação. Com exceção da academia¹⁴³ de Shaolin e de um mercadinho não há nada que sustente a economia de lá. A Comunidade da Pedra mantém estreitas relações políticas, econômicas e sociais com Vila São Miguel. Para se manterem financeiramente ou mesmo para estudarem, os moradores¹⁴⁴ da comunidade têm que se deslocar ou para o centro de Caxias ou para o centro de Vila São Miguel. Esta dimensão relacional urbana é enfatizada por GLUCKMAN (2010) em sua análise da Zululândia moderna pensada, já à época, a partir da relação entre zulus e ingleses, africanos brancos e africanos negros, e assim por diante.

Certamente que, no tocante à novela, a linha que separa esses dois núcleos da Baixada não é tão aparente como a que supostamente separava brancos e zulus na África do Sul dos anos 50, mas se nos atentarmos com mais cuidado para as cenas e situações, veremos que o recorte de classe e cultura é marcado por conflitos e contradições, mesmo que entre os próprios personagens da Baixada Fluminense que, por vezes, se relacionam de maneira desajeitada e até com certa hostilidade. Prova disso é o namoro conturbado entre Bruno, filho de Reginaldo, e Leide Daiane, filha de Rita e Cigano. Os dois se conhecem no dia em que a menina descobre que está grávida de Shaolin, o que acontece na casa de Maria do Carmo. Na cena, Bianca comenta com Bruno não se conformar que uma garota tão jovem – praticamente da mesma idade deles – já fosse ser mãe, visto que aquilo não fazia parte de sua realidade de mundo. Já num primeiro momento dando sinais de interesse em Daiane, Bruno logo engata

¹⁴³ Do começo até metade da trama, a academia de Shaolin era precária e só atendia à comunidade local. Após acordo com Giovanni, Shaolin consegue reformá-la e transformá-la numa rede espalhada pela Baixada. A partir daí, ela começa a atender não somente a demanda local, como também a de toda Vila São Miguel.

¹⁴⁴ É o caso de Constantino, que mantém um ponto de táxi na praça central de Vila São Miguel; de Rita, que trabalha como sócia no salão de Maria do Carmo; e de Maicon Jackson, que trabalhava no *Frango Esperto* em Caxias, mas depois é contratado como chefe de almoxarifado na loja de Do Carmo.

um namoro com ela, que acaba não indo para frente por conta das diferenças entre os dois mundos. Negra, pobre, e já com uma filha, Reginaldo faz de tudo¹⁴⁵ para impedir a relação entre seu filho e a “afrodescendente favelada e parideira”, como costumava ser referir à Daiane. Ao fim da história, mesmo que não somente por conta das perseguições¹⁴⁶, a moça opta por ficar com Shaolin, e o discurso que prevalece¹⁴⁷ é o de que Bruno e Daiane nunca dariam certo, já que pertenciam a mundos muito diferentes.

E, se por um lado, a relação entre Daiane e Bruno demonstra uma ponta dos conflitos, variações e contradições entre esses dois mundos coexistentes dentro de um mesmo território da Baixada, por outro, o estilo de vida e os diferentes gostos dos moradores dos dois núcleos demonstram uma diferença que está além de classe ou raça, e que se encontra mais especificamente no campo da cultura. Dessa forma, se em Vila São Miguel todas as comemorações acabam em samba, e samba na quadra da Unidos de Vila São Miguel, o imperativo na Comunidade da Pedra são os bailes *funk* e as rodas de *hip-hop*¹⁴⁸. Ao som de músicas que trazem à tona questionamentos sociais, a Comunidade da Pedra é marcada pela rapaziada que usa roupas largas, curte *blackmusic*¹⁴⁹, e fala gírias. As meninas, por sua vez, geralmente usam roupas curtas e com à barriga à mostra, e é a gravidez na adolescência um dos grandes males que, tal como uma epidemia, infligem o local¹⁵⁰.

¹⁴⁵ Reginaldo chega a executar um falso sequestro contra seu filho para que ele, traumatizado, não mais voltasse a se encontrar com a moça. Sem sucesso, ele apela para seguranças que passam a seguir seu filho 24 horas por dia. Para Reginaldo e Vivianne é melhor Bruno virar pauleira, pintar o cabelo de verde, colocar piercings ou fazer tatuagem do que pegar uma infecção “naquele lugar nojento e cheio de doença”.

¹⁴⁶ Ao saber que Shaolin havia sido baleado e estava entre a vida e a morte, Daiane percebe que ainda nutre um forte sentimento pelo rapaz.

¹⁴⁷ Inconformado com o fim do namoro, Bruno chega a pedir a Maicon que interceda junto à Daiane pelos dois, ao passo que Maicon responde que o namoro nos dois não tinha futuro, já que a distância social que os separava era muito grande: “Olha a tua volta, olha isso aqui”, diz Maicon. “Esse lugar aqui não pertence a você não, parceiro. Quer queira quer não, tu é filho do prefeito, o cara mais importante nessa cidade e enquanto tu depender das vontades dele tu vai ter que fazer o que ele quer”.

¹⁴⁸ Que, segundo Androvandi (2010), tornam-se estilos musicais representativos nos morros a partir dos anos 1980.

¹⁴⁹ Não sem causa o irmão de Leide Daiane se chama Maicon Jackson, em homenagem ao ídolo pop. Na novela, Maicon sempre diz que ele é mais bonito que o Eddie Murphy.

¹⁵⁰ Sempre que vai aparecer em cena, a comunidade é, antes, apresentada por imagens que destacam esse seu lado “periferia”, geralmente representada por rodas de dança, jovens mães segurando seus filhos no colo, e crianças sem camisa e descalças brincando nas ruas, homens jogando baralho em um bar improvisado.

Constituída por uma pequena amostra, mas com diferentes perfis de pessoas, na Comunidade da Pedra se encontra um pouco de tudo: brancos, negros, pessoas trabalhadoras e honestas, malandros, vagabundos, vizinhos fofoqueiros, pessoas mal intencionadas e até um português apaixonado pelo Brasil. Com problemas de drogas¹⁵¹, violência doméstica e má conduta de alguns moradores somados a problemas estruturais e à pobreza local, a imagem construída da comunidade é a de um lugar débil e fracassado, carente da mão ordenadora do Estado (DAS & POOLE, 2008): as meninas precisam estudar, mas, sem incentivo, acabam abandonando cedo a escola e tornando-se mães precocemente por falta de conhecimento dos meios de se prevenir não somente filhos, mas também doenças. As pessoas precisam de emprego formal, saneamento e atendimento médico decente, mas, na falta disso, acabam se virando da maneira como podem.

Vivendo, portanto, nas tênues fronteiras do legal e do ilegal (TELLES, 2012), o repertório da viração popular – que inclui o tráfico de drogas e a presença de mercado informal, composto por um carrinho de lanches e barracas improvisadas – passa a se configurar como parte integrante da vida cotidiana na Comunidade da Pedra. Apesar de pouco explorado na trama, os ilegalismos da cidade acabam compondo o pano de fundo da vida nas margens (DAS & POOLE, 2008), e dando o tom de periferia já associado ao imaginário de Baixada (ROCHA, 2014).

Apresentada, portanto, a partir de uma lógica que se enquadra no que Rocha (2013) denomina “desestruturação urbana”, a Comunidade da Pedra possui todos os requisitos básicos que a enquadram dentro de um imaginário do urbano fluminense visto como periferia: carente de infraestrutura e equipamentos urbanos, que acabam por privar sua população da seguridade plena dos direitos do urbano, seu espaço é formado pela reprodução de camadas populares, bem como por um forte movimento pendular de seus habitantes, em especial aqueles vindos do Nordeste¹⁵². Por esse prisma, poderíamos dizer que a obra de Aguinaldo Silva dialoga muito bem com o que o geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2001, pp.160-161

¹⁵¹ Apesar de não se falar o nome das drogas comercializadas, subentende-se que a comunidade sofre com a venda de craque e cocaína, já que Rita e Cigano não fumavam, mas cheiravam.

¹⁵² Na obra, assim como a família de Maria do Carmo, muitas outras pessoas têm suas origens no Nordeste. A escolha do enredo *Senhora do Destino* foi mencionado em diferentes momentos como uma homenagem aos imigrantes nordestinos que chegam à região e fazem história na Baixada.

apud ROCHA, 2013, p.6) entende como uma das características gerais da periferia da metrópole, e que, no Rio de Janeiro, teria o sinônimo de Baixada¹⁵³:

A periferia da metrópole é o lugar de existência e reprodução de parcela ponderável das camadas populares. No caso da metrópole carioca, esta periferia é conhecida, sobretudo como a Baixada Fluminense (...) residir nela impõe horas e horas perdidas no trânsito em transportes públicos sempre cheios e mal conservados (...) A periferia é o resultado da justaposição de numerosos loteamentos, que acabam formando um mosaico irregular, cujo conteúdo em termos de equipamentos de consumo coletivo é extremamente precário (...) transparece nas ruas sem calçamento, na precária iluminação e na existência de redes de escoamento de águas pluviais e de esgoto. A precariedade ou falta de postos de saúde, hospitais, escolas, policiamento e praças arborizadas é regra geral (...).

Diferentemente das casas de Vila São Miguel, as casas na Comunidade da Pedra são simples e algumas até sem reboco por fora e com tijolos à mostra¹⁵⁴. Na maioria delas a energia é gato e, em função disso, sempre há queda de luz. Não bastasse a falta de infraestrutura, a população ainda sofre com alagamentos, já que o local é atravessado por um rio que sempre quando chove transborda, e que às vezes causa até desmoronamentos¹⁵⁵. Nas ruas de chão batido, pedaços de madeira ficam amontoados ao canto e é comum ver muros pixados e roupas estendidas em frente às casas das pessoas. A precariedade da vida local, sem dúvida, remete ao que Das & Poole (2008) denominam margens do Estado, ou seja, aqueles lugares onde a natureza é imaginada como descontrolada e selvagem, e onde o Estado ainda não penetrou. Não sem causa o discurso é que a população local precisa de instrução e da atuação de um político honesto e bem intencionado¹⁵⁶.

¹⁵³ Assim como Roberto Lobato Corrêa (2001), outros pesquisadores – tais como a historiadora local, Marlúcia de Souza Santos (2002) e José Cláudio Alves (1999) – entendem Baixada Fluminense como periferia. Para Marlúcia, por exemplo, a Baixada adquirira uma condição de “periferia da periferia”, “tendo em vista a precariedade da ‘desestruturação urbana’ que se mostra diferente do próprio subúrbio carioca” (ROCHA, 2014, p.48). Mais informações em: ROCHA, Andre Santos da. *As representações ideais de um território: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*. 242f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

¹⁵⁴ A impressão que a Comunidade da Pedra nos passa é a de que ela trabalha com a questão favela “versus” Baixada. Sendo ela uma favela dentro da Baixada, sua presença na trama parece reforçar o estigma da favela, ao mesmo tempo em que diferencia favela e Baixada. Nesse sentido, sua configuração na novela seria como que uma indicação de que dentro da Baixada há locais que são favelas, mas não são todos.

¹⁵⁵ O que também é, segundo Rocha (2013), uma das características gerais da Baixada Fluminense.

¹⁵⁶ A ideia de que as pessoas da Comunidade da Pedra precisam de um governo que seja capaz de instruir e ajudar sua população dialoga muito bem com o que Das & Poole (2008) dizem ser o primeiro modo pelo qual as

Na falta disso¹⁵⁷, é Maria do Carmo quem desempenha a função social na comunidade. Atenta aos problemas locais, ela está sempre disposta a ajudar com o que pode. Em todo alagamento, Do Carmo oferece um sopão para os desabrigados, além de levar curativos e remédios para os feridos. Seu sopão é tão famoso que ela já está ficando conhecida como a “mãe dos pobres”. Ela também distribui material de construção para aqueles que tiveram prejuízos, desde que fique comprovado que o material será usado para reparar os danos causados pela chuva¹⁵⁸. Não bastasse isso, ela sempre dá um jeito de pagar uma consulta para alguém, conseguir um trabalho para outro.

Na casa de Rita, por exemplo, Maria do Carmo é unanimidade: Foi ela quem pagou o advogado para Cigano quando ele estava preso por conta de envolvimento com drogas, ela também arrumou emprego para Maicon no *Frango Esperto* e, depois em sua loja, como chefe de almoxarifado; ofereceu emprego e sociedade à Rita em seu salão de cabeleireiro quando soube que ela estava desempregada; pagou exames à Daiane e foi com a menina ao médico quando desconfiou de sua gravidez, e enfrentou Reginaldo quando ele foi humilhar a menina na casa de Rita por conta de seu envolvimento com Bruno.

Que a dinâmica vivida na Comunidade da Pedra é diferente daquela encontrada no centro da cidade¹⁵⁹, onde os recursos são abundantes e a economia apresentada em termos ideais, isso não se pode negar. Mais próxima de uma já cristalizada representação hegemônica de lugar de ausências, pobreza e descaso social (ROCHA, 2014), é válido termos em mente, contudo, que mesmo pobres e com poucos recursos, na Comunidade da Pedra ninguém passa

margens podem ser imaginadas, ou seja, aqueles espaços onde aparentemente o Estado ainda não penetrou, e onde há necessidade de sua ação para transformar seus sujeitos em agentes dóceis e legais do Estado.

¹⁵⁷ Afinal, como já vimos, o prefeito da cidade (Reginaldo, o filho mais velho de Maria do Carmo) é um político corrupto que não faz nada além de promessas ao povo.

¹⁵⁸ No caso, Maria do Carmo manda Crecilda, seu braço direito na loja, ir à Comunidade para fazer um levantamento dos prejuízos causados pela chuva. Crecilda anota todo o material necessário que será necessário separar no estoque, bem como o nome de cada morador, e o que ele precisa.

¹⁵⁹ Interessante aqui é pensarmos como essa ideia desenvolvida na trama se articula com a formação de novas “centralidades” dentro das próprias periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Afinal, como destacam Paganoto & Becker (2012), as profundas mudanças sociais ocorridas ao longo das últimas décadas reconfiguraram a organização espacial da metrópole fluminense de tal modo que a Baixada – tradicionalmente conhecida como região-dormitório – passa a emergir como lugar do trabalho. Dessa forma, tendo muitas áreas periféricas da região metropolitana – com destaque para Niterói, Duque de Caxias e Nova Iguaçu – apresentado uma expansão policêntrica através de centros e subcentros urbanos, os pesquisadores ressaltam que já não é tão forte como antes esse movimento pendular dos moradores da Baixada para áreas consideradas centrais, como é o caso da cidade do Rio de Janeiro. Mais informações em Paganoto & Becker (2012), A emergência de novas centralidades na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro e a reorganização dos deslocamentos espaciais da população, 2012.

fome ou vive de mendicância¹⁶⁰. Além disso, sua população não se encontra confinada espacialmente e nem em situação de exclusão quanto aos demais moradores da cidade, como acontecem nos guetos¹⁶¹ (WACQUANT, 2004), mas mantêm uma estreita relação social e econômica com a cidade ao qual pertencem. E se, alguns – como Rita e Constantino – todos os dias vão ao centro para trabalharem, outros – como Shaolin e sua turma – estão sempre dando seus roles pela cidade de carro, tomando sorvete na sorveteria do *shopping* ou saboreando o famoso churrasquinho da praça.

Marcados também por uma forte ética do trabalho, seus moradores fazem de tudo para melhorarem de vida e agarram com todas as forças as oportunidades quando elas aparecem: Rita sempre trabalhou como diarista e, com o pouco tempo que sobrava entre o serviço e os afazeres domésticos, ainda investiu num curso de cabeleireira que, mais tarde lhe abriu as portas para trabalhar como sócia no salão de Do Carmo; Maicon Jackson desde muito cedo divide sua vida entre os estudos e o trabalho e sempre se destacou nas duas coisas, tanto que atualmente assume um cargo de responsabilidade na loja de Do Carmo. Já Constantino trabalha de sol a sol carregando as pessoas para todos os cantos, e está sempre fazendo plantão noturno para aumentar sua renda.

Em termos de uma perspectiva geral, o ambiente na comunidade é relativamente tranqüilo. Apesar dos inúmeros problemas estruturais e sociais já aqui apresentados, as cenas que se passam na comunidade enfatizam um lugar onde as crianças brincam livremente nas ruas, os jovens jogam basquete em uma quadra improvisada e as pessoas, sem distinção de sexo, caminham à noite sem a preocupação de sofrerem algum tipo de violência¹⁶². Mesmo pessoas que não são da comunidade, como é o caso de Bruno, têm livre acesso ao local que, considerado no todo, é uma área sem grandes transtornos e, pode-se dizer, até um lugar de paz.

¹⁶⁰ Prova disso acontece quando Constantino decide levar Daiane para um passeio noturno no centro do Rio de Janeiro para que a menina aprenda a dar mais valor na vida e tenha mais responsabilidade, já que, aos 15 anos, já havia engravidado duas vezes.

¹⁶¹ Áreas de confinamento espacial imposta e abrangente, com estabelecimento de instituições bem definidas que permitem ao grupo isolado reproduzir-se dentro dos limites estabelecidos. Mais informações em WACQUANT, Loïc. “Que é Gueto? Construindo um conceito sociológico”. Revista Sociologia e Política, Curitiba, 23, pp.155-164, nov. 2004.

¹⁶² O único tipo de violência apresentado na trama é a violência doméstica sofrida por Rita por seu marido Cigano.

2.1.3 A Comunidade de Vila São Miguel

Apesar de todos os interstícios no tecido social, o centro de Vila São Miguel e a Comunidade da Pedra estão conectados dentro de um mesmo território na Baixada, que tem como ponte unificadora a figura de Maria do Carmo. Desse modo, as diferenças e variações no modo de vida entre esses dois núcleos não faz da Comunidade da Pedra menos Vila São Miguel, muito menos interfere no sentimento de que todos fazem parte de uma mesma cidade e, principalmente, de uma mesma Baixada. Composta de ambos os lados por pessoas boas e ruins, trabalhadoras e boa vida – e unidos por uma mesma líder que, tal como a figura do rei na nação zulu, torna-se o símbolo da unidade e bem-estar de todos (GLUCKMAN, 2010) – a cidade de Vila São Miguel exalta, em última instância, uma Baixada onde pobreza não se transforma em miséria e onde nem todo morador é pobre.

Sendo assim, o fato de os moradores da Comunidade da Pedra e do centro da cidade estarem sempre reunidos em eventos que marcam a cidade – como comícios, festas e reuniões na escola de samba – mostra que, juntos, eles formam um único grupo com modos específicos de comportamento (GLUCKMAN, 2010). Além disso, se de um lado, a comunidade vai para o centro trabalhar e/ou ter opções de lazer, pode-se dizer que, igualmente, o centro, massivamente representado pelas assistidas da Unidos de Vila São Miguel, vai para a comunidade para malhar e esculpir o corpo para o carnaval que, diga-se e passagem, é o grande evento que agrega todos dentro de uma mesma emoção de ser Vila São Miguel.

Mexendo com as emoções e expectativas de todos, o carnaval integra o sentimento de uma única Comunidade de Vila São Miguel, como é chamada por Do Carmo. Mesmo para aqueles que não desfilam, o dia da apresentação da Unidos de Vila São Miguel é evento tão importante como Copa do Mundo. Seja no centro da cidade ou na Comunidade da Pedra, as pessoas estão todas reunidas em frente à televisão assistindo ao desfile e torcendo por sua escola do coração. No dia da apuração é outra festa. A cidade em massa se reúne na praça central e na quadra de samba para acompanhar cada detalhe, e cada 10 é comemorado com muito entusiasmo.

E como falar em carnaval é também falar em Giovanni Improtta, chegamos novamente à figura desse homem que é um verdadeiro rei do pedaço. Presidente da Escola de Samba Unidos de Vila São Miguel e socialmente marcado por seu envolvimento com negócios ilícitos, Dom Giovanni, como é chamado por seu filho, é aquele que dita as ordens do lugar

onde mora, e cujo nome abre portas¹⁶³. Na trama, apesar de seu jeito cômico, ele é um homem temido por muitos e com grande influência sobre toda a Baixada.

Fazendo, pois, a passagem entre as fronteiras do legal e do ilegal, Giovanni é a pessoa que melhor representa na obra o percurso alguém que caminha entre a legalidade e a ilegalidade (TELLES,2012) e que, de certa forma, também une os dois núcleos da Baixada. Empresário bem sucedido e legalizado, ele é também o cara responsável pela gestão da violência¹⁶⁴ (e da ordem) em Vila São Miguel. Em duas situações Giovanni demonstra explicitamente não aceitar que outro galo cante em seu terreiro. Na primeira delas, ele resgata o Barão de Bonsucesso¹⁶⁵ das mãos de Pezão, o terror de Caxias, que havia rendido Pedro na rodovia enquanto ele seguia com Laura para Itaipava.

Sabendo da situação, Giovanni aciona Madruga e sua trupe, que logo localizam e prendem os responsáveis. Na cena do salvamento, o ex-bicheiro aparece de helicóptero ameaçando Pezão pelo nome e dizendo que ninguém sairia vivo caso acontecesse algo a Pedro. Depois de rendidos, Giovanni – de maneira figurada – orienta Madruga a resolver aquele problema de “higiene” dando um bom banho neles no Rio da Guarda para que eles ficassem com a alma mais limpa para irem para o céu, ao passo que Madruga responde: “Já entendi, mestre, o sino bateu¹⁶⁶”.

Numa outra cena de resgate, é a vez de Maria Eduarda¹⁶⁷ ser a vítima. Sequestrada depois de dar uma prensa nos pedreiros responsáveis pela construção de sua casa¹⁶⁸ na

¹⁶³ Ao contrário de Maria do Carmo, que não é ninguém na Zona Sul, Giovanni é respeitado e conhecido mesmo que fora de seu “reinado”. Em certa cena em que visita o apartamento de Dirceu, Giovanni diz à Constantino para não se preocupar caso algum policial o abordasse por estar parado em faixa proibida. Era só dizer duas palavras: “Giovanni Improtta”, que tudo estaria resolvido.

¹⁶⁴ Aqui entendida como uma gestão “que passa por mediações, protocolos e códigos distantes da normatividade oficial, mas que se faz muito frequentemente em interação na vizinhança de mecanismos de participação popular [...]” (TELLES, 2012, p.12).

¹⁶⁵ Morador ilustre de Copacabana, Pedro Corrêa de Andrade e Couto e sua esposa, Laura Corrêa de Andrade e Couto, fazem parte do núcleo Zona Sul da trama.

¹⁶⁶ Interessante notar que, ao saber da suposta viagem do Barão, Thomas faz uso de seu cargo político para acionar a polícia, mas é Giovanni e seus companheiros que conseguem êxito na operação. Nessa e em diversas outras cenas a ideia que se passa é que os ilegalismos são mais eficientes do que a polícia.

¹⁶⁷ Única neta de Pedro, e também moradora de Copacabana, Maria Eduarda é uma jovem designer gráfica com uma carreira promissora pela frente.

¹⁶⁸ Recém-casada com Viriato, Maria Eduarda passa a ter que morar com a sogra ao se deparar com um mestre de obras enrolado e que não cumpre com os prazos. Com um atraso de mais de um mês, Maria Eduarda se enfurece ao encontrar seus pedreiros ociosos em pleno expediente de trabalho.

Baixada, Maria Eduarda é rendida por homens à mão armada enquanto falava com sua mãe pelo celular. Informado do ocorrido, João Manoel diz que esse tipo de coisa não pode acontecer em sua área, e imediatamente coloca Giovanni em ação. Desta vez, além de Madruga e seus trigêmeos¹⁶⁹, Giovanni convoca todos os outros donos da Baixada que, reunidos, discutem uma solução para o problema¹⁷⁰. Eles chegam até a pessoa de Júlio, filho do mestre de obras e mandante do crime, que confessa que ter pedido a uns colegas que dessem um susto na “Dona” e a deixassem numa trilha no meio do capinzal que leva para Seropédica. Como de costume, Giovanni manda Madruga dar um jeito no sujeito, sendo que desta vez não fica certo o rumo que ele terá. Enquanto isso, Giovanni segue para o local já conhecido de Leandro e Viriato, que sempre brincavam por lá quando eram crianças.

Dividida por territórios, a Baixada Fluminense apresentada por Aguinaldo Silva é, pois, um lugar onde quem manda não são os políticos, nem a polícia, mas seus “reis”. Tal como Tenório Cavalcanti era o dono de Caxias (ENNE, 2004), é Giovanni pelas bandas de Vila São Miguel e adjacências. Na trama, fica implícito de que há um acordo entre esses “reis” da Baixada, sendo que cada um deve se limitar ao seu território, o que é confirmado quando, empolgado, Giovanni diz à Shaolin que aceita sua proposta de ampliar a *Shaolin Fitness Center* por toda a Baixada, com exceção de Nilópolis, que já tinha dono. Olhando por esse prisma, podemos dizer que, se Maria do Carmo oferece ao seu povo uma espécie de assistência social; Giovanni, de outro modo, oferece sua proteção. Atento a tudo o quanto acontece em sua área, Giovanni não hesita em fazer a “limpeza” do local quando algum malandro começa a trazer transtornos para a população.

Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo (AGIER, 2011). Entre legalismos e ilegalismos, samba e *hip-hop*, ricos e pobres, violência e harmonia, pode-se dizer que a Baixada de Aguinaldo é uma Baixada híbrida, que mescla uma já consolidada representação hegemônica com uma tendência a uma valorização ideal (ENNE, 2004; ROCHA, 2014). Unida pela figura de Maria do Carmo, o discurso do trabalho como redentor do homem,

¹⁶⁹Mão Santa, Branca de Neve e Pequeno são os três guarda-costas de Madruga que estão sempre a postos para o que der e vier.

¹⁷⁰Olhando para seu pai e aqueles importantes homens reunidos embaixo de um baobá para resolver o sequestro de Maria Eduarda, João Manoel diz que aquele encontro de “Dons” lhe recordava muitos outros encontros em que aqueles homens e seu pai decidiam o futuro da Baixada, e aquilo era histórico, ele fazia parte dela. História com H maiúsculo, segundo o rapaz.

perpassa por todos os seus personagens, e acaba fazendo encontrar esses dois núcleos que se diferenciam e se relacionam o tempo todo.

2.2 O Núcleo Zona Sul Da Novela

Dividindo a história com a Baixada Fluminense, o núcleo da Zona Sul do Rio de Janeiro – em sua maior parte representada por Copacabana – não é um todo homogêneo, mas subdivide-se basicamente em três áreas: o bairro de Copacabana, onde moram os personagens de maior prestígio da trama e *status* social da novela; o bairro Peixoto, que também faz parte de Copacabana, mas em sua versão de vida mais tranqüila e pacata, e é onde mora a grande vilã da história, Nazaré Tedesco; e Ipanema¹⁷¹, onde fica o Monsieur Vatel, restaurante francês badalado em toda a Zona Sul, que reúne em um mesmo ambiente personagens da Zona Sul e da Baixada.

Nesse sentido, cientes de que seus personagens apresentam um outro horizonte de vida e costumes que se tornam um importante contraponto para se pensar a Baixada, buscaremos, a partir de agora, delinear um pouco do que seria a organização social vivida nesse micro universo carioca da Zona Sul que, diga-se de passagem, é historicamente marcado pelas telenovelas das oito¹⁷² como símbolo da identidade nacional, uma verdadeira síntese do país (STOCCO, 2008, 2009).

2.2.1 Copacabana

Tido por alguns autores e produtores de novela como uma amostra representativa do “DNA do Brasil” (STOCCO, 2008), o bairro de Copacabana é o palco dos personagens ricos, porém decadentes da trama, que ostentam um alto padrão de consumo, mesmo que às vezes não tenham nem o que comer em casa. Composto, basicamente, pela família Corrêa de Andrade e Couto, e por Dirceu de Castro e seus colegas de redação, pode-se dizer que Copacabana é um lugar onde os vizinhos não se conhecem, e onde as relações, senão mais

¹⁷¹ Como não é explorado na trama como bairro residencial, optamos por não nos aprofundar em seus pormenores, cabendo a nós apenas resumir que o bairro é palco do restaurante de culinária francesa Monsieur Vatel, um ambiente agradável e com comida boa, onde Edgar Legrand, dono do estabelecimento, trata seus funcionários com amizade e companheirismo, mas que também sabe cobrar deles quando precisa. O núcleo é basicamente composto por Egar, Viriato, Isabel, Moura e Júlio.

¹⁷² Agora das nove.

frias, são pelo menos mais formais¹⁷³. O núcleo familiar é pequeno – geralmente composto por, no máximo, pai, mãe e um filho – quando não inexistente, como é o caso de Dirceu e de Thomas Jefferson¹⁷⁴, que moram sozinhos.

No centro do núcleo encontram-se os Corrêa de Andrade e Couto, apresentados na trama como uma tradicional família da elite carioca que se orgulha de ostentar uma linhagem nobre, mas que, apesar disso, não carrega da nobreza senão o nome e um luxuoso apartamento de 620 metros quadrados na Avenida Atlântica, onde mora o casal Pedro Corrêa de Andrade e Couto e sua esposa, Dona Laura – respectivos Barão e Baronesa de Bonsucesso. Elegantes e conservadores, Pedro e Laura ostentam os mais altos padrões de vida, com direito a caviar e champanhe para a refeição da tarde. Sempre que convidados para algum evento nunca recusam, e logo encomendam um traje que esteja à altura de suas pessoas, afinal, para eles o supérfluo é algo totalmente essencial. São amantes das convenções sociais e das normas de etiqueta, matérias nos quais são mestres. Apesar de cultos e viajados carregam o discurso de que não há no mundo melhor lugar para se morar do que o Rio de Janeiro, o que, para eles, se reduz à Zona Sul.

Vindos os dois de outro casamento¹⁷⁵, nenhum deles nunca trabalhou ou fez nada de produtivo na vida, mas sempre viveram do dinheiro da herança da família. Depois de gastar uma fortuna que daria para gerações, Pedro acaba vivendo às custas de seu filho, Leonardo que, além de uma gorda pensão¹⁷⁶, é responsável pelas despesas de água, luz, telefone, gás, condomínio, salário dos empregados e plano de saúde. Ainda assim, vivendo uma vida desordenada – regada a festas e eventos sociais – Pedro e Laura estouram todos os meses o crédito especial com compras desnecessárias, e acabam sem dinheiro até para o pão. Na hora do aperto, eles recorrem à ajuda de Maria Eduarda, filha de Leonardo, e do fiel motorista e melhor amigo do casal, Sebastião, que sempre arruma cheques pré-datados para os dois. Para

¹⁷³ Mesmo casados há muitos anos, um “elementar, minha cara Laura” é, de praxe, uma das frases preferidas do Barão.

¹⁷⁴ Apesar de morar em Copacabana, Thomas Jefferson nunca aparece em seu apartamento, mas sempre dividindo cena com a família Corrêa de Andrade e Couto.

¹⁷⁵ Na trama, Pedro é viúvo e Laura largou seu antigo marido – que era bem mais rico e que lhe dava um padrão de vida mais alto – para ficar com Pedro, seu grande amor. Sem se arrepender, ela diz que nunca foi tão feliz na vida como é com Pedro, que lhe tirou da solidão.

¹⁷⁶ Segundo Leonardo, a pensão que ele lhes dá é maior que o salário de sua secretária, que é formada, fala dois idiomas, trabalha todos os dias, tem três filhos em idade escolar, viaja nas férias e ainda consegue economizar.

Pedro e Laura, nada mais importante na vida do que manter as aparências e se divertirem juntos.

Ainda no começo da trama, Pedro – já cansado de ser humilhado pelo filho – decide procurar um emprego. Se dizendo um homem digno de entrar para o *Guinness Book*, já que seria o primeiro homem a começar a trabalhar depois de aposentado, ele procura algo relacionado ao ramo da hotelaria, tendo em vista seu vasto conhecimento de vida e de pessoas influentes. Sem sucesso, Leonardo lhe arruma um cargo de assessor parlamentar no gabinete de Thomas Jefferson, jovem deputado federal que vive correndo atrás de sua filha. Ansioso em sua nova etapa de vida – visto por ele como um evento histórico, em que ele começaria a ser útil para o Brasil – Pedro acaba se decepcionando com o sistema público, ao se deparar com um gabinete lotado de funcionários ociosos¹⁷⁷ que entram e saem na hora que querem, que assinam o ponto e vão embora e que só vivem às custas do dinheiro do governo¹⁷⁸. Após algumas semanas sem ter feito absolutamente nada, o Barão pede demissão por não se sentir bem em receber sem trabalhar¹⁷⁹.

Recebendo a parte que lhe cabia pelos serviços “prestados”, Pedro decide passar com Laura alguns dias em alguma pousada de luxo em Itaipava. Como já comentamos acima, no episódio Pedro é seqüestrado na altura de Caxias e resgatado por Giovanni e, de quebra, sai da Baixada com a oportunidade de emprego de sua vida: trabalhar como *personal stylist* para Giovanni Improtta. Com o desafio de tornar Giovanni – visto por ele como um homem rústico e primitivo – em um homem fino, um verdadeiro *gentleman*, Pedro e Laura – que já viajaram o mundo inteiro, e que passaram pelos lugares mais distantes – ficam radiantes ao se depararem com a novidade de uma Baixada para eles recém-descoberta, um admirável mundo novo, em suas palavras. A partir daí, o Barão e a Baronesa conseguem, enfim, uma

¹⁷⁷ Em seu primeiro dia de “trabalho”, Pedro se depara com um gabinete vazio em função de um ponto facultativo: é que uma fragata argentina havia chegado ao porto e as pessoas decidiram não trabalhar.

¹⁷⁸ Na trama, os funcionários fazem revezamento de dia, já que não há cadeira para todos sentarem; as pessoas chegam a partir das onze e às quatro da tarde o gabinete já está vazio. Marlene, a secretária do gabinete, explica que quando o Barão quisesse faltar era só avisar que ela assinava o ponto dele.

¹⁷⁹ Na cena, Thomas Jefferson diz ao Barão que muito o espanta que ele se sinta mal em gastar o dinheiro do governo, já que ele não teve problemas em gastar toda a fortuna de uma vida inteira. Por rebote, Pedro responde que sempre gastou um dinheiro que lhe cabia, mas que aquele dinheiro que o deputado dizia ser do governo era do povo, já que vinha do imposto suado e nada barato pago pela população e que, por isso mesmo, deveria ser revertido em saúde, educação e cultura. A cena termina com Thomas lamentando a saída do Barão, e insistindo que seu pensamento era uma ficção e que a realidade era bem diferente: que se ele não recebesse o dinheiro, outra pessoa receberia em seu lugar.

estabilidade social e passam a ser redimidos pelo trabalho, a partir do dinheiro que vem da Baixada. Ao término da novela, eles passam fazendo uma última viagem transatlântica pela Europa com o dinheiro que Giovanni pagou por um conjunto de esmeraldas¹⁸⁰ que eles tinham como seu último tesouro.

Numa outra ponta está Leonardo e sua família. Filho do primeiro casamento de Pedro, Leonardo é casado com Gisela, uma típica perua que só faz se embelezar, com quem vive um casamento feliz; e pai de Maria Eduarda, única filha e herdeira do casal. Empresário rico e bem sucedido, Leonardo conquistou tudo o que tem com seu próprio suor, e alguns contatos de seu pai, com quem não se dá muito bem por conta das divergências no modo de pensar e agir. É ele o núcleo dinâmico de sua família, que realmente sustenta sua casa e a de seu pai. Ambicioso e arrogante, seu sonho é conseguir um bom casamento para a filha que, de quebra, o ajude nos negócios. Por isso, encontra no deputado Thomas Jefferson a pessoa perfeita, já que acredita que ele tenha uma carreira política brilhante pela frente. Na trama, ele passa boa parte da história tentando atrapalhar¹⁸¹ o relacionamento de sua filha com Viriato, já que a união entre sua princesinha e o reles cozinheiro da Baixada é vista por ele e sua esposa como pior que a bomba atômica ou a Terceira Guerra Mundial. Ao final da história, ele acaba se conformando e aceitando a relação entre os dois, já consolidada pelo matrimônio¹⁸². Gisela e Leonardo passam, então, a frequentar a Baixada, já agora com um discurso de que pelo menos é um lugar alegre, onde as pessoas sabem se divertir e fazer um belo rega-bofe.

Maria Eduarda, por sua vez, é uma jovem rica e viajada, cujo futuro os pais querem controlar. Logo nos primeiros capítulos ela conhece Viriato que, saindo do expediente, a livra de um assalto nas proximidades da Lagoa Rodrigo de Freitas. Os dois acabam se apaixonando e vivendo um romance, que será o grande conflito entre a Baixada e a Zona Sul. Mesmo a

¹⁸⁰ Presente de Dona Josefa a Pedro, Giovanni fez questão de pagar o valor combinado com eles pelo conjunto, já que assim havia fechado com Pedro.

¹⁸¹ Leonardo chega a armar uma falcatura com uma ex-miss Brasil e também ex-namorada para separar Viriato e Duda e, de quebra, causar sua demissão do restaurante em que trabalha. Fingindo ter sido agarrada pelo rapaz enquanto pegava sua bolsa com suas jóias na adega do restaurante, Mrs. Robinson (Vera Fischer) rasga seu vestido e arma toda uma cena em que é filmada descabelada e aos berros por um fotógrafo contratado por Leonardo. Viriato acaba preso e as cenas do suposto assédio sexual são veiculadas exaustivamente nos noticiários. No fim das contas, Dirceu descobre todo o golpe e Viriato é solto em troca do silêncio do jornalista para que aquilo não se torne um escândalo maior. Mrs. Robinson retira a queixa contra o rapaz, alegando ter tido um problema de memória, e todos saem limpos da história. Depois do ocorrido, ao invés de demitido, Viriato passa a ser uma celebridade no Monsieur Vatel e a mulherada passa a frequentar o local só para conhecer o bonitão que deu o fora na Mrs. Robinson.

¹⁸² Inconformado, Leonardo abandona a filha na entrada da Igreja no dia de seu casamento na Baixada.

contragosto dos pais, a moça acaba se casando com Viriato e indo morar com ele na Baixada. Diferente de sua mãe, que mantém o discurso de que a felicidade de uma mulher é se casar com um homem rico e viver às suas custas, Duda – como é conhecida – é designer gráfica e não depende de seus pais para viver. Depois do sucesso de um trabalho experimental em uma gravadora, onde ela fazia o design gráfico de um disco de MPB, a jovem recebe a proposta de contrato para que faça todos os projetos gráficos deles, mas acaba mesmo indo trabalhar com Dirceu no novo projeto do *Diário de Notícias*, que se torna um verdadeiro sucesso.

Além dos Corrêa de Andrade e Couto, em Copacabana também mora Dirceu de Castro que, dividindo grande parte de sua vida entre o jornalismo e sua amada Maria do Carmo, é o personagem que melhor fazia a passagem Rio-Baixada na trama. Famoso colunista político do Rio de Janeiro, e namorado de Maria do Carmo por mais de duas décadas, o jornalista, todos os dias, atravessava a Linha Vermelha para ir à Vila São Miguel e resolver os problemas da família Ferreira da Silva. Da metade da novela em diante, contudo, ele e Do Carmo acabam se estranhando – justamente porque Do Carmo não faz essa mesma passagem¹⁸³ junto ao seu mundo – e resolvem pôr um fim na relação amorosa, embora a amizade e o amor mútuo continuassem. A partir daí, Dirceu decide dar uma guinada em sua vida profissional, e começa demitindo-se do jornal em que trabalhava, onde o bom e velho jornalismo estava perdendo muito espaço para a publicidade.

Saudoso de uma época em que o repórter tinha uma causa e um sentido para lutar, Dirceu passa a ter como objetivo de vida voltar ao momento da ruptura entre a imprensa atual – marcada por politicagem, reportagens mal apuradas e feitas pelo telefone – e o tempo em que os jornais tinham alma. Buscando, então, resgatar o verdadeiro espírito¹⁸⁴ do jornalismo que, segundo ele, fora calado pela Ditadura – e cujo momento simbólico foi o fechamento do *Diário de Notícias*, onde ele era o jornalista mais fiel – ele decide reabrir o antigo jornal de Dona Josefa, e começa pela montagem de um conselho editorial e uma equipe de redação de

¹⁸³ Ao contrário de Dirceu que está todos os dias na casa de Do Carmo, raras eram as vezes em que ela fazia o mesmo. O ponto crucial do término entre os dois ocorre quando ela desconfia que ele está tendo um caso com Aretuza, uma jovem e bem apanhada senhora que ele contratou por empregada. Inconformado com a desconfiança de Do Carmo, que não teria acontecido se ela se fizesse mais presente em sua vida, Dirceu põe um ponto na relação amorosa entre os dois, que já não andava bem por conta das recusas de Do Carmo em se casar com ele, que se sentia perdido em meio às prioridades da amada.

¹⁸⁴ Cujas funções são denunciar o desmando da justiça, conturbar os políticos e lutar contra a impunidade.

primeira, formada por antigos colegas¹⁸⁵ e alguns sangues novos¹⁸⁶. Com a ajuda financeira de Sebastião, que herdou de sua antiga patroa um valioso quadro de Paul Cézanne, avaliado inicialmente em 30 milhões de dólares – o sonho de Dirceu se torna realidade e, no último capítulo, ele consegue colocar o *Diário de Notícias* novamente nas bancas. Ao final da história, Dirceu conquista não somente o jornal, mas o coração da filha de sua ex-patroa, a designer de jóias, Maria Guilhermina de Medeiros Duarte Pinto Lefebvre.

Solteira e solitária, a arrogante Guilhermina aparece na história já quase na reta final, com a intenção de impedir o leilão do quadro que sua mãe deixara para Sebastião, bem como reivindicar o título do jornal, que não mais pertencia à sua família. Vinda da França, onde morou quase toda a sua vida, ela se depara – contudo – com uma carta¹⁸⁷ que sua mãe, já idosa, escrevera para Sebastião, e que a faz refletir sobre sua própria vida. Após a leitura, ela chega à conclusão de que não vale a pena levar a vida como ela levava, sempre brigando na justiça por conta de coisas que podem ser resolvidas pessoalmente. Inspirando-se na leveza com que Laura e Pedro levavam a vida, ela deixa de ser uma mulher arrogante e prepotente e passa a encarar a vida com mais suavidade e menos confrontos, afinal, viemos todos do pó e ao pó voltaremos. No último capítulo, ela faz uma viagem à França para vender seu apartamento e se mudar definitivamente para o Rio, onde assumirá o cargo de ilustradora no novo *Diário de Notícias*.

De um modo geral, a vida em Copacabana é uma vida onde as pessoas são mais superficiais e menos espontâneas em seus relacionamentos. Apesar de também haver amor e companheirismo entre as pessoas em seus núcleos familiares e afetivos, os personagens da Zona Sul são mais reservados e não necessariamente colocam a família em primeiro lugar. Com vidas apresentadas – ora em apartamentos de classe média, com é o caso de Dirceu, ora em luxuosos apartamentos de pessoas de prestígio e da mais alta elite social, como é o caso de Pedro e Laura; e Leonardo e Gisela – o trabalho, apesar de existente, também não é exaltado como edificador do homem, como é na Baixada, sendo, antes, um meio de manter as

¹⁸⁵ No caso, Rodolfo, jornalista fotográfico e antigo colega do *Diário de Notícias*; e Isa e Baldo, repórteres já experientes que trabalhavam com ele no *Diário do País*, do qual se demitiu para reabrir o *Diário de Notícias*.

¹⁸⁶ Como Cláudia, Maria Eduarda, Guilhermina, e Alberto, como veremos em seguida.

¹⁸⁷ Vendo o marido definhando aos poucos após ser chamado de ladrão por Guilhermina, Janice vai ao encontro de Guilhermina e lhe mostra a carta que ela encontrara escondida no Galax. Emocionada com o que lera, Guilhermina volta atrás em sua decisão, embora ainda mantenha em segredo a existência da carta, da qual Sebastião nem desconfia.

aparências e os antigos costumes, como no caso de Leonardo e Pedro, ou até de atingir uma satisfação pessoal¹⁸⁸, como no caso de Dirceu e Maria Eduarda.

Ao contrário dos personagens da Baixada – que são fortemente marcados por um catolicismo popular – em Copacabana até o mordomo é agnóstico¹⁸⁹. Tendo sua fé no poder do Estado, e com uma prática religiosa sustentada em um “eu” totalmente voltado para questões mundanas (DUMONT, 1993), os moradores de Copacabana são aqueles que acionam a polícia nos momentos de urgência e que acreditam que são os trâmites legais¹⁹⁰ a melhor forma de se chegar à resolução de um problema, cujo interesse é, quase sempre, pessoal.

Dessa forma, mais voltados para si, mesmo quando aparentemente se preocupam¹⁹¹ com os que o rodeiam, são os moradores de Copacabana aqueles que mais se atentam às aparências e às normas de etiqueta: os homens, impecavelmente vestidos em seus ternos alinhados – e bebendo uísque escocês – conversam sobre política a um canto, enquanto as damas, deslumbrantes em seus vestidos assinados por Christian Dior, retocam a maquiagem na toilet. Os moradores de Copacabana são, enfim, aqueles que fazem um safári pela desconhecida Baixada, enquanto planejam sua próxima viagem à Paris.

2.2.2 O bairro Peixoto e seu “quê” suburbano

Retratado no estilo que mais parece lembrar um subúrbio mais requintado, o bairro Peixoto possui vários dos estereótipos que, segundo Stocco (2009), fazem parte do imaginário romântico do subúrbio carioca das novelas das oito: apresentado como um bairro residencial com um pequeno bar – o Bar do Elias – onde até seu dono é conhecido e amigo de todos, o local é marcado como um lugar tranquilo, onde muitas pessoas moram em casas – e não somente em apartamentos – os vizinhos se conhecem e mantêm uma relação mais próxima e solidária, o *point* de encontro é o boteco e comentar a vida alheia faz parte da vida cotidiana.

¹⁸⁸ Para eles, trabalhar em um jornal é ajudar a construir um país melhor.

¹⁸⁹ Além de Alfred, Pedro e Laura são declaradamente agnósticos. Os demais personagens não apresentam nenhum vestígio de que tenham religião.

¹⁹⁰ Mesmo Dirceu, que há mais de vinte anos frequenta a Baixada – e que sabe que Giovanni tem seus próprios meios de resolver as coisas – sempre opta pela legalidade como o melhor caminho.

¹⁹¹ A própria tentativa de Leonardo e Gisela empurrarem Thomas Jefferson para cima de Maria Eduarda demonstra isso. Sob o pretexto de que queriam o melhor para a filha – e mesmo cientes de que o rapaz é sem caráter e manipulador, como Leonardo chega a comentar com Gisela – o que eles almejavam, de fato, era um caminho aberto para conseguir lucros políticos, já que Leonardo queria fechar com Thomas alguns contratos sem licitação.

Tal como acontece nas cidades de interior, o bairro possui uma praça, por onde os moradores passeiam e, tranquilamente, refletem sobre a vida.

Dessa forma, revelando – dentro dos limites de Copacabana – um ambiente mais aconchegante e pacato, onde as relações de parentesco são mais hierárquicas, e há uma maior convivência, troca e auxílio entre os vizinhos (STOCCO, 2009), os moradores do Peixoto são pessoas mais simples, que se vestem e vivem de maneira mais informal: lá os homens estão sempre de calça *jeans*, geralmente usam sandálias e camisetas; e as mulheres, já mais variadas no gosto e no estilo, oscilam geralmente entre diferentes tipos de vestidos, mas nada de luxuoso.

É nesse núcleo que vivia Nazaré, a seqüestradora de Lindalva e grande vilã da história antes de se jogar do alto da ponte do Rio São Francisco. Antes do ocorrido, Nazaré dividia sua casa de dois andares com sua “filha”, e sua enteada, Maria Cláudia¹⁹². Com a morte de José Carlos, a situação financeira na casa fica crítica, chegando ao ponto de não terem o que comer. Tentando contornar a situação, Isabel tranca a faculdade de Direito e começa a trabalhar como recepcionista no restaurante de Edgar Legrand¹⁹³, com quem se envolve e acaba se casando. Já Maria Cláudia, que é formada em Jornalismo, acaba indo trabalhar com Dirceu como repórter investigativa no novo *Diário de Notícias*.

Isabel (Lindalva) é uma jovem linda e descolada que cresceu tendo Nazaré como referência. Sempre cercada de pretendentes e namorados, sexo nunca foi um tabu¹⁹⁴ para ela, que perdeu a virgindade aos 15 anos¹⁹⁵. Na novela, ela vive uma relação conflituosa com Cláudia e Nazaré, já que as duas vivem brigando e ela acaba tendo que fazer o papel de intermediária.

¹⁹² No meio da trama, Cláudia acaba descobrindo sobre o passado de Nazaré e chegando à verdade sobre o caso Lindalva. Ela, então, procura Dirceu que, entusiasmado com o faro jornalístico da moça, a convida para trabalhar com ele no projeto do *Diário de Notícias*.

¹⁹³ Dono e chefe de cozinha do Monsieur Vatel, Edgar é neto de Madame Berthe, famosa cafetina e dona do bordel em que Nazaré trabalhava antes de se casar com José Carlos. Edgar Legrand é um homem tímido e desajeitado que, na presença dos clientes, se faz de despojado e carrega no sotaque francês. Longe, contudo, fala um bom e velho português. Na história ele vem de um casamento traumatizante com uma mulher que o largou e lhe tirou parte de seus bens, mas acaba encontrando seu consolo no relacionamento com Isabel (Lindalva). Também é morador da Zona Sul, e se não me engano, de Copacabana, onde mora no apartamento que sua avó lhe deixou.

¹⁹⁴ Para Isabel, o fato de ela ser uma mulher bem resolvida na vida e sem neuroses está muito ligado à educação mente aberta que sua mãe lhe dera, e que a diferenciava de Cláudia, vista por ambas como problemática por ter ainda a cabeça muito fechada.

¹⁹⁵ Vale lembrar que a novela se passa na década de 1990.

Assim que descobre sua verdadeira história, Isabel se revolta com todos e, no impulso, acaba fugindo com Nazaré para Porto Alegre. Arrependida, ao perceber que Nazaré faz de sua vida uma mentira, Isabel volta para o Rio – depois de ser abandonada por Nazaré no hotel em que estavam hospedadas – onde se reconcilia com todos, inclusive com Maria do Carmo, sua verdadeira mãe. Grávida de Edgar, ela decide passar uma temporada na Baixada para poder curtir um pouco da vida que lhe fora roubada, mas assim que se casa, muda-se para o apartamento do amado, também na Zona Sul.

Cláudia, por sua vez, é uma jovem cheia de traumas que cresceu revoltada por não se conformar em ver a mãe definhando e morrendo de tristeza por conta da separação de seu pai, que a largou para ficar com Nazaré. Indo morar logo cedo com seu pai, Cláudia sempre foi o alvo das provocações e dos insultos de Nazaré, que acabava se fazendo de vítima diante de Isabel. Com um estilo gótico que marca seu personagem, a moça sempre foi apaixonada por Alberto, que só tinha olhos para Isabel. No meio da história, ela conhece e se apaixona por Leandro, com quem termina na novela, e de quem acaba tendo um filho, que recebe o mesmo nome de seu falecido pai. No fim, Leandro passa a morar com a moça na mesma casa em que morava a seqüestradora de sua irmã, e que agora pertencia à Cláudia.

Fausta é a diarista que trabalha na casa de Nazaré e que acompanhou a infância de Isabel e Cláudia, a quem tem como uma filha. Além de empregada, Fausta é amiga e confidente de Cláudia e, juntas, compartilham o fato de não gostarem da “Dona Jacaré”. Ao longo da trama, Fausta é diversas vezes humilhada por Nazaré, que chega a empurrá-la para fora do portão, insultando-a de molambenta. No final da história, Fausta é contratada como empregada doméstica e vai morar com Cláudia no Bairro Peixoto, onde passa a cuidar de Cláudia como uma segunda mãe.

Isabel e Cláudia são vizinhas e amigas de longa data de Seu Jacques, Alberto e Shirley, já que eles fizeram parte da infância das duas. Seu Jacques é um senhor aposentado que há anos luta pela correção do valor de sua aposentadoria. Tendo trabalhado a vida inteira, ele desconta na bebida a frustração de não receber o que lhe é cabido pelo INSS. Alcoólatra, ele acaba desenvolvendo um problema no fígado, com graves chances de virar cirrose, e

mesmo assim continua bebendo escondido, e dizendo aos quatro ventos que não vai morrer até que o INSS lhe pague seus atrasados¹⁹⁶.

Alberto, seu filho, é um jovem trabalhador que a vida inteira foi apaixonado¹⁹⁷ por Isabel, mas que depois passa a nutrir sentimentos por Cláudia, quando a moça desiste dos sentimentos que mantinha por ele. Especialista em editoração eletrônica, mas imaturo em questões amorosas, é ele quem sustenta a casa, onde mora com seu pai, que é viúvo. De começo, ele trabalhava no jornal mais importante do Rio, mas larga o emprego para se aventurar no *Diário de Notícias*, no qual mais se identifica. No final da trama, ele engata – a contragosto do pai – um relacionamento com Shirley, vizinha mais velha que o viu crescer, e que sempre foi a melhor amiga e companheira de bebida de Seu Jacques. Alberto se muda para a casa de Shirley, mas mesmo assim continua visitando seu pai todos os dias, e também mantendo suas despesas.

Shirley, como já disse, é uma mulher madura que sofreu a vida inteira com relacionamentos frustrados. Boa parte da trama, ela mantém um caso com um capitão de fragata casado e que nunca aparece. Ela também já foi amante do Doutor Marcos, médico especialista em idosos e que trata dos casos de Dona Laura¹⁹⁸ e de Seu Jacques, mas o relacionamento acabou quando ela percebeu que ele não largaria a esposa para ficar com ela. Apesar de suas frustrações, é uma mulher alto astral, que está sempre vestindo roupas coloridas e espalhafatosas. Vivendo da pensão que seu pai lhe deixara, ela passa praticamente todos os dias no Bar do Elias comendo uns petiscos e bebendo todas com seu Jacques. Juntos, Seu Jacques, Shirley, Alberto e Elias formam uma rede de amizade para todas as horas.

2.2.3 Entre o Rio e a Baixada: As situações sociais

Baixada Fluminense, Vila São Miguel. Mal o dia amanhece e Dirceu é acordado por Do Carmo que, já toda arrumada, lhe diz, com um sorriso, estar varada de fome. São sete horas da manhã. Dirceu se levanta rapidamente e, pondo-se a postos, segue com Do Carmo

¹⁹⁶ No final da novela, a voz de Maria do Carmo ao fundo diz que cinco anos depois o INSS continua calculando os valores da aposentadoria de Seu Jacques.

¹⁹⁷ Amigos de infância, Alberto se apaixona por Isabel logo no começo da adolescência dos dois. Os dois chegam a ter um relacionamento passageiro, onde perdem a virgindade, mas Isabel acaba não levando a relação para frente, já que percebeu que sentia apenas uma grande ternura pelo rapaz.

¹⁹⁸ Que na novela sofre de mal de Alzheimer.

até a cozinha, onde Cícera já preparou um café da manhã com muita fartura e comidas típicas de Pernambuco. Os dois tomam café juntos e se despedem um com beijo: é hora de trabalhar. Enquanto Maria do Carmo vai para sua loja de materiais de construção, que fica na praça central, a poucos metros à frente de sua casa; Dirceu segue com seu carro pela Linha Vermelha, onde terá uma reunião com o conselho editorial do novo *Diário de Notícias*.

Também apressado, Josivaldo sai logo cedo, na maior pinta de fazendeiro, e perfumado. Antes de sair ele acaba encontrando com Reginaldo e Vivianne, que passaram para sondar se havia novidades que os interesse, já que Josivaldo está infiltrado na casa de Do Carmo justamente para contar tudo o que acontece por lá. Eles ficam receosos com o jeito misterioso de “Seu Josi”, que disse estar indo se encontrar com seu advogado, mas nem desconfiam o que aconteceu: tendo ouvido atrás da porta que Do Carmo havia encontrado o paradeiro de Lindalva – que trabalha no Monsieur Vatel e se chama Isabel – ele consegue seguir a moça e agora está indo ao encontro de Nazaré, com quem se proporá a fazer um pacto em troca de sexo e vantagens.

Do Bairro Peixoto, Cláudia se prepara para se reunir com Dirceu e acertar os últimos detalhes de seu primeiro emprego. Por conta da ansiedade ela acaba não dormindo direito, e se atrasa ainda mais ao perceber que não tinha nada no armário para ela comer, e que teria que tomar café no Bar do Elias. Saindo às pressas, ela se esbarra com Fausta, sua faxineira, que é moradora de um bairro qualquer do Rio, mas que naquele momento estava vestindo a camisa de Naldo – filho de Maria do Carmo e então candidato a prefeito do recém emancipado município de Vila São Miguel – que havia ganhado de uma conhecida sua da Comunidade da Pedra.

Para aquela reunião também estará presente Maria Eduarda, moradora de Copacabana que – no momento – está discutindo com seu pai pelo fato de ele não aceitar seu relacionamento com Viriato, com a simples justificativa de ele ser um Silva e da Baixada. Enquanto discutem, Viriato está no mercado com seu tio Sebastião comprando os ingredientes para o jantar que ele preparará na casa do Barão, e no qual ele pedirá Maria Eduarda em casamento. Ele pediu permissão a Edgar para que chegasse um pouco mais tarde ao trabalho, já que preferia ele mesmo selecionar os ingredientes com os quais cozinhará.

No Monsieur Vatel, em Ipanema, Isabel chega mais cedo para compensar a ausência de Viriato e dar um apoio moral a Edgar, já que o dia estava cheio de reservas e o quadro de

funcionários estava desfalcado. Bem naquele dia, Maria do Carmo resolve ir lá almoçar com Dirceu, mesmo sem ter feito reservas e acaba tendo um momento a sós com Isabel na adega.

Já no apartamento do Barão, Sebastião e Viriato se deparam com a casa sem os donos: é que Scarface, a mando de Giovanni, havia buscado os dois para que fizessem uma visita à Escola de Samba Unidos de Vila São Miguel, onde haveria um almoço regado à buchada de bode.

2.2.4 Análise de uma situação social em *Senhora do Destino*

Tal como Gluckman (2010) fez em sua análise de uma situação social na Zululândia Moderna, acima apresento uma amostra típica e ideal de várias cenas que se entrelaçam ao longo dos capítulos de *Senhora do Destino*. Ocorridas, não necessariamente nessa ordem, e não necessariamente exatamente da maneira como foram narradas, elas representam, no todo, parte de uma série de 216 capítulos que eu pude assistir como observadora. Logo, a partir dessas cenas, bem como da junção de outras aqui não descritas, buscarei delinear o que denomino estrutura social na Baixada de Aguinaldo e que, numa instância maior, me permitirá pensar as implicações existentes entre Baixada-Rio-Brasil no discurso da telenovela. Nosso grande desafio daqui em diante será tentar fazer uma análise do equilíbrio (GLUCKMAN, 2010), de modo a demonstrar como se cruzam e se relacionam esses dois universos interdependentes que são a Baixada Fluminense e a Zona Sul do Rio de Janeiro.

Desse modo, se Gluckman encontrou na análise de uma série de eventos complexos – principalmente relacionados à cerimônia de inauguração de uma ponte – um meio de se pensar a relação entre brancos e zulus dentro de um mesmo sistema social; assim também eu encontro – na veiculação de uma novela do horário nobre que, aparentemente revela uma dicotomia entre Rio e Baixada Fluminense – um modo de se pensar uma nação imaginada brasileira (ANDERSON 2009). Inicialmente, devo salientar, portanto, que o fato de dividirem a mesma trama demonstra que, de forma conjunta, Zona Sul e Baixada Fluminense formam uma única comunidade brasileira com modos específicos de comportamento (GLUCKMAN, 2010). Apesar de inter-relacionados, contudo, esses dois grupos podem, até certo ponto, ser tratados de maneira separada.

Divididos em dois grupos distintos dentro da trama, as relações entre os moradores da Zona Sul e da Baixada Fluminense são predominantemente marcadas com certo estranhamento e um comportamento desajeitado de um em relação ao outro, o que se pode

notar na trama, por exemplo, quando Maria do Carmo vai com Giovanni ao jantar oferecido por Viriato na casa do Barão e Dona Laura, onde também estão presentes Gisela, Leonardo e Maria Eduarda. A espontaneidade nos modos de Maria do Carmo e Giovanni causa, ainda que de forma velada e evidenciada apenas em trocas de olhares, certo incômodo em Gisela e Leonardo, de tal forma que eles não conseguem agir naturalmente. Ao final do jantar, os dois saem visivelmente emburrados e insatisfeitos, tendo em vista o desgosto da companhia, e o pedido de casamento surpresa que havia sido realizado.

Nessa cena, portanto, fica evidente que, apesar de unidos em um mesmo evento, que celebra a união de um assunto em comum – no caso, a oficialização de um matrimônio de um casal que se ama e que tem aquelas poucas pessoas como as mais importantes de sua vida – o comportamento de um grupo em relação ao outro é marcado por certa hostilidade e certo conflito, principalmente vindos do núcleo de maior *status* social, o que não ocorre da mesma forma e com a mesma intensidade quando os dois núcleos estão devidamente separados.

Marcados por uma posição dominante, o grupo da Zona Sul deixa transparecer sua hegemonia em relação à Baixada. Afinal, se na Baixada Maria do Carmo Ferreira da Silva e Giovanni Improtta são considerados autoridades máxima e a palavra deles é ordem, naquela situação não passam de figuras estranhas e primitivas que não exercem nenhum efeito sobre pessoas como Gisela e Leonardo¹⁹⁹, a não ser o do desprazer da companhia. Mesmo donos, cada qual, de um patrimônio milionário, o núcleo da Baixada é visto, senão com desdém por aqueles que consideram o local como fim do mundo, ao menos com uma visão ingênua, e por que não alienada, que equipara o lugar a um admirável mundo novo, onde as pessoas são alegres e receptivas, comem bem e sabem se divertir como ninguém da Zona Sul²⁰⁰.

Sob esse aspecto, trabalhada de forma sutil, porém refinada, a inter-relação entre os personagens dos dois núcleos aponta para uma linha de conflitos e contradições que acabam elevando uma relação hierárquica entre esses dois universos, onde a Zona Sul sai por cima. Assim, se no caso da passagem Baixada-Zona Sul, Viriato – que tem certo *status* onde mora por ser filho de Maria do Carmo, trabalhar como *maître* em um restaurante francês e estar

¹⁹⁹ Que ao contrário do núcleo da Baixada, não exercem nenhuma função tão importante que os equipare na Zona Sul: Leonardo é apenas mais um empresário bem sucedido da Zona Sul, ao passo que Gisela uma simples perua inútil, como já disse Dona Laura.

²⁰⁰ Visão essa compartilhada por Pedro, Laura, Guilhermina e, ao final da trama, até por Gisela e Leonardo.

sempre vestido de maneira mais formal, o que o faz ser equiparado a um *Lord* inglês²⁰¹ – sai de sua posição privilegiada para se tornar apenas mais um trabalhador que, tal como um chefe zulu, só volta a ocupar sua antiga posição quando retorna para casa; a passagem Zona Sul-Baixada, ao contrário, é marcada pela figura de um falido Barão que, nas terras de Giovanni, vira rei e é reverenciado por sua figura mais importante: o próprio Dom Giovanni.

Nesse sentido, apesar de ambos, Viriato e Pedro, estarem prestando seus serviços – e igualmente sendo recompensados financeiramente por isso – em núcleos diferentes de seus locais de origem, a presença dos dois tem diferentes implicações dentro das relações em que estão inseridos. Sendo assim, mesmo sendo o “funcionário”, o Barão de Bonsucesso cria uma relação de superioridade em relação ao serviço prestado: é ele quem está ensinando àquele homem rústico e primitivo o modo de se portar como um homem de classe. Já no caso de Viriato, a figura muda de forma e, apesar de grande amigo e confidente de Edgar, o dono do restaurante, o rapaz não deixa de ser um subordinado que cumpre ordens de seu patrão.

Ainda pegando o exemplo de Viriato, a cena em que o rapaz tem seu primeiro contato com Leonardo marca bem essa relação de superioridade existente entre os dois núcleos. Convidado por Thomas Jefferson a conhecer o mais novo e badalado restaurante da Zona Sul – o Monsieur Vatel – Leonardo vai ao local, acompanhado de Gisela e Maria Eduarda, que, de maneira inusitada, descobre que o homem que a salvara do sequestro e por quem se interessara é funcionário de um restaurante. Ao tentar, docilmente, sugerir um vinho a Leonardo, ele lhe é hostil e cria a maior cena. Dá ordens explícitas para que Viriato lhe sirva o vinho escolhido, já o rapaz não passava de um reles maître que não entendia nada de bebidas finas. Mesmo irritado, Viriato cede às vontades de Leonardo, que havia escolhido um vinho que não combinava com o prato, e traz a bebida que ele pediu. Com arrogância, ele pede para ser servido e diz que o vinho estava estragado. Viriato o experimenta e constata que não havia nada de errado com ele. Novamente Leonardo se irrita e humilha o rapaz, que lhe responde à altura. Por fim, Edgar intervém e pede a Moura que traga outro vinho a Leonardo. Moura o serve e Leonardo se diz satisfeito²⁰².

²⁰¹ Inclusive Maria Eduarda quando o conhece – e sem saber de sua origem e seu trabalho – chega a compará-lo a um cavalheiro das antigas, um homem que não se tem mais hoje em dia.

²⁰² Na adega, Edgar exorta Viriato a não querer ensinar ou dar palpite na escolha dos fregueses, ainda quando estes estejam fazendo uma escolha ruim, já que isso seria como ele se colocar numa posição superior.

A relação conflitiva entre Viriato e Leonardo é tão marcada que, mesmo quando Dona Laura precisa da ajuda de Viriato para oferecer um jantar a Thomas Jefferson em agradecimento ao cargo que ele arrumara para Pedro, Leonardo dá um jeito de humilhar o rapaz. Na ocasião, Leonardo – satisfeítíssimo com o jantar – decide ir até a cozinha para parabenizar o cozinheiro. Ao se deparar com Viriato, ele começa a ofendê-lo e os dois partem para a agressão física. Saindo de lá arrasado junto com Cícera, que o ajudou a preparar a comida, Viriato comenta que não vê a hora de voltar para a Baixada, “nossa terra, onde as coisas são simples, mas sinceras. Lá é o nosso lugar”, finaliza.

A cena do casamento de Maria Eduarda e Viriato é outro momento da novela em que a separação entre os dois núcleos da trama fica bem evidente. Casando-se, a contragosto dos pais, numa Igrejinha, segundo Gisela, cafonérrima de Vila São Miguel, Leonardo teve que fretar um ônibus²⁰³ de luxo para que seus convidados fossem até a Baixada – já que estavam todos reclamando que o lugar era longe e violento demais irem sozinhos. Chegando à cerimônia, os convidados da Zona Sul sentam-se separados dos demais e a todo tempo permanecem de cara fechada. Com o ataque²⁰⁴ de Leonardo que – de última hora – se recusa a entrar com Duda, e o desmaio de Gisela na hora do “sim”, os convidados da família da noiva saem antes mesmo do fim da cerimônia dizendo ser um absurdo a nobreza brasileira²⁰⁵ ir parar no fim de mundo da Baixada.

Apesar disso, contudo, é válido termos em mente que a obra de Aguinaldo trabalha em cima de uma inversão, onde não é o núcleo socialmente desvalorizado da Baixada que depende da ajuda da Zona Sul, mas, ao contrário, é a Baixada o verdadeiro sustentáculo na trama: é Sebastião quem salva seus patrões arrumando-lhes cheques pré-datados quando Pedro e Laura estão na pior; é Giovanni quem oferece o emprego que dá uma reviravolta na vida do Barão, tanto em termos econômicos como no seu modo se sentir útil e vivo; é Viriato quem salva Maria Eduarda de um sequestro relâmpago, e quem também ajuda no jantar oferecido por seus avós ao deputado Thomas Jefferson, quando eles estavam sem dinheiro.

²⁰³ No ônibus, Laura senta-se ao lado de Evangelina, uma amiga de décadas que pertence à mais alta classe social. Passando pela Linha Vermelha, Evangelina fecha a cortina do ônibus, com o pretexto de que o sol estava incomodando sua vista. Laura, incomodada, diz entender o que estava atrapalhando sua visão.

²⁰⁴ Dizendo que não iria compactuar com a burrice de sua filha, que estava trocando uma vida boa por uma vida mesquinha e, ainda por cima, sujando o sangue da família e sua descendência nobre com uma penca de filhinhos suburbanos, Leonardo pede para o motorista levá-lo até a Zona Sul, longe daquela gente fedida.

²⁰⁵ Ouvindo isso, Dona Flaviana diz à Evangelina que ela vai tarde. Evangelina retruca quem lhe ousa dirigir a palavra, ao passo que Flaviana responde que é sogra do dono do pedaço, se é que ela entendia.

Nesse sentido, pode-se dizer que – dentro de ambientes e relações sociais especiais, personagens dos dois núcleos têm relações amigáveis e, por vezes, até de companheirismo (GLUCKMAN, 2010).

Outro fator que é bom não perdermos de vista é que tanto o grupo da Baixada quanto o da Zona Sul possuem divergências internas, contradições, variações de interesse e manipulação ao longo da trama (GLUCKMAN, 2010), de tal modo que esses dois grupos principais – podem e estão divididos em grupos subsidiários – no caso, a Comunidade da Pedra, e o bairro Peixoto, respectivamente. Além disso, acresce-se o fato de que um dado personagem pode assumir uma vida coerente, mesmo que dentro de uma miscelânea de valores, crenças e interesses. Dessa forma, Maria Eduarda²⁰⁶ vive uma vida coerente dentro de seus padrões, que são bem diferentes dos de seus pais ou amigos, como é o caso de Thomas, apesar de ter nascido e crescido junto aos valores com os quais diverge; e Dirceu, apesar de também ser morador da Zona Sul, considera sem autenticidade pessoas que, como Gisela e Leonardo, vivem presas a convenções.

Fora isso, ao longo da trama, diversos personagens, como Leonardo, Gisela e Guilhermina sofrem um processo de mudança – que acontece após muitos conflitos²⁰⁷ – onde passam a se posicionar de maneira diferente diante de uma mesma situação, geralmente menos arrogante. Outros, como Giovanni e Madruga, passeiam entre a legalidade e a ilegalidade a partir da manipulação de regras que demonstram a discrepância entre o escrito e o vivido. De um modo geral, as relações entre grupos e pessoas são marcadamente híbridas e heterogêneas, “já que uma pessoa pode pertencer a inúmeros grupos que estão às vezes em oposição a si ou unidos contra outro grupo (GLUCKMAN, 2010, p.259).

²⁰⁶ A moça é a única em sua casa que acha que mulher tem que trabalhar, e não depender do dinheiro dos pais ou de marido. Além disso, ela é a única que também não se importa *status* social e que não mede suas relações de acordo com as posses e o lugar de onde as pessoas vêm. Seus padrões são tão coerentes que ela chega a recusar um apartamento de luxo na Lagoa Rodrigo de Freitas que seus pais lhe compraram de presente de casamento, já que seu grande sonho é construir com seu próprio suor uma casa na Baixada.

²⁰⁷ Leonardo e Gisela precisaram passar por muitos embates com a filha para aceitarem a situação. A gota d'água, contudo, foi o fato de Leonardo descobrir que não é filho biológico de Pedro, mas de Alfred, o mordomo que ele tanto despreza, e uma cozinheira chamada Elvira da Silva, que morreu ao dar a luz. Sem reação após saber que também ele é um Silva nascido de uma cozinheira, Leonardo acaba, enfim, aceitando a relação da filha com Viriato, mas mantém a sete chaves o segredo de sua vida. Já Guilhermina, como vimos, precisou ter várias discussões com Dirceu, ouvir conselhos de Pedro e perceber o quanto ela tinha sido leviana com Sebastião para mudar suas atitudes. Assim como Leonardo, ela decide manter em segredo a existência do conteúdo da carta.

Prova disso, por exemplo, é a atuação de Josivaldo dentro da trama. Ex-marido que abandonou Maria do Carmo quando ela ainda morava em Belém de São Francisco, Josivaldo reaparece ainda no começo da novela depois de assistir ao programa de TV em que Maria do Carmo aparece fazendo um apelo para encontrar sua filha. Vendo que ela estava bem de vida, ele a procura em Vila São Miguel e, com a ajuda de Reginaldo – que apesar de filho de Do Carmo, a tem como sua pior inimiga – consegue se infiltrar no lar do Ferreira da Silva. Não bastasse isso, seu personagem, ao descobrir o paradeiro de sua própria filha, propõe um pacto com a seqüestradora da criança, com quem passa a manter um caso, de modo a tentar ficar com um terço de toda a fortuna de Do Carmo. Assim como Josivaldo, outros personagens na trama demonstram como a passagem entre os dois grupos é mais complexa do que pode parecer a um primeiro instante.

Tanto no grupo da Zona Sul como no grupo da Baixada existe uma distribuição diferenciada de bens entre indivíduos, de uma forma que a posse de bens diferentes nos dois grupos dificulta uma simples diferenciação baseada no critério territorial (GLUCKMAN, 2010). Do mesmo modo, relações de cordialidade e cooperação existem nos dois núcleos da trama, seja esta cooperação entre vizinhos ou empregados. Tanto de um lado, como de outro dos grupos, existem relações mais espontâneas ou mais frias com a vizinhança. Tanto na Zona Sul como na Baixada há empregadores que mantêm uma relação de amizade com seus empregados, como é o caso de Maria do Carmo com Cícera e Clementina, de um lado, e Pedro e Laura com Sebastião, de outro. Em ambos os lados também há aqueles que humilham seus funcionários, como Reginaldo e Vivianne frequentemente fazem com Martinha e Zequinha, secretários do gabinete da câmara dos vereadores; e Leonardo costuma fazer com Alfred, que até com um cachorro já o comparou. Há, ainda, aqueles que se resumem a tratar seus empregados apenas como empregados, como é o caso de Giovanni com sua empregada doméstica, e de Gisela com Fatinha. Ademais, há pessoas ociosas e trabalhadoras, bem ou mal intencionadas, com ou sem escrúpulos nos dois lados da trama.

Certamente que, por uma perspectiva das inter-relações, os moradores da Baixada se diferenciam no tipo de organização social ao qual estão inseridos – com valores, costumes, tradições, linguagem, padrão de vida fixo, modos de trabalho – muitas vezes discrepantes do núcleo da Zona Sul. Numa perspectiva mais ampla, contudo, a existência de dois grupos na novela (Baixada e Zona Sul) em cooperação dentro de uma única comunidade – a brasileira – é o que constitui e dá forma a uma estrutura cuja passagem encaminha para Rio-Baixada-

Brasil. Desse modo, finalizo aqui o capítulo dizendo que – tendo como principal inspiração o trabalho de Gluckman sobre a situação social da Zululância moderna – tentei delinear, em última instância, o funcionamento da estrutura social de uma comunidade imaginada brasileira, em termos das relações entre os grupos a Zona Sul e da Baixada Fluminense.

CAPÍTULO III – UMA NOVELA, VÁRIAS BAIXADAS

3.1 Do Ermo tão tão Distante ao Pólo do Desenvolvimento Econômico: Um olhar ao longo das décadas

Neste tópico buscarei fazer um apanhado geral de como a Baixada Fluminense apresentada ao longo da novela *Senhora do Destino* dialoga com diferentes representações difundidas pelo jornalismo e outros atores da esfera econômica e política ao longo dos anos. Afinal, ao contrário do que pode parecer a um primeiro momento – quando vista de maneira mais superficial – a imagem que Aguinaldo trabalha de Baixada não é estática, nem tão pouco baseada em um discurso unilateral. Apresentada sob diferentes formas, dependendo do tempo histórico e dos olhares lançados sobre ela – já que há tensões e disputas entre os diferentes personagens em cena – buscarei abordar como o autor foi construindo uma imaginação de Baixada fluida e flexível, que passa de um fim de mundo até ganhar os contornos de um cenário nacional.

Para tanto, três²⁰⁸ serão os principais autores usados na seção. Os trabalhos de Enne (2002, 2004, 2013) nos ajudarão bastante a entender como os meios de comunicação de massa tornam-se fundamentais para pensarmos a formação de memórias coletivas sobre a Baixada. Tendo mapeado como foram construídas as representações da Baixada Fluminense, entre os anos 1950 a 2000, em quatro grandes jornais impressos do Rio de Janeiro²⁰⁹, a antropóloga enriquece nossa pesquisa, na medida em que nos permite fazer uma correlação entre a abordagem da novela com as múltiplas imagens que foram construídas pelo jornalismo ao longo das décadas.

O trabalho de Alves (2003), por sua vez, nos será muito grato, na medida em que nos permitirá – de uma forma rica e bem detalhada – abordar como se dá essa estreita relação entre Baixada Fluminense e violência dentro de uma perspectiva mais histórica, porém também muito ligada à mídia. Sua abordagem política e seus dados sobre a trajetória de Tenório Cavalcanti e a formação de grupos de extermínio também nos serão essenciais para compormos nosso objeto de análise.

²⁰⁸ Aqui também gostaria de citar a importância do trabalho de Barreto (2006) que, apesar de mais explorado no capítulo 1, também foi de fundamental importância para ajudar a explorar a figura de Tenório.

²⁰⁹ Sendo eles: Jornal do Brasil, O Globo, O Dia, A Última Hora.

Por fim, a tese de doutorado de Rocha (2014) sobre as novas representações atribuídas à Baixada Fluminense me permitirá explorar como – em uma perspectiva mais ampla – a valorização empreendida por Aguinaldo em *Senhora do Destino* se articula com as novas representações difundidas por diferentes atores do campo político, econômico e social, que – com o interesse nas apropriações e usos que o território pode oferecer – passam a difundir novos sentidos à região, agora atrelada às noções de desenvolvimento, progresso e mudança social (ROCHA, 2014).

3.1.1 A década de 1960 e a figura de Tenório Cavalcanti

Apresentada na trama quando Maria do Carmo é despachada em meio a uma estrada vazia em Duque de Caxias – que veio a se tornar Vila de São Miguel – depois de ter sido presa por engano por militares, a Baixada é primeiramente enfatizada como terra do Dr. Tenório, um fim de mundo ideal para se despedir do mundo. Pouco depois, Sebastião compra, de Tenório Cavalcanti, um lote em Vila de São Miguel para que Maria do Carmo possa morar com seus filhos. Na cena do fechamento da compra, Tenório Cavalcanti é caracterizado como um homem alto e magro, vestido de terno e gravata e ornamentado com uma capa preta, onde ele carrega uma metralhadora “Lurdinha”. Ele aponta para Sebastião o lote que ele havia comprado, sela o compromisso com um aperto de mão, faz um cafuné em Viriato e sai escoltado de seus capangas em uma Rural e um Jeep. Antes de partir, Tenório acena para Sebastião, que diz para sua irmã: “É Padre Cícero no céu e esse homem em Caxias”. O ano era 1968.

Desse pequeno fragmento, apresentado logo no início da trama, podemos perceber como Aguinaldo se utiliza das representações que o jornalismo fazia na época para compor sua Baixada. Sendo os meios de comunicação de massa um dos grandes responsáveis pela vinculação da noção de violência para a região (ALVES, 2003; ENNE, 2002; ROCHA, 2014), a trajetória de Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque foi essencial para a consolidação da imagem de Baixada como faroeste fluminense. Nas palavras de Enne (2004, p.15):

Assim, até 1950 a Baixada teria tido relativamente pouca visibilidade dentro da grande imprensa. Uma mudança nesse sentido começou a ser sentida em meados de 50 e na década de 60, principalmente pelo papel exercido pelo político e pistoleiro Tenório Cavalcanti e pelas lutas pela posse da terra, no processo de loteamento que irá marcar a região. Nesse período foi sendo construída a imagem de Baixada como “faroeste fluminense”, uma “terra sem lei”.

Alagoano, Tenório Cavalcanti chega ao Rio de Janeiro em 1926, após a morte do pai (BARRETO, 2006). Vindo a se encontrar com seu tio e padrinho, o deputado Natalício Camboim de Vasconcelos, o ainda jovem Tenório dá início à rede de relações que lhe ajudariam a estabelecer seu futuro na Baixada (ALVES, 2003). Diferenciando-se da maioria dos nordestinos que chegaram ao Rio de Janeiro, que constroem sua vida do nada, Tenório encontra nas relações familiares e de parentesco de sua poderosa família – os Cavalcanti de Albuquerque – um meio de se inserir em círculos políticos e econômicos, que lhe renderam sua promissora base de sustentação. Montando, então, uma densa rede de relações pessoais, parentesco, amizade e patronagem, baseada em reciprocidade, dependência e lealdade, Enne (2002, p.96) destaca que:

Através de tal rede, Tenório aproximou-se de famílias tradicionais (inclusive pelo casamento) mas, ao mesmo tempo, manteve suas relações com os migrantes, inclusive intermediando a vinda de muitos para a Baixada e colocando-se, quando se formou em Direito, como advogado em causas de despejo e lutas pela terra. Neste sistema, projetou-se como líder regional e conseguiu penetrar nas esferas da política nacional, conseguindo expressivas votações para o Legislativo.

Inicialmente auxiliado por Hildebrando Góes²¹⁰ – que lhe arrumou um emprego de controlador de ponto nas obras da estrada Rio-São Paulo, em 1927 – Tenório é, em seguida, convidado a administrar a fazenda de Edgar de Pinho²¹¹, em Duque de Caxias (BARRETO, 2006). Após envolver-se em diversos conflitos armados pela posse de terras na região, ele acaba deixando a fazenda, mas não sem antes receber uma gorda indenização. Com o dinheiro, Alves (2003) afirma que Tenório montou uma casa de material de construção e madeiras, o que, em poucos anos, lhe permitiu construir um significativo patrimônio.

Vindo a se tornar, ainda, um próspero proprietário de terras, Tenório acaba se elegendo vereador²¹², em 1936, pela União progressista Fluminense (UPF), por intermédio de Getúlio Moura, na época um eminente político de Nova Iguaçu. Com o advento do Estado Novo, contudo, ele tem seu mandato cassado no ano seguinte, em função de sua oposição ao governo Vargas. Seu bom relacionamento com Ricardo Xavier da Silveira e o apoio de

²¹⁰ Diretor do Departamento de Portos, Rios e Canais, e responsável pelo processo de saneamento da Baixada (ALVES, 2003).

²¹¹ Cunhado do então ministro das Relações Exteriores do governo Washington Luís, Otávio Mangarria.

²¹² Representava o distrito de Duque de Caxias na Câmara de Nova Iguaçu.

pessoas vinculadas ao governo, contudo, permitiram que ele fosse nomeado fiscal em Duque de Caxias, cargo que ocupou mesmo após o estabelecimento ditatorial estadonovista.

Já com a deposição de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo, ele filia-se à União Democrática Nacional (UDN), onde se elege deputado estadual, em 1946. É nesse período que, segundo Alves (2003), Tenório torna-se o primeiro e talvez único parlamentar do Brasil a andar com armamento pesado. Valendo-se, tal como na novela, de sua inseparável capa preta²¹³, que lhe ocultava o colete de aço que sempre usava, ele passa a carregar consigo sua metralhadora, apelidada de “Lurdinha”, a partir de uma licença especial do general Pedro Aurélio de Góes Monteiro²¹⁴, que também estendera essa licença a vários dos homens que trabalhavam com Tenório.

Sua projeção nacional, contudo, consolida-se no ano de 1953, quando ele ocupava o cargo de deputado federal²¹⁵ não tanto em função de seu mandato, mas pela explosão de violência vinculada ao seu nome. Com um histórico de 47 ferimentos a bala, 28 episódios violentos e 8 prisões, entre 1928 a 1953, Alves (2003) destaca que a trajetória política de Tenório Cavalcanti é marcada pelo uso da violência e da coerção como meios políticos legítimos. Nesse período, cria-se em torno de sua pessoa toda uma mistificação, muito apoiada em torno de uma fama de “ter o corpo fechado”, o que foi reforçado, em 1954, quando Tenório – visando uma estratégia eleitoral – fundou seu próprio jornal intitulado *Luta Democrática*, onde ele se encarregou de difundir imagens sobre sua própria pessoa (ENNE, 2004).

Desse modo, com um apelo sensacionalista que lhe garantiu uma grande penetração popular, Alves (2003, p.89) argumenta que – para além do “mundo cão” dos crimes e dos escândalos, o diário de Tenório o apresentava como o herói destemido, de capa preta e metralhadora, que defendia o povo. Sendo, então, essa sua imagem incorporada pela imprensa local e pelos grandes jornais da capital, Enne (2002) destaca que a Baixada Fluminense

²¹³ Essa sua figura fica tão marcada que, em 1986, Tenório vira personagem de um filme. Intitulado *O Homem da Capa Preta*, o filme – produzido por Sérgio Resende – tem José Wilker (o eteno Giovanni Improtta) no papel de Tenório Cavalcanti (BARRETO, 2006). É válido termos em mente que, em 1954, já havia sido filmado *Carnaval em Caxias*, em que José Lewguy interpretava o personagem Honório Boamorte, personagem – segundo Barreto (2006) – que era inspirado em Tenório.

²¹⁴ Chefe-militar da Revolução de 30, duas vezes ministro da Guerra e chefe do Estado-Maior do Exército.

²¹⁵ Tenório foi eleito deputado federal em 1950, com 9 mil votos. No pleito seguinte, Barreto (2006) destaca que ele foi reeleito como o mais votado de sua legenda, somando 42 mil votos; o que se repetiu, ainda, em 1958, com 46 mil votos.

passou a ocupar com mais frequência as páginas dos diários nacionais, especialmente as matérias destinadas a casos de polícia, conflitos de terras, e disputas políticas marcadas por práticas violentas:

Portanto, seja através da ação direta via *Luta Democrática* ou como uma figura constantemente representada nos discursos da imprensa sobre Baixada Fluminense Tenório vai ser definitivamente associado à região. Nesse momento, está se firmando a imagem da BF como um espaço violento, sem lei, um “faroeste fluminense”, como indicado acima. Como explica Marlúcia Souza: “a imagem de Caxias, no período, pode ser expressado pelo dito popular da época: ‘Caxias é a terra onde galinha cisca para frente’, absurdo e estranho, próprio de uma região violenta que até as aves são diferentes (ENNE, 2002, p.97).

Por fim, é válido ressaltarmos que, para complementar ainda mais essa imagem negativa de Baixada, a sucessão de saques e depredações ocorridas na Baixada no dia 5 de julho de 1962²¹⁶ – que ficou conhecida como “quebra-quebra”²¹⁷ – marca o surgimento de milícias pagas pelos comerciantes locais que procuravam garantir a segurança de seus estabelecimentos (ENNE, 2004). Tem início, a partir daí, a ação de “grupos de extermínio” na região, já que – desde o golpe de 1964, mas, sobretudo, a partir de 1967 – a Polícia Militar passa a assumir um papel coadjuvante na repressão montada pela ditadura (ALVES, 2003).

Dessa forma, o ano de 1968 – ano em que a novela inicialmente se passa – vem a ser o marco da consolidação da região como uma área “problemática” no que se refere à segurança e violência. Afinal, segundo Enne (2004) foi nesse ano que Duque de Caxias foi declarada – pelo governo militar – Área de Segurança Nacional, passando a sofrer uma série de intervenções políticas.

Voltando a figura de Tenório, depois de perder a disputa pelo governo do estado da Guanabara, em 1960, e do governo do estado do Rio de Janeiro, em 1962, Tenório tem seus direitos políticos cassados em 1964 pelo Ato Institucional nº1 (AI-1), tendo em vista seu perfil polêmico e sua vida pública pouco ortodoxa (BARRETO, 2006). Mantendo-se, então, afastado da cena política caxiense durante o período da ditadura militar, ele tenta – dezoito anos mais tarde – candidatar-se ao cargo de deputado federal pelo PDS, mas acaba sendo derrotado, já que não contava com o mesmo prestígio de antes, e outras lideranças já se estabeleciam na Baixada.

²¹⁶ Que, segundo Enne (2004) fizeram parte de um contexto histórico de “revoltas populares” que envolveu todo o estado do Rio de Janeiro.

²¹⁷ Segundo Alves (2003), essa revolta deixou 42 mortos, 700 feridos; sendo que 2 mil estabelecimentos comerciais de gênero alimentícios foram atingidos, o que gerou o prejuízo de 1 bilhão de cruzeiros.

Dado o exposto, fica evidente que Aguinaldo utiliza da figura imagem midiática de Tenório Cavalcanti para compor um imaginário de Baixada equivalente ao que era veiculado pela imprensa na época em que inicialmente se passa a trama, ou seja, 1968. Apesar do pouco espaço dado a esse momento da novela – que pode até passar por despercebido se tomarmos a obra como um todo – pode-se dizer que, nos pequenos detalhes, a obra trabalha com uma ideia de Baixada em transformação, que passa de um lugar violento e sem valor, e alcança o *status* de um lugar em pleno desenvolvimento e com boas condições de vida e consumo.

3.1.2 As décadas de 1970 e 1980: Um breve olhar

Apesar de a novela não abordar esse período histórico da Baixada – já que há um corte entre o fim da década de 1960 para meados de 1990 – acreditamos ser interessante termos uma leve noção de como a imagem de Baixada Fluminense foi se consolidando nesse período, uma vez que – como está sendo proposto aqui – a composição dos imaginários de Baixada Fluminense em *Senhora do Destino* se deu muito em função dos recortes midiáticos. Para fins de não deixar, assim, um espaço vazio no tempo, segue um breve resumo dessas duas décadas, ainda muito marcadas por uma caracterização da imprensa carioca de um imaginário de Baixada como “o outro” exótico e perigoso (ENNE, 2013).

Segundo Alves (2003), o final da década de 1960 e, sobretudo, a década de 1970 correspondem ao período de surgimento e consolidação do que veio a ser conhecido como esquadrão da morte. Mais do que um grupo de matadores ligados à polícia e respaldados pela ditadura, Alves (2003) aponta que o esquadrão da morte veio a se constituir como uma rede complexa e reveladora de relações e interesses. Nesse sentido, para o referido autor, o percurso das matérias da imprensa demonstrará as diversas faces desse padrão de violência que conferirá à Baixada sua característica mais peculiar, segundo a visão da mídia. Dessa forma, segundo o autor,

Se inicialmente o destaque era para a violência policial, cometida contra cidadãos, por excesso de aplicação de força ou por engano, progressivamente vai-se concentrando nos casos de execuções determinadas por interesses de terceiros: comerciantes, traficantes e outros, com policiais surgindo como membros dos grupos de extermínio. Por outro lado, juntamente com o número crescente de inquéritos sem identificação de vítimas ou autores, e sem qualquer procedimento de investigação, intensificava-se o acompanhamento dos casos mais contundentes, permitindo-se entrever os bastidores das diversas tramas (ALVES, 2003, p.147-148).

Sendo a década de 1970 o momento em que os grupos de extermínio se intensificam na região, Alves (2003) ainda aponta para o papel ambíguo que a imprensa passa a desempenhar nesse período. Para o autor, as revelações produzidas pelas investigações farão com que a imprensa funcione ao mesmo tempo como elemento de segregação da Baixada – ao identificá-la como outra sociedade, terra sem lei, câncer vizinho ou até lugar onde a feiúra se associa ao crime – e como instrumento de pressão nos processos de investigações promovidas pela Delegacia de Homicídios. Ambiguidade essa que se estabelecerá entre a solidariedade e a rejeição (ALVES, 2003).

Nesse caminho, como destaca Enne (2002), na década de 1970 a imagem de Baixada Fluminense na imprensa já está marcadamente ligada à violência. A ação de grupos de extermínio na região – que ora garantiam a “segurança local”, ora utilizavam a Baixada como ponto de “desova” de corpos de pessoas assassinadas em outros locais – acabaram por transformar a Baixada Fluminense como sinônimo de criminalidade. Com notícias dadas indistintamente, ou seja, sem a distinção do que seria a ação dos grupos de extermínio e do que era resultados de outras práticas de violência ou ação criminosa – como um assalto ou um homicídio passional – a autora afirma que instaura-se, a partir daí, um *sensu comum* da região como “local perigoso”.

O advento dos anos 1980, por outro lado, será marcado por mudanças significativas na forma de atuação dos grupos de extermínio (ALVES, 2003). Nesse sentido, o autor destaca que nesse novo *modus operandi* os supostos bandidos não eram mais seqüestrados na cadeia, como de costume, mas – antecipando-se – o esquadrão da morte passa a sequestrar suas vítimas em barracos e biroskas. Na prática, segundo Alves (2003), passa a se delinear um processo de distanciamento do aparato policial da fase de execução do esquema final, e o estabelecimento de intermediários, o que se dará em função da crescente visibilidade que a polícia vinha ganhando na imprensa e nos casos investigados, bem como pelo crescimento do mercado de execuções na região. Como consequência, a Secretaria de Segurança tenta – sem sucesso – se contrapor a essa nova fase instaurada ao longo de toda a década, mas os efeitos dos homicídios e execuções só fazem crescer.

Não sem causa Enne (2004) destaca que a década de 1980 é marcada como o período de maior visibilidade para a Baixada Fluminense – em sua relação com a violência – na grande imprensa. Com matérias sendo publicadas diariamente sobre a violência na Baixada, a antropóloga destaca que não somente as referências à Baixada como lugar violento

aumentaram, como também o tamanho a atenção dada às matérias, muitas vezes com páginas duplas, grandes manchetes com direito a fotos, e uma extensa narrativa de criminalidade ligada à BF.

Nesse período, o quadro ganha maiores contornos com o surgimento da figura do grupo que se autodenominava “Mão Branca” (ALVES, 2003; ENNE, 2004). Marcado por seus telefonemas para as delegacias, avisando sobre os lugares onde estariam os cadáveres, Enne (2004) destaca que a atuação do grupo acaba sendo transformado pela imprensa da época como uma mistura de “exterminador” com “justiceiro”, o que gerou muitas capas e páginas duplas com matérias acerca das ações desse novo mito da Baixada. Apesar do destaque dado ao grupo, contudo, a antropóloga reforça que a figura do “Mão Branca” não é o principal marco de referência para a construção de imagens negativas sobre a Baixada, sendo a figura de Tenório uma referência bem mais freqüente. O cenário de associação entre Baixada e violência, portanto, só passa a ganhar novos contornos no início da década de 1990.

3.1.3 A década de 1990 e seu novo olhar sobre a Baixada

Reapresentada na trama quando Maria do Carmo, orgulhosa, contempla a alegria de viver em um próspero distrito que ela ajudou a fundar, a figura da Baixada nitidamente assume contornos muito distintos daqueles apresentados no início da história. De um fim de mundo, onde corpos eram desovados, para o melhor lugar para se viver no mundo – como sempre destaca a protagonista – Aguinaldo se desfaz de todo o resquício²¹⁸ que havia deixado de Tenório Cavalcanti e passa a trabalhar com uma nova Duque de Caxias que, redimida por um *ethos* do trabalho, se distancia drasticamente de um imaginário estigmatizado pela violência, descaso e ausências. Dessa forma, embora haja conflitos e contradições na trama entre os próprios personagens da Baixada, como já abordado no capítulo 2, nada – nem mesmo os problemas – chega a abalar esse novo olhar lançado sobre a Baixada, com ênfase para seus lados positivos.

Assim como acontece na obra de Aguinaldo Silva, a década de 1990 é marcada pela projeção de uma imagem mais positiva de Baixada Fluminense. Seja via mídia (ENNE, 2002), ou fruto de novas dinâmicas políticas e econômicas emergem após os anos 1990 (ALVES, 2003), a região passa a experimentar profundas transformações que se fazem sentir

²¹⁸ Isso, claro, em termos de um *status* econômico e social; já que, em termos políticos, a figura de Reginaldo representa as velhas práticas de violência e clientelismo já estabelecidas por Tenório e a UDN.

pelas novas representações que passam a emergir sobre ela – agora muito atrelada às noções de progresso, desenvolvimento e mudança social (ROCHA, 2014).

É sabido que a década de 1990 representa um marco no cenário político e econômico da região (ALVES, 2003). Sendo esse período um momento em que – frente ao esgotamento econômico e social da cidade do Rio de Janeiro – a Baixada passa a ser definida como a nova fronteira política e econômica de todo o estado do Rio de Janeiro, Alves (2003) é enfático ao destacar que a região passará a ser tratada como um novo pólo de desenvolvimento.

Nesse contexto, além de enquadrar-se na conjuntura política do Brasil – já que a nova constituição de 1988 deu legalidade aos Estados para a criação de novos municípios, que acabaram se espalhando pelo país – a fragmentação da Baixada em novas unidades territoriais permitiu que se definisse com quem ficaria cada pedaço do território, o que ficou delimitado entre as elites econômicas e políticas locais (ROCHA, 2014). Aglutinadas, agora, pela legenda do PSDB, Alves (2003) ressalta que o início dos anos 90 é marcado pela estruturação de um novo conjunto de forças que acabam repetindo o personalismo, o clientelismo e a violência da época de Tenório e da UDN, com a diferença de que a UDN era um partido conservador, mas de oposição (ALVES, 2003).

Com a temática da violência agora distante dos meios de comunicação que – segundo Enne (2002, 2004) – passam a voltar sua atenção para as favelas e a Zona Sul carioca, e o surgimento de cadernos específicos sobre a Baixada²¹⁹ – que começam a circular dentro de grandes jornais, como o *Globo Baixada* e o *Caderno Grande Rio*, do jornal *O Dia* – a Baixada ganha novos recortes midiáticos, a partir do início da década de 1990 e, principalmente, no início dos anos 2000, quando as matérias passam a utilizar palavras com forte efeito retórico como forma de gerar novas representações sobre a região – tais como “recanto”, “lazer” e “bucólico:

Além disso, existe uma percepção geral de que “a violência teria se banalizado”, teria se “espalhado para todo o Rio de Janeiro”, não sendo mais um “problema só da Baixada”. Assim, as notícias sobre “violência” continuam a ocupar as páginas da imprensa, mas hoje se referem muito mais ao município do Rio de Janeiro do que especialmente à Baixada (ENNE, 2002, p.110, aspas originais).

²¹⁹ Que, apesar de não circularem fora da região, Enne (2002, 2004) destaca que foram de grande importância para ressaltar as “qualidades” da região e estimular um aumento na auto-estima dos moradores.

Espelhando, então, o que Rocha (2014) denomina de “*representação ideal de um território*”, o autor encontra numa série de novos eventos que marcam os anos 1990 – entre os quais, a fragmentação e emergência de novos municípios, a criação de novas institucionalidades e articulações de cunho político, o aumento de investimentos públicos e privados, entre outros fatores – a explicação do modo como a região veio a se tornar um fenômeno singular. Com o foco nas dinâmicas políticas²²⁰ e econômicas²²¹ em curso, Rocha (2014) destaca quatro fatores que demonstram a importância da conjuntura política e econômica na construção de novos sentidos para a região.

O primeiro fator estaria ligado ao aquecimento do mercado imobiliário em vários municípios da Baixada Fluminense, principalmente Nova Iguaçu e Duque de Caixas, que promovem construções de apartamentos com valores a partir de 200 mil reais, o que tem servido de referência para diversos outros municípios.

Responsável pela maior difusão de “novos sentidos” para a região, o atuante mercado imobiliário visa fomentar uma rede hoteleira que seja capaz de se sustentar a partir do turismo de negócios. Segundo Rocha (2014), essa ideia vem crescendo com tanta força que empresas internacionais – como o *Mercurie* do grupo *Accord*; *Best Western*; e os selos *Confort Inn* e *Quality Inn*, da *Choices Hotels* que, no Brasil, é administrado pela *Atlântica Hotels* – estão associados aos investimentos na Baixada.

Sendo assim, desempenhando um papel fundamental para a promoção de uma imagem que se distancie do antigo estigma de violência e ausências, os diversos agentes do mercado imobiliário utilizam fortemente do discurso de “progresso” e “desenvolvimento” como meio de transformar a Baixada em mercadoria, bem como fomentar transformações na paisagem urbana, por meio da construção de edifícios e outros empreendimentos que sejam capazes de vender a Baixada enquanto atributo espacial, afinal, a venda do espaço também é, como destaca Rocha (2014) a venda de sua representação e dos benefícios que ele pode vir a oferecer.

²²⁰ O autor entende o campo político como sendo composto por agentes que atuam para a garantia de territórios eleitorais, diante de ações práticas e materiais para a região. Para fins de análise da esfera política institucionaliza, ele inclui a Associação de prefeitos da Baixada e o Governo Estadual.

²²¹ Já o campo econômico – que estaria mais relacionado na atuação da garantia de territórios de consumo e produção – seria formado pelos agentes do Mercado Imobiliário – em especial das grandes corporações – e do sistema FIRJAN (Federação de Indústrias do Estado do Rio de Janeiro). Mais informações em Rocha (2014).

O segundo elemento destacado pelo autor estaria ligado ao considerável crescimento econômico de alguns municípios, bem como a expansão do setor terciário e industrial, em função do potencial logístico desenhado pelo Arco Metropolitano, e outras vias de circulação, como por exemplo, a Transbaixada. Nesse sentido, encontrando nas ações que o sistema FIRJAN desenvolve sobre as perspectivas do desenvolvimento regional uma estratégia para consolidar os interesses do capital industrial e do setor empresarial no estado do Rio de Janeiro, Rocha (2014) destaca que a difusão de sentidos de progresso para a região, em última instância, torna-se uma justificativa para a apropriação do espaço na Baixada.

Difundindo suas representações a partir de eventos e estudo regionais, Rocha (2014) enfatiza que o Sistema FIRJAN busca viabilizar as ações do capital industrial a partir da legitimidade de sua fala no que tange às possibilidades de crescimento econômico e desenvolvimento para a Baixada. Nesse sentido, apontando para a necessidade de novos olhares para a Baixada, ao mesmo tempo em que impondo uma nova lógica de ordenamento do território, Rocha (2014) considera que a entidade trás à tona interesses diretos e indiretos do capital industrial que, na tentativa de barganhar novas formas de apropriação do território, busca se afastar da representação hegemônica da Baixada que – esvaziada de seus sentidos negativos – ganha novos “ares” de desenvolvimento e progresso.

Somado a isso, os planos e programas de urbanização que vêm sendo desenvolvidos especificamente para a Baixada – como o Nova Baixada e o Baixada Viva – também tornam-se relevantes para a construção de um novo sentido para essa região em específico. Sendo, pois, esse tipo de ação estratégica uma forma de captar recursos e votos nessa base territorial, Rocha (2014) enfatiza que o papel do Estado – seja na esfera federal ou na estadual – como um importante agente no processo de mudança e intervenção da área.

Nesses termos, a percepção da Baixada como um território ideal na vida política acaba refletindo em divulgações acerca dos impactos positivos desses programas do governo que acabam enfatizando a melhoria na qualidade de vida dos moradores da Baixada Fluminense. A apresentação de obras no jornal e a divulgação de matérias que enfatizam e legitimam a ação do governo sobre o território traveste, segundo Rocha (2014) as políticas de significado que, ao mesmo tempo, legitimam a Baixada e fornece crédito ao governo como um importante agente de mudança de sentidos da região.

Por fim, o autor ressalta que o acirramento das disputas sobre a cartografia eleitoral da região, que representa 36% do eleitorado do estado do Rio, confere à Baixada uma visibilidade política que ganha maior destaque após os anos 1990. Passando, então, por um processo de configuração de novos movimentos sociais e alianças políticas, a Baixada torna-se palco de rivalidades por sua organização territorial, que acaba por refletir em uma série de articulações em torno de sua nova representação. Nesse sentido, a região se constrói entre um fato – o ato legal das emancipações – e um conjunto de idéias – articulações e negociações políticas – que ampliam as questões relativas à ambivalência de seus limites territoriais, agenciados por diferentes agentes em diferentes campos de poder (ROCHA, 2014).

Em síntese, ressaltando que esses quatro elementos acabam sendo diferenciados por interesses específicos – ora complementares, ora contraditórios e conflituosos – Rocha (2014, p.71) avalia que:

Esse conjunto de fatores mencionados, são associados ao surgimento de atores, agentes e organizações que se articulam em torno da Baixada Fluminense. Como exemplo das instituições e organizações, podemos citar: a) a Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense, criada no início dos anos 1990; b) presença da FIRJAN com duas regionais na Baixada e promoção de debates sobre o desenvolvimento regional; c) ações do governo Estadual na constituição de uma secretaria específica para a Baixada Fluminense; d) constituição de consórcios intermunicipais na Baixada como o CISBAF – Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense; e) Projeção de instituições de movimentos culturalistas e historicistas como o IPAHB e a APPH-CLIO que reforçam sua representação.

Também com o foco sobre essa mudança de olhar sobre a Baixada, Enne (2013) destaca que a construção da Linha Vermelha, em 1992, foi outro fator que contribuiu para a diminuição da distância geográfica e também social entre os moradores da Baixada Fluminense e os da cidade do Rio de Janeiro. Com o argumento de que com essa intervenção urbana o tempo de percurso entre alguns municípios da Baixada e a cidade do Rio diminuiu consideravelmente – na medida em que, dependendo do município da Baixada, a distância de um ponto a outro não ultrapassa vinte minutos – Enne (2013) afirma que, além de ser uma evidente transformação no tecido urbano e sua malha de transporte, a construção da Linha Vermelha veio a se tornar um marco na construção simbólica do que antes se entendia por Baixada Fluminense, bem como de sua distância, não só física, mas simbólica do Rio de Janeiro.

Tomando, então, a inauguração da Linha Vermelha como um marco fundamental no processo de deslocamento semântico acerca da Baixada, mas não se fechando a ela, Enne (2002, 2004, 2013) enfatiza que, na década de 1990, a Baixada passa a ser alvo de investimentos públicos e privados, que lhe forneceram uma nova visão da grande mídia e suas visões políticas, agora muito pautadas na visão de modernidade e desenvolvimento. Citando como alguns fatores – como a remodelação das vias urbanas, o surgimento de novos *shoppings*, a chegada de fábricas e empresas, e a disponibilidade de ofertas em termo de consumo – influenciaram na difusão de novas imagens construídas pelos jornais acerca da região, a autora argumenta que:

Portanto, percebe-se claramente uma mudança na construção de imaginários sobre a *Baixada* na imprensa levantada. Os dados reforçam uma reflexão feita por Marlúcia dos Santos Souza, em que ela aponta que “de um lado, temos a prefeitura de Duque de Caxias construindo uma imagem de “Cidade Feliz” e de outro, temos o Caderno Baixada, do jornal O DIA, afirmando que o futuro chegou para a Baixada (ENNE, 2002, p.111, grifo e aspas originais)

Além disso, enxergando a cultura como também uma estratégia privilegiada para se pensar acerca da produção de imagens mais positivas para a região, Enne (2002, 2004) destaca que a criação e posterior crescimento dos movimentos sociais espalhados pela Baixada, seguidos pelo surgimento de inúmeras instituições ligadas à cultura – em especial casas e centros culturais – foram também de grande importância para o resgate de uma suposta “cultura local”, bem como e para a construção da “cidadania” de seus moradores.

Sob esse prisma, Rocha (2014) é enfático ao afirmar que a difusão de ares de desenvolvimento e progresso para a Baixada pelos diferentes atores – que se fazem perceber em propagandas imobiliárias e eleitorais, *outdoors*, reportagens e anúncios em jornais de grande circulação, seminários sobre desenvolvimento regional, *folders*, entre outras formas – fazem parte de diferentes estratégias para construir um território ideal, onde os novos sentidos legitimam a apropriação e uso da Baixada Fluminense em torno de interesses do capital industrial.

Assim sendo, a imagem da Baixada do desenvolvimento econômico, por exemplo, torna-se um fértil território para novos empreendimentos imobiliários, que podem surgir com rápido retorno financeiro. Sendo, pois, o desenvolvimento uma “justificativa” para a apropriação do espaço, Rocha (2014) destaca que a difusão de representações em torno do

“progresso”, baseadas nos potenciais logístico e produtivo, tentam descredenciar tudo o que possa remeter a uma representação hegemônica.

Do que até aqui foi brevemente exposto podemos notar como a obra de Aguinaldo Silva se relaciona com os discursos de diferentes agentes para a consolidação de uma imagem de Baixada fluida, dinâmica e processual (ENNE, 2013), que mescla em si mesma elementos de uma já consolidada representação hegemônica com um território ideal em termos de produção e consumo (ROCHA, 2014), mas que – no todo – se encaminha para a ideia de uma Baixada em franco desenvolvimento. Valendo-se de alguns eventos que marcaram a região na década de 1990, é válido termos aqui em mente como o autor se apropriou de algumas questões em específico:

Em primeiro lugar, tendo em vista a importância do momento político para a região, que passa a ser o foco dos olhares de todo o estado do Rio de Janeiro – bem como do processo de reestruturação da política local, que gera um acirramento das disputas políticas (ALVES, 2003; ROCHA, 2014) – Aguinaldo Silva trás para a cena uma Baixada muito marcada pela apropriação do lugar como um “*território eleitoral*” (ROCHA, 2014), onde a figura de dois políticos com perfis diferentes dá todo um tom à sua Baixada imaginada que, não sem motivo, está passando por um processo de emancipação e de reordenamento territorial.

Assim sendo, como já vimos no primeiro capítulo, em consonância com um momento em que o jogo político e econômico ganha importância para a região – ao mesmo tempo em que as velhas práticas já calcadas 60 anos antes, com Tenório e a UDN continuam as mesmas – o autor vai abordar como esse novo vigor dos anos 90 – na época muito marcado pelas figuras de Zito e Joca (ALVES, 2003) – dialoga ainda muito fortemente com as velhas práticas de corrupção e clientelismo já consolidadas na região, com a diferença de que, agora, novos agentes políticos vão se consolidando no local, alguns vindo de dentro, outros de fora; mas todos querendo um “pedaço do bolo” para si.

Dessa forma, nos apresentando uma Baixada em franco processo de fragmentação e disputa de poder, Aguinaldo trás – para além da esfera política – a figura de Giovanni Improtta – ex-bicheiro ligado ao carnaval, que agora simboliza a elite econômica que financia diferentes perfis políticos em troca de benefícios pessoais – e que também está inserido dentro da lógica organizacional do território. Sendo ele considerado o dono da região onde mora,

Aguinaldo explora os meandros da política local de maneira a demonstrar as diferentes configurações e (re)arranjos políticos de um território em disputa.

Aproveitando-se também desse novo cenário político que – agora encontra na Baixada sua fonte de estratégia para a economia política do poder (ALVES, 2003) – Aguinaldo toma o fato de a temática da violência ter praticamente desaparecido dos noticiários sobre a Baixada na década de 1990 para equipará-la ao Rio de Janeiro. Desta forma, trabalhando com a noção de que a violência é algo agora generalizado, não sendo mais especificidade da Baixada, o autor vai apresentar – como já vimos nos capítulos 1 e 2 – quatro²²² cenas de violência que acabam tendo finais felizes, respectivamente: a tentativa de sequestro contra Maria Eduarda nos arredores da Lagoa Rodrigo de Freitas, o sequestro de Pedro na altura de Caxias, a tentativa de assalto contra Laura no centro do Rio de Janeiro, e o rapto de Maria Eduarda nas redondezas de Vila São Miguel. Das quatro cenas de violência apresentadas na trama, duas aconteceram no Rio de Janeiro e duas na Baixada Fluminense, o que deixa implícito que a violência teria se banalizado e se espalhado por todo o Rio de Janeiro.

Nesse sentido, a cena em que Leonardo, desesperado pelo sumiço da filha, vai até a Baixada não deixa dúvidas. Em um diálogo em que ele diz à Do Carmo que nunca iria se perdoar caso acontecesse alguma coisa à Duda, Maria do Carmo – sem ter o que fazer – diz apenas lamentar que a impressão que ele tem de que na Baixada as pessoas sejam selvagens tenha se confirmado de uma forma tão horrível. De maneira imprevisível, Leonardo – que sempre desprezou a Baixada – argumenta não ser uma pessoa tão obtusa e arrogante a ponto de não entender que uma situação como essa possa acontecer em qualquer bairro dessa cidade estúpida e violenta que está se tornando o Rio de Janeiro, bem como em qualquer cidade do país também. Ele próprio relembra que Maria Eduarda já tinha passado pela mesma situação na Lagoa, quando Viriato a salvou.

Não somente equiparada, mas a Baixada de Aguinaldo é também constantemente articulada com o Rio de Janeiro – mais especificamente com a Zona Sul – como já melhor delimitamos no capítulo 2. Trabalhando, desde o início da trama, com essa passagem dos personagens da Baixada para a Zona Sul e vice-versa, a importância da Linha Vermelha é trabalhada de maneira sutil, mas marcante na trama, como símbolo da integração entre esses dois núcleos. Como a segunda parte de seu enredo se passa entre os anos de 1993/1994 –

²²² Isso, claro, sem contar com o falso sequestro de Bruno, que foi planejado por seu próprio pai e executado por Cigano e um comparsa, conhecido como Seboso.

quando a construção da via ainda era novidade – o autor sempre enfatiza, através da fala de seus personagens, que é a Linha Vermelha a ponte que une e, ao mesmo tempo, separa essas diferentes esferas da trama.

Símbolo, pois, da diminuição das distâncias territoriais e sociais entre os personagens da Baixada e da Zona Sul, é ela quem permitia a Dirceu seguir todos os dias de Copacabana para a casa de Do Carmo, quem facilitava a ida diária de Viriato à Ipanema, e de Sebastião à casa do Barão e da Baronesa. Era pela Linha Vermelha que Maria Eduarda sempre seguia para se encontrar com seu amado em Vila São Miguel, assim como era por ela que Leandro dirigia de Vila São Miguel até o bairro Peixoto para ir ter com Cláudia. Foi ela, ainda, o *point* de encontro²²³ entre Maria do Carmo e Nazaré nas duas vezes em que a megera tentou extorquir Do Carmo.

Finalmente, Aguinaldo toma ainda o vigor da década de 1990 para trabalhar com a ideia de Baixada como lugar de trabalho e consumo. Apresentada, então, nos termos que espelham uma “*representação ideal de um território*” (ROCHA, 2014), a Baixada de Aguinaldo é um lugar onde a economia é dinâmica, as pessoas – principalmente as mulheres – são trabalhadoras, a violência, embora apareça, é algo que está fora da vida cotidiana e as relações são marcadas por solidariedade e companheirismo, onde a sociabilidade da casa é a extensão da rua (DRUMOND, 2014) e os moradores todos se conhecem. Um lugar que – apesar de não ser homogêneo, como já abordamos no capítulo 2 – está dentro de uma região que tem *shopping*²²⁴, banco, hospital, escola e, principalmente, onde reina a harmonia e o orgulho de ser da Baixada.

3.2 Os Diferentes Olhares sobre as “Baixadas” em *Senhora do Destino*

Como temos tentado demonstrar nesse capítulo, a Baixada apresentada em *Senhora do Destino* é uma Baixada fluida e dinâmica, que ora se aproxima de uma representação hegemônica que remete à ausência – principalmente quando olhamos para a Comunidade da Pedra e as práticas políticas estabelecidas no local – e ora nos remete a um território ideal em termos de produção e consumo. Uma vez, portanto, que temos o interesse de apresentar o(s)

²²³ Tendo conseguido na primeira tentativa, e apanhado na segunda, Nazaré sempre marcava de se encontrar com Do Carmo em um galpão abandonado na altura da Linha Vermelha.

²²⁴ Segundo destaca Rocha (2014) a emergência de *shoppings centers* na Baixada pós 1990 representa um novo padrão de consumo, que permite também a expansão do consumo dos espaços, a partir da “representação que se vende” na construção de uma identidade da região.

modo(s) como a Baixada foi trabalhada/imaginada em *Senhora do Destino*, acreditamos ser também importante resgatar as diferentes visões do lugar que foram sendo exploradas ao longo da trama, o que não se restringe a uma perspectiva temporal, mas também abarca diferentes “visões de mundo”. Para tanto, a tese de doutorado de Freire (2005) nos servirá como um interessante contraponto para pensarmos acerca dos sentimentos de pertencimento de moradores de Nova Iguaçu no tocante a uma Baixada “real”, entendida pela autora também como um recorte mental, e da Baixada imaginada pela teleficção.

3.2.1 Os olhares de dentro e o sentimento de “ser Baixada”

Do lado da Baixada Fluminense, o sentimento de orgulho e pertencimento ao local é algo imperante entre os personagens do núcleo de toda a Comunidade Vila São Miguel, o que os faz se sentirem parte da Baixada. Seja entre o núcleo do centro da cidade, como no da Comunidade da Pedra – onde a precariedade e a falta de infra-estrutura são problemas cotidianos – a Baixada Fluminense é exaltada como um lugar de harmonia e trabalho, onde as pessoas são simples, porém sinceras. Nessa Baixada apresentada por Aguinaldo, tanto os personagens ricos quanto os pobres convivem sem distinção de classe, sendo o grande “outro” do núcleo os moradores da Zona Sul.

Nesse sentido, tal como percebeu Freire (2005), a categoria “Zona Sul” é um recorte freqüente na fala dos personagens da Baixada de Aguinaldo, sendo ela uma categoria indispensável para se pensar acerca do estigma de “ser da Baixada Fluminense”. No entendimento de Freire (2005, p.71, aspas originais):

Esta percepção é, assim, um recurso cognitivo disponível que aparece com freqüência nas respostas e reações dos residentes da Baixada Fluminense. Semelhante à categoria “Baixada Fluminense”, a de “Zona Sul” é uma categoria generalizadora que permite embasar denúncias e críticas, ou seja, operações de avaliações fundamentada num horizonte de justiça: o de pertencer, da mesma forma que as pessoas da Zona Sul, a uma humanidade comum.

Como melhor delimitamos no capítulo 2, embora sempre estejam em relação uns com os outros, os personagens da Baixada, muitas vezes, se relacionam de maneira desajeitada, e até conflituosa²²⁵, com os personagens da Zona Sul. Com um olhar de espelho invertido, o

²²⁵ Viriato, Maria do Carmo, Giovanni Improtta. Assim como observou Freire (2005, p.70) em sua pesquisa de campo com pessoas engajadas nas arenas públicas em Nova Iguaçu, em *Senhora do Destino* alguns personagens tiveram “pelo menos uma experiência áspera para contar de pequenas ou grandes humilhações sofridas em momentos de co-presença com cariocas, naqueles instantes em que dividiram a mesma situação social”. Viriato,

núcleo da Baixada se exalta como aqueles que vivem relações mais autênticas e que realmente sabem se divertir. Ao contrário do que foi observado por Freire (2005) em sua pesquisa de campo em Nova Iguaçu, portanto, na Baixada de Aguinaldo as pessoas – apesar de se reconhecerem diferentes dos cariocas da Zona Sul, seja no jeito de vestir, seja no jeito de falar e até de viver – não se enxergam como “um povo *fodido*, sem dentes, sem roupa, sem xampu, alguns sem pasta de dentes, sem dentistas [...]” (FREIRE, 2005, p.97, trecho extraído da fala de morador de Nova Iguaçu).

Com a visão de que os personagens da Zona Sul são frescos e superficiais, uma gente mesquinha que só vive de aparência, o núcleo da Baixada é, ainda, aquele que se exalta – em sua autenticidade e espontaneidade – como um povo que é pobre, mas sabe ser feliz; que não tem luxo, mas come melhor do que os ricos; que está sempre metido em problemas, mas não se fecha em si, e sempre arruma tempo para ajudar os outros. Um povo que não precisa de roupa de grife ou de jóias caras para ter personalidade. Há, assim, todo um jeito de “ser Baixada” que dá sentido às práticas econômicas e culturais estabelecidas por seus moradores (HAESBAERT, 2010), ao mesmo tempo que diferencia e contrasta com o núcleo da Zona Sul; o que é claramente percebido quando há o que Goffman (1975 *apud* FREIRE, 2005) qualifica de contato misto, ou seja, aquele que envolve pessoas “normais” e “estigmatizadas”.

Apesar disso, sendo – na trama – a Baixada apresentada enquanto um valor simbólico de apropriação e valorização (HAESBAERT, 2010), sua simplicidade e suas qualidades são ressaltadas a partir de seus personagens, que se vestem de maneira mais informal²²⁶ – as mulheres geralmente de vestido, ou saia e blusa; e os homens, geralmente com calça *jeans* e camisa – que, no geral, gostam de samba e de buchada de bode, e que têm em comum um passado pobre que acaba sendo redimido pelo trabalho. Sendo, pois, a Baixada o lugar onde as pessoas estabelecem seus vínculos afetivos²²⁷, e de onde não mais querem sair, os costumes bossa-novistas e a política da boa vizinhança do Leblon e das “Helenas” de Manoel Carlos

como já explorado no capítulo 2, chega a ser fisicamente agredido por Leonardo simplesmente por compartilhar com ele um mesmo espaço.

²²⁶ Isso, claro, levando em consideração o padrão da novela. Afinal, é válido destacarmos que, apesar de se vestirem de maneira mais simples que os personagens do núcleo Zona Sul, o modo como os personagens são caracterizados na trama contrasta com o que percebo ser o modo das pessoas se vestirem em Seropédica, por exemplo.

²²⁷ Um bom exemplo disso é o casal Eleonora e Jennifer. Sendo Eleonora uma jovem e bem-sucedida médica que, como ela mesma ressalta, poderia bancar uma vida confortável na Zona Sul, junto com a companheira, ela opta mesmo é por comprar um apartamento em Duque de Caxias, uma vez que é na Baixada em que elas se sentem felizes.

são deixados de lado para dar lugar a uma Baixada onde, tal como no “Divino” de *Avenida Brasil*, “roupa suja se lava na rua, silêncio é sinônimo de recalque e extravagância é sinônimo de personalidade” (DRUMOND, 2014, p.162).

Nesse sentido, arriscaria dizer que há toda uma estética da Baixada – muito percebida em torno de uma inscrição corporal²²⁸, como percebeu Freire (2005), mas não fechada a ela – que a faz contrastar com a Zona Sul. Tendo as mulheres do núcleo da Vila São Miguel, de um modo geral, um apelo mais sensual – em comparação com as mulheres do núcleo Zona Sul – é na Baixada que se usa roupas curtas, justas e até coloridas; que se fala alto e onde tem sempre um barraco familiar acontecendo em público. Mesmo Maria do Carmo, que está sempre muito bem arrumada e maquiada, tem um estilo que a difere das mulheres da Zona Sul. Sempre com brincos chamativos, vestidos floridos e sandálias combinando com a cor da roupa, Do Carmo contrasta com o modo de vestir e até de se comportar de mulheres como Gisela, Maria Eduarda e Laura, por exemplo, que preferem se vestir em tons monocromáticos, que falam baixo quando estão em público e optam por brincos e adereços mais simples no cotidiano.

Os homens da Baixada, por sua vez, são aqueles que – diferentemente dos da Zona Sul – só usam terno para ocasiões muito especiais; que freqüentam a escola de samba ao invés do clube de golfe; e que preferem cerveja a uísque escocês. Aliás, aqui acho interessante fazermos um breve parêntese para pensarmos a figura de Giovanni Improtta. Com um gosto extravagante e colorido no seu modo de vestir, e um híbrido que mescla uísque escocês e buchada de bode, Giovanni acaba se tornando um personagem cômico ao tentar se tornar um homem fino e elegante.

Sendo ele o personagem mais engraçado do núcleo da Baixada²²⁹, Giovanni parece revelar a relação conflitiva de classes que Drumond (2014) constatou em *Avenida Brasil*. Afinal, apresentando traços de exageros que beiram a cafonice e o mau gosto, a ideia de que, mesmo rico, o ex-bicheiro tem espírito de pobre é algo que é explicitamente dito na novela por Pedro e Laura, que chegam a considerá-lo um homem rústico e primitivo: um tipo de

²²⁸ Quando Maria Eduarda, moradora da Zona Sul, aparece pela primeira vez em Vila São Miguel, sua presença é logo notada pelos moradores, que comentam o fato de ela não ser da Baixada.

²²⁹ Digo da Baixada porque, no núcleo Zona Sul, o Barão e a Baronesa também compõem personagens cômicos, justamente por sempre estarem ostentando uma vida que não mais os pertence. No Bairro Peixoto, a vilã, Nazaré também é representada por uma mescla de maldade e comicidade.

extração social que veio de baixo, subiu na vida, mas continua sempre o mesmo. Nesse sentido, a percepção de Bergson (1900, s/p *apud* FREIRE, 2005, p.75) sobre o risível como forma de percepção do outro como um ser fantasiado nos parece relevante:

Um homem que se fantasia é cômico. Um homem que acharia que é fantasiado é cômico. Um homem que seria achado fantasiado ainda é cômico. Por extensão, toda fantasia vai tornar-se cômica, não apenas a de um homem, mas também a da sociedade, e ainda da natureza.

Voltando, contudo, para o sentimento de pertencimento à Baixada em *Senhora do Destino*, poder-se-ia exagerar dizendo que, estabelecida muito fortemente em função de um contraste com a vida na Zona Sul, “ser Baixada” é não ser Zona Sul. Nesse sentido, quando nos atentamos para o fato de que o relacionamento de Maria do Carmo e Dirceu – que durou mais de vinte anos – teve um ponto final justamente pelo fato de Do Carmo não conseguir fazer parte do universo de Dirceu, tal como ele fazia de “seu mundo”, percebemos como, mesmo quando existente, a passagem Baixada-Zona Sul é feita com, no mínimo, certa restrição. Na trama, era Dirceu quem todos os dias atravessava a Linha Vermelha para ir ao encontro de Do Carmo que, em contrapartida, raras vezes compareceu ao apartamento do amado.

Dessa forma, a distância não tanto geográfica, mas social entre os dois mundos²³⁰ foi o que fez Maria do Carmo desconfiar da fidelidade de Dirceu no dia em que ela – fazendo-lhe uma visita surpresa²³¹ – depara-se com uma jovem senhora, bonita e requintada²³², como empregada doméstica. Esse episódio, que marca o fim do relacionamento entre os dois, demonstra como – apesar da intensidade e da proximidade afetiva entre ambos – Maria do

²³⁰ Nesse caminho, a ideia de “distância estrutural”, de Evans-Pritchard (1999), ou seja, “a distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social, expressa em termos de valores” (EVANS-PRITCHARD, 1999, p.123), nos ajuda a pensar como se dá essa relação Rio-Baixada na trama, na medida em que são os valores atribuídos ao “ser Baixada” e “viver na Baixada” – e não necessariamente a distribuição física – que melhor definem e limitam, como bem ressaltou o autor, a distribuição em termos estruturais. Assim sendo, o fato de Viriato – morador da Baixada que trabalha em Ipanema – passar a maior parte de seus dias na Zona Sul não anula o fato de que, em termos de valores atribuídos, ele esteja sempre mais próximo de sua amada e querida Baixada.

²³¹ É válido lembrar que a visita só aconteceu por pressão de Reginaldo que, tendo descoberto a figura de Aretuza – encontrou na situação um jeito de afastar de vez sua mãe e o jornalista, visto por ele como uma pedra em seu caminho.

²³² Na obra, Aretuza é uma ex-madame – e moradora da Avenida Atlântica – que foi trocada pelo marido por uma mulher mais jovem. Tendo sempre vivido em função do marido e dos afazeres domésticos, acaba encontrando no serviço como doméstica um meio de se tornar independente, já que não havia estudado e a essa altura da vida não poderia se dar ao luxo de escolher um emprego, uma vez que nunca tinha trabalhado fora. Digo que ela é requintada, porque seus modos e jeito de vestir são contrastantes com os de Maria do Carmo que, apesar de sempre arrumada, gosta de falar alto e usar roupas coloridas e brincos grandes.

Carmo não fazia parte do mesmo mundo de Dirceu. Não sem motivo ela termina a novela com Giovanni, que sempre dizia ser o cara certo para ela, uma vez que ambos pertenciam à Baixada, e sabiam o que isso significava²³³.

Por fim, acho válido termos em mente que – apesar de esse ser o pensamento, digamos, hegemônico entre os personagens da Baixada – ele não é o único. Representando o contraponto desse olhar de dentro, Reginaldo e Vivianne sentiam nojo do lugar onde moravam – e principalmente de seus habitantes. Para eles, a Baixada não passava de um lugar brega, mas lucrativo, onde eles encontravam a possibilidade de ascensão política. Sempre ressaltando que a Baixada Fluminense era lugar de povo fedido e folgado – que exala a pobreza e pensamento primitivo – é a Zona Sul, para os dois, o símbolo da civilização e da evolução humana.

3.2.2 De fim de mundo a um admirável mundo novo: Os olhares e percepções do núcleo “Zona Sul” sobre a Baixada de Aguinaldo

Medo, susto, pena, compaixão, idealização, desdém. Assim como nas interações cotidianas e nas falas da imprensa a expressão “Baixada Fluminense” aciona diferentes expressões e sentimentos (FREIRE, 2005), em *Senhora do Destino* a Baixada é uma categoria polissêmica – cuja construção é aberta a novas interpretações, que devem ser entendidas mediante as posturas e intenções do enunciador (ENNE, 2002). Nesse sentido, uma vez que já destacamos a posição que a categoria Zona Sul ocupa dentro da trama em relação ao núcleo da Baixada, acreditamos também ser válido abordar os diferentes significados e pontos de vista atribuídos à Baixada pelos diferentes personagens da Zona Sul, tendo em vista que isso nos ajudará a melhor compreender como a imaginação de Baixada vai sendo composta em seu todo.

Na tentativa, então, de pensar as diferentes percepções de Baixada que foram trabalhadas por Aguinaldo ao longo da novela, começaremos por aquele discurso que remete à sua representação hegemônica, ou seja, que considera a Baixada como o “outro”, exótico e perigoso (ENNE, 2013), do Rio de Janeiro. Simbolizado principalmente nos personagens de Gisela e Leonardo, a Baixada Fluminense é enfatizada como um subúrbio distante, um fim de mundo brega e violento, onde as pessoas são folclóricas, primitivas e cafonas.

²³³ E que Dirceu, por outro lado, termina a novela com Guilhermina, uma mulher elegante e fina, que soube compartilhar com Dirceu sua vida e seu engajamento com o jornalismo.

Sempre comparando o deslocamento da Zona Sul até a Baixada a um safári perigoso, a imagem que esses dois personagens fazem do local – muito fortemente marcada por uma ideia de atraso e falta de cultura – remete a um imaginário especialmente consolidado na grande imprensa carioca entre as décadas de 1970 e 1980, em que a BF era vista como esse “outro”, temido, desvalorizado, evitado e até diminuído, que “se encontrava fisicamente distanciado, vivendo em lugares distantes da zona Sul, do centro do Rio de Janeiro, de suas “belezas”, valores e pessoas” (ENNE. 2013, p.9).

Assim sendo, com ênfase no Rio de Janeiro – representado por Copacabana – como o símbolo do orgulho de ser brasileiro, é a partir Gisela e Leonardo que se faz sentir, na trama, o estigma de ser Baixada Fluminense²³⁴. Como já vimos antes, pais de Maria Eduarda – que acaba se envolvendo e até se casando com Viriato, um dos filhos de Maria do Carmo – os dois fazem de tudo para separar sua princesinha do “cozinheiro da Baixada”. Ora apontando para a Baixada a partir do ar do deboche – como quando comentam sobre a figura folclórica de Giovanni ou a cafonice da Igreja de Vila São Miguel – ora demonstrando o choque e o medo de verem a filha exposta ao risco e à violência de um lugar que é um fim de mundo, Leonardo e Gisela são os legítimos representantes do olhar já cristalizado de Baixada como lugar de ausências, pobreza, insegurança e descaso.

Apoiado também sob esse prisma pejorativo está o deputado Thomas Jefferson, para quem a Baixada é um ermo distante e violento. Diferenciando-se, contudo, de Leonardo e Gisela, na medida em que considera a região como um lugar lucrativo para conseguir benefícios próprios, seu perfil político o faz querer se aproximar da BF, que, na época, se encontrava no auge de sua reestruturação política. Nesse sentido, procurando estabelecer vínculos e alianças locais, Thomas é do tipo que, pessoalmente, desqualifica a região, mas que, publicamente, carrega o discurso de que a Baixada é um novo pólo de desenvolvimento econômico e social. Ademais, é válido destacarmos que, assim que passa a frequentar a Baixada, Thomas começa a mudar seu posicionamento em relação à região. Primeiramente com a impressão de que lá é um lugar brega e sem qualidades, mas depois – muito em função das mulheres e da escola de samba – passando a considerar que lá “o povo sabe das coisas”, o deputado termina a novela com a ideia de que a Baixada é boa para duas coisas: fazer política e caçar mulher bonita.

²³⁴ Quando Viriato vai preso por conta de uma armadilha feita por Leonardo, o discurso entre os personagens de Vila São Miguel é o de que ele só foi preso e acusado em rede nacional porque era morador da Baixada Fluminense.

Já com um olhar de desdém e deboche está Nazaré, para quem a Baixada não passa de um moquifo cheio de flagelados, que tem como a flagelada-mor sua grande rival, Maria do Carmo. Considerando tudo o que venha da Baixada como algo de um mundo paralelo e contrastante à sua realidade, para Nazaré a BF é um lugar cafona, onde as pessoas – mesmo quando têm dinheiro – não conseguem deixar de ter um mau gosto e um estilo classificado por ela como rococó industrial, que as fazem comprar almofadas de espuma, encher a casa de flores e montar um altar no quarto. Dessa forma, encontrando no ato de morar na Baixada um motivo de piada e ironia, Nazaré qualifica a Baixada como um submundo sujo, com cara e jeito de povão, e que nada tem a ver com sua pessoa linda, loura e da Zona Sul. Sua aversão à Baixada é tão grande que ela chega a dizer à Isabel (Lindalva) que ela deveria lhe agradecer por ter dado a ela a oportunidade de conviver em um ambiente decente – longe dos flageladinhos subnutridos – e, principalmente, daquele lugar imundo.

Numa direção totalmente oposta estão o Barão e a Baronesa de Bonsucesso. Cultos e viajados, os dois encontram na recém-descoberta Baixada dos anos 1990 a imagem de um admirável mundo novo. Já tendo conhecido o mundo inteiro, para eles, a descoberta da Baixada do trabalho e do samba é vista pela perspectiva do encantamento de alguém que passa a vida inteira morando ao lado de uma região desconhecida e nebulosa, que acaba se revelando totalmente diferente do modo como eles a imaginavam. Enxergando, então, a Baixada como o lugar onde as pessoas sabem ser felizes e se divertirem de verdade – em contraposição aos seus próprios amigos da Zona Sul, que passam a ser vistos como previsíveis e monótonos – para eles, a BF é o lugar das relações mais autênticas e das pessoas mais sinceras²³⁵.

Maria Eduarda, por outro lado, é aquela que equipara Baixada e Zona Sul. Com o discurso de que a Baixada agora está na moda – e que veio para ficar – Duda passa a novela inteira tentando mostrar para seus pais que a BF tem coisas e pessoas tão boas quanto a Zona Sul. Sem negar as diferenças existentes entre a Baixada e a Zona Sul, já que ela mesma inicialmente se vislumbra com a novidade de conhecer uma escola de samba e a culinária nordestina, para ela não há um universo melhor ou pior que o outro, mas apenas diferente.

Nesse caminho, com ênfase no fato de que a Baixada Fluminense pode oferecer outros horizontes de vida, a moça se vislumbra com a possibilidade que a região oferece de se construir uma casa em um lugar tranqüilo, longe da correria do dia-a-dia e dos desgastes da

²³⁵ O que vai de encontro com a visão de que o núcleo da Baixada tem sobre si mesmo.

Zona Sul. Remetendo à imagem de Baixada como um verdadeiro “recanto”, onde as famílias têm a possibilidade de criar seus filhos mais próximos da natureza e com maior liberdade, Maria Eduarda – ainda que sem negar os pontos positivos da Zona Sul, já que ela não se esquece de como foi feliz contemplando da janela de seu quarto a orla de Copacabana – exalta uma Baixada da tranquilidade e da harmonia, onde ela poderá oferecer uma infância mais livre para seus filhos, que poderão brincar descalços no gramado de seu sítio. Na trama, ela se casa com Viriato na Igreja de Vila São Miguel e com ele constrói uma casa em um condomínio fechado numa estrada próximo à Duque de Caxias.

Tal como Maria Eduarda, Dirceu acaba equiparando Baixada e Zona Sul. Sendo ele o personagem que, na trama, melhor fazia a passagem entre os dois núcleos, Dirceu é aquele que – do lado da Baixada – enxerga uma região em desenvolvimento, composta na maioria dos casos por pessoas simples e sinceras, mas que sofre com o mau da atuação de políticos mau intencionados. Já do lado da Zona Sul, o jornalista ressalta a beleza do Rio de Janeiro e a possibilidade de ter por perto bons e fiéis amigos – como seus colegas de redação Rodolfo, Isa, Baldo e Cláudia – mas considera um problema ainda existirem pessoas que, como a família de Maria Eduarda, só vivem de aparência e de relações superficiais. Nesse sentido, encontrando qualidades e defeitos nos dois núcleos, Dirceu não faz distinção de valor entre Baixada e Zona Sul.

3.2.3 Uma comunidade imaginada, enfim!

As diversas panorâmicas do Cristo Redentor²³⁶ e da orla das praias da Zona Sul apresentadas praticamente em todos os capítulos da novela não deixam mentir: o Rio de Janeiro é ainda exaltado como a cidade maravilhosa. Seja no discurso de Leonardo – que considera o Rio a melhor cidade do mundo; nas palavras de Pedro e Laura que, conhecendo diversos países, não trocam o Rio por nada; ou mesmo na fala de Guilhermina que – tendo sido criada a vida inteira na Europa – nunca deixou de visitar as belezas incomparáveis do Rio de Janeiro, de onde não conseguia ficar totalmente afastada; a capital carioca é colocada como símbolo de brasilidade e orgulho nacional.

Sabemos que não é de hoje que o Rio de Janeiro serve de referência de Brasil (STOCCO, 2008, 2009). Seja por razões históricas – como o fato de ter sido, por dois séculos, a capital tanto da colônia, quanto do Império e da República – ou simbólicas, o Rio de Janeiro

²³⁶ Ao longo de toda a novela apenas observei duas panorâmicas da Baixada Fluminense.

é, muitas vezes, utilizado para se explorar uma suposta identidade brasileira²³⁷. E com as telenovelas não é diferente. Geralmente tendo o Rio como referência nacional, as novelas da Rede Globo ajudam na divulgação de uma imagem da capital carioca como um Brasil que é, ao mesmo tempo, urbano e tradicional:

Se as telenovelas são um discurso sobre o Brasil e sua sociedade e cuja verossimilhança é normalmente validada pelos seus telespectadores, a repetida presença do Rio de Janeiro das novelas das oito da Rede Globo leva a pensar que a capital carioca seria, entre outras coisas, a cidade que melhor representa o Brasil para os brasileiros, pelo menos para seus autores, diretores e produtores. É verdade que as novelas das oito não se passam somente no Rio; há novelas ambientadas em São Paulo e até algumas no interior do país. No entanto, quem assiste às telenovelas percebe que o Rio de Janeiro é cenário de muitas delas (STOCCO, 2009, p.205-206).

Dessa forma, assim como geralmente acontece nas novelas da Rede Globo, em *Senhora do Destino* o Rio é apresentado como símbolo de um Brasil urbano e contemporâneo, que concilia tradição e modernidade, e onde a *merchandising social* é acionada para chamar mais atenção da audiência (STOCCO, 2009). Tudo a encaminharia para mais uma novela típica do horário das 21 horas não fosse um pequeno detalhe: não é na cidade do Rio onde se encontra o núcleo mais rico e bem sucedido, ou onde mora o elenco principal da trama, mas na Baixada Fluminense. Redimida, como já vimos, por uma forte ética do trabalho e, respaldada por elementos que a enquadram dentro de uma perspectiva nacional²³⁸, a Baixada torna-se o centro das atenções da narrativa e, de quebra, carrega consigo a carga dramática da obra.

Apresentada, portanto, a partir de uma ótica onde o núcleo de Vila São Miguel – assim como o da Zona Sul – concilia os valores que enaltecem a família, a hierarquia e a obediência a normas, muitas vezes, flexíveis com escolhas mais individuais, valores mais liberais e um estilo de vida que pressupõe o consumo de certos bens valorizados socialmente, a Baixada abre espaço para nos dizer algo sobre o Brasil e a sociedade brasileira. Dessa forma, a partir da exaltação da Baixada como lugar de trabalho e de consumo – onde alguns de seus

²³⁷ Entendida aqui como uma construção arbitrária, que está inserida dentro de um campo de disputas políticas, culturais, identitárias e de poder, compartilhamos com Anderson (2009) o pressuposto de que nação e identidade nacional são construções que sempre andam juntas, na medida em que uma precisa da outra para serem imaginadas e, desse modo, existem.

²³⁸ Como já melhor trabalhamos no capítulo 1.

moradores desfrutam, inclusive, de carros importados e grandes e confortáveis casas – o núcleo de Vila São Miguel é – mesmo que em suas diferenças – balanceado com a Zona Sul.

Nesses termos, quando nos atentamos ao fato de que personagens cômicos são encontrados nos dois lados da trama – não sendo um estigma da representação dos pobres, como geralmente acontece na teledramaturgia (DRUMOND, 2014; STOCCO, 2009) – assim como nos dois núcleos existem dramas e conflitos, pessoas boas e trabalhadoras ou pessoas ruins e que querem ser bancadas por quem trabalha, relações autênticas ou não, histórias que acabam não sendo resolvidas²³⁹, problemas com políticos corruptos e com a violência, a preocupação com o corpo²⁴⁰ e a divulgação de *merchandising social*²⁴¹, conseguimos melhor visualizar como, representada pela perspectiva da Zona Sul – mais especificamente Copacabana – e da Baixada Fluminense, a identidade brasileira em *Senhora do Destino* é construída por uma perspectiva do equilíbrio; onde a Baixada vai sendo – gradativamente – colocada lado a lado da cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente ignorada, esquecida ou até rejeitada pelo núcleo Zona Sul, a Baixada – que, como já ressaltamos, vai tomando novos contornos ao longo da trama – acaba, de forma lenta e gradual, sendo aceita e reconhecida por todos os personagens da novela, inclusive os que a mais desdenhavam²⁴². Em um primeiro momento²⁴³ sendo acolhida por Maria Eduarda, que veio a conhecer a região em função de seu inicial relacionamento conturbado com Viriato, a Baixada vai passar pela aprovação de Pedro e Laura, que passam a se encantar com a sua “novidade”, de Cláudia e Isabel que – desconhecendo totalmente a região – acabam sendo surpreendidas em suas “qualidades”; de Guilhermina que – deixando sua arrogância e presunção de lado – descobre o orgulho de ser brasileira a partir do exemplo das “humildes” pessoas da Baixada que, segundo ela, são pessoas reagentes e lutadoras que encaram seus

²³⁹ Como é o caso do roubo das esmeraldas ou da revelação sobre a origem de Leonardo, de um lado, e da carta de Dona Josefa ou dos assassinatos de Reginaldo, de outro.

²⁴⁰ Assim como, no lado da Baixada, existe a academia de Shaolin; do lado da Zona Sul, Gisela também frequenta a academia todos os dias e segue uma rígida dieta para manter a forma.

²⁴¹ Do lado da Zona Sul o autor trabalha com a questão do mal de Alzheimer e as dificuldades dos aposentados; já do lado da Baixada, Aguinaldo exporá a violência contra a mulher, o uso de drogas, a gravidez na adolescência e a gravidez independente.

²⁴² No final, todos os personagens que não aceitam a Baixada acabam morrendo – como é o caso de Reginaldo e Nazaré – tendo um final “triste” – como é o caso de Josivaldo, que vira mendigo – ou indo para longe da região – como é o caso de Vivianne que – ainda desdenhando a Baixada – passa a morar em Brasília.

²⁴³ Isso, claro, sem contar com Dirceu, que há décadas já frequentava a região.

infortúnios e não se deixam abater por nada, e – por fim – por Leonardo e Gisela²⁴⁴ que, mesmo terminando a novela achando o lugar meio caidinho, acabam exaltando uma Baixada da alegria, da comida de primeira e dos coquetéis de adrenalina, que são a melhor parte.

Dessa forma, sem negar ou apagar o fato de que o Rio continua sendo a “cidade maravilhosa”, a Baixada Fluminense expande a noção de Brasil para além dos limites da Zona Sul e acaba sendo identificada como o lugar da informalidade e das pessoas mais simples, que vivem com alegria e que também representa o povo brasileiro. O espelho invertido, por fim, se quebra e dá lugar a um caleidoscópio, onde o Brasil passa a ser identificado não mais a partir da dicotomia entre esses diferentes mundos, mas da mistura de referenciais de valores, crenças, e diferentes maneiras de pensar e sentir o país: “Belém de São Francisco, Baixada Fluminense. É o Brasil, minha gente. É o melhor lugar do mundo para viver, trabalhar, amar e ser feliz”. E com esta oração a novela termina, com Do Carmo rodeada de todos os seus – inclusive Gisela e Leonardo – que se abraçam e se beijam em frente à sua casa. A cena se encerra como uma fotografia espontânea do momento.

²⁴⁴ No último capítulo, Gisela e Leonardo – enfim – passam a exaltar a Baixada como o lugar da informalidade e das relações mais sinceras. Passando a concordar que as reuniões sociais que eles costumavam frequentar eram sempre frias, previsíveis e cheias de formalidade; Gisela chega a comentar com Leonardo que “essa gente cheia de não me toques e metida a fina morreu e não sabe”. Ela é muito mais a “tchurma da Maria do Carmo, visse”. É válido termos em mente aqui, contudo, que a crítica que os dois, por fim, desenvolvem vai acabar recaindo sobre o grupo ao qual freqüentavam – no caso, representado principalmente pela figura de Evangelina – e não à Zona Sul como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Que a indústria cultural está, desde seus primórdios, imbricada de interpretações nacionais, isso não se pode negar. Como bem nos apontou Anderson (2009), a convergência do capitalismo e da tecnologia de imprensa sobre a diversidade da linguagem humana foi fundamental para a criação de modelos de ação e imaginação, que acabaram por se consolidar em uma nova forma de comunidade imaginada, onde a difusão da convicção de que idiomas eram propriedades de grupos muito específicos ganha um papel de destaque nessa imaginação de comunidades que tinham o direito de ocupar uma posição de autonomia dentro de uma confraria de iguais.

No caso brasileiro, sabemos que Getúlio Vargas fez uso da rádio Nacional como forma de cumprir o papel de “integração nacional” que, no governo militar, coube à televisão comercial desempenhar (HAMBURGER, 2011). No tocante à televisão, inaugurada em 1950, por iniciativa do empresário das comunicações Assis Chateaubriand, a TV Tupi – que, já de nome, alude aos nativos da terra – estréia, já no ano seguinte, a primeira novela brasileira. Com o título *Sua vida me pertence*, a obra – com forte influência literária e ainda carregando resquícios de seu antigo formato, a radionovela (GEJFINBEIN, 2011) – introduz, em território nacional²⁴⁵, seu novo produto cultural latino-americano, que melhor começa a estruturar-se enquanto projeto de melodrama por volta da metade dos anos 1960 (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001).

Ganhando, ainda timidamente, as primeiras transmissões em rede nacional em 1969 – ou seja, quatro anos após o golpe e dezenove após o início das transmissões televisivas no país – Hamburger (2011) nos mostra como o jornalismo e as telenovelas das dezoito horas – no início, especializadas na adaptação de clássicos da literatura nacional, como *A Escrava Isaura* e *Helena*²⁴⁶ – talvez fosse o que melhor representava do que os militares acreditavam ser o conteúdo ideal dessa política de integração nacional via televisão.

²⁴⁵ É válido termos em mente que, até meados de 1960, ou seja, dez anos após sua inauguração, a televisão podia ser vista em apenas 4,6% do território nacional. Apenas em 1991 a televisão alcança 99% do território e 74% dos domicílios. Mais informações em Hamburger (2011).

²⁴⁶ Apesar de não serem mais o foco, novelas de época e/ou inspiradas em obras de literatura continuam sendo amplamente exploradas pelas emissoras brasileiras. No caso da Rede Globo, por exemplo, no ano em que *Senhora do Destino* se passa, as novelas *Cabocla*, que com uma minuciosa pesquisa histórica, recriou o ambiente rural brasileiro do início do século XX, e *Começar de Novo*, que narrava o reencontro de um casal separado na

Dessa forma, sob o nacionalismo conservador e autoritário do regime, as telenovelas surpreendentemente alcançam a posição de carros-chefes da programação de uma indústria que, segundo a autora, se estabelece como uma das maiores do mundo, conseguindo penetrar nos mais diversos mercados, entre os quais estão Cuba, China, Portugal, França, Grécia, URSS e Estados Unidos. Nesse período, predominavam obras situadas em tempos e lugares longínquos, que ganhavam vida a partir de personagens de fala e figurino empolado (HAMBURGER, 2011).

No início dos anos 1970, contudo, em meio a tensões vividas no início da década, os profissionais brasileiros passam a procurar distinguir seus trabalhos daqueles realizados por seus colegas latino-americanos. Desta forma, trazendo à tona uma estrutura mais realista, em contraposição ao estilo mexicano, a telenovela brasileira cria sua própria marca, uma vez em que se abre mais ao diálogo coloquial e às tendências da vida cotidiana, muito embora a estrutura dramática ainda continue sendo um recurso fundamental:

Os termos dessa discussão superestimam a diferença entre as produções brasileiras e latino-americanas, na medida em que desconsideram a permanência da estrutura melodramática nos títulos brasileiros. Indicam, no entanto, uma diferenciação estilística, especialmente no que se refere à situação das tramas em espaços significativos do território brasileiro e no tempo contemporâneo. Títulos latino-americanos procuravam justamente se distanciar no tempo e no espaço justamente para evitar tratar de assuntos que ecoassem conflitos pertencentes ao universo do cotidiano dos telespectadores e/ou específicos a um país (HAMBURGER, 2011, p.68).

Nesse contexto, a recém-inaugurada TV Globo vai, aos poucos, afirmando suas características estilísticas e um modo de fazer que ficou conhecido como “brasileiro” (HAMBURGER, 2011). Beneficiada com um compromisso com a ditadura militar para a viabilização de sua infra-estrutura tecnológica, a jovem emissora acaba não somente qualificando esteticamente suas telenovelas, como também tendo a oportunidade de expressar com mais eficácia as tensões sociais vividas no Brasil (SILVA, 2016). Desse modo, a pouca articulação entre a família Marinho e o setor de teleficção – sempre intermediada por profissionais orientados pelos padrões comerciais – permitiu uma maior liberdade para o exercício da criatividade por parte desses produtores, certamente que tudo dentro dos limites da lógica mercantil e da linha política defendida pelos proprietários.

adolescência, e que era baseada em *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, são exemplos representativos de como a emissora ainda se apropria de elementos da literatura, bem como de momentos históricos, para compor algumas de suas narrativas.

Inspirado, portanto, no nacionalismo de autores que se afeiçoavam ao Partido Comunista Brasileiro, esse gênero da televisão brasileira tornou-se capaz de se estabelecer definitivamente no imaginário nacional, na medida em que trouxe à pauta tensões sociais capazes de mobilizar públicos (HAMBURGER, 2011; SILVA, 2016). No entendimento de Hamburger (2011):

Embora a teledramaturgia brasileira comporte diversos estilos autorais, principalmente a partir da matriz dos roteiristas – de forma especial nos casos de autores como Dias Gomes, Lauro César Muniz e Walter Durst – é possível identificar uma linha de continuidade que passa pelo teatro e cinema. A interlocução com o cinema inspira a introdução da temporalidade contemporânea em capítulos diários e a ambientação das histórias em locais conhecidos, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, sede da emissora líder (HAMBURGER, 2011, p.71).

Se as telenovelas são um discurso sobre o Brasil e a sociedade brasileira, é válido não perdemos de vista aqui que a competição entre diferentes emissoras fez com que cada uma assumisse uma diferente versão do país (HAMBRUGER, 2011). Nesses termos, se a Rede Globo, por exemplo, se consolidou como uma marca moderna de Vênus platinada, muito fortemente marcada pelo consumismo liberado, bem como pela incorporação de elementos da cultura popular juntamente com comentários críticos sobre os rumos da política brasileira; a Rede Manchete, por sua vez, estabeleceu suas bases com novelas e séries que retratavam um Brasil a partir de uma identidade nacional rural e mais bucólica, comumente ilustrada pela exibição de corpos nus, da fauna e da flora brasileira.

Como no nosso caso o interesse foi mapear os modos como a Baixada foi sendo imaginada em *Senhora do Destino*, entendemos que contextualizar seu lugar de fala e seu momento de produção torna-se de grande importância para entendermos o sentido de ser da obra, e até mesmo para diferenciá-la das demais produções da própria Rede Globo. Afinal, sabemos que esta não é a primeira vez que a Baixada Fluminense é palco de uma telenovela²⁴⁷ da Globo. Em 1979, a obra *Pai Herói*, sucesso de Janete Clair, tinha parte de sua trama principal situada em Nilópolis, num momento em que a Beija-Flor conquistava seu tricampeonato, com a família de bicheiros Abraão David modernizando o carnaval numa ponta e, na outra, reabilitando os porões do regime militar. No entendimento de Miagusko (2016, p.5):

²⁴⁷ Gostaria de, nesse ponto em especial, agradecer a Edson Miagusko pelos apontamentos e referências bibliográficas.

Retratando a realidade mais que o jornalismo, em plena ditadura, a novela coloca André Cajarana (Toni Ramos) a enfrentar o empresário inescrupuloso Bruno Balderacci (Paulo Autran) para lutar pela memória do pai. Os negócios escusos de Balderacci ficam em Nilópolis. Nessa saga, André é acolhido por Ana Preta, dona de uma gafieira no subúrbio. A cena final é o desfile de Ana Preta (Glória Meneses), que realiza seu sonho desfilando na Beija-Flor.

Inserida, portanto, num contexto em que as novelas contrastavam com o jornalismo justamente por serem mais realistas, já que eram menos controladas pela empresa (SILVA, 2016), *Pai Herói* refletia um momento em que, mesmo sem entrar em contradições com o regime, a ficção trazia à pauta tensões e conflitos sociais que se tornaram capazes de mobilizar públicos (HAMBURGER, 2011; SILVA, 2016). Desenvolvidas por realizadores – atores, autores e diretores – vindos do cinema e do teatro dos anos 1950-1960 e, por isso mesmo, carregando traços de idéias nacionais e populares, as telenovelas desse período trouxeram a possibilidade de se explorar narrativas que se passam em espaços significativos do Brasil contemporâneo.

Diferentemente do que aconteceu em *Pai Herói*, contudo, *Senhora do Destino* reflete parte de um movimento mercadológico, onde a Rede Globo passa a incorporar – a partir de suas telenovelas – um processo de valorização de lugares – como periferias e favelas – socialmente desvalorizados, que acabam ampliando o escopo de suas representações (MIAGUSKO, 2016). Atentos ao ingresso de milhões de brasileiros aos padrões de consumo de massa de produtos valorizados através da própria mídia, os produtores da ficção – muitas vezes aqueles mesmos que na época da ditadura desenvolviam produtos de cunho altamente político, como é o caso de Aguinaldo Silva – passam a produzir conteúdos que apontam para essa nova realidade socioeconômica brasileira.

Embalada, pois, no vigor do lulismo dos anos 2000, a novela *Senhora do Destino* traz à cena uma narrativa incomum à *performance* da telenovela brasileira, ao colocar como centro de sua narrativa não o Rio de Janeiro – representado como a Zona Sul – mas a Baixada Fluminense que – agora representando o povo brasileiro – passa a ser exaltada como o lugar do consumo, do trabalho, das pessoas humildes e das relações mais sinceras. Tendo como elemento diferencial o fato de que – em contraste com outras novelas – é na Baixada onde mora o núcleo mais rico e bem sucedido da trama, Aguinaldo faz, como destaca Miagusko (2016), uma inversão na costumeira situação em que os ricos não trabalham, e mesmo assim

são cercados de bens de consumo e do universo simbólico que é aspirado socialmente, enquanto os pobres só ganham destaque por viverem personagens cômicos.

Por meio de uma carga dramática que acompanha a ascensão de uma “classe de trabalhadores²⁴⁸” que cresceu e tem seu palco privilegiado anos do lulismo (MIAGUSKO, 2016), arrisco dizer que a própria associação de Maria do Carmo com a Baixada parece ser também um elogio às mulheres das camadas populares que, há muito, trabalham fora para ajudar o orçamento apertado de suas casas, embora isso nem sempre apareça (ALMEIDA, 2002). Afinal, carregando – como já argumentei no capítulo 1 – ideários que parecem remeter a um tipo de feminismo voltado mais para as classes populares, onde o trabalho é visto como necessidade, e não escolha, não me parece ser ingênuo que a associação entre mulher e trabalho seja tão forte na trama que, como já vimos, carrega um discurso de gênero muito marcado.

Nesse sentido, revelando certa intencionalidade autoral e um investimento simbólico midiático (DRUMOND, 2014) que, agora, se volta para a ascensão de uma nova classe social, *Senhora do Destino* abre “espaço” para uma “nova classe”, que também passa a se ver “representada” na televisão. Atento às modulações socioeconômicas vivenciadas no Brasil, Aguinaldo trás à cena uma Baixada híbrida, fluida e flexível, que mescla legalidade e ilegalidade, violência e paz, representação hegemônica e imaginário ideal (ROCHA, 2014); e que – redimida pela figura de uma mulher – é, no final, exaltada como símbolo legítimo de brasilidade.

Nordestino, jornalista, com forte apelo popular, e uma já consolidada experiência em Baixada Fluminense, Aguinaldo Silva toma seu amplo conhecimento como repórter de caderno de polícia, bem como sua especialidade em figuras populares e locações no Nordeste, para dar os contornos à sua obra. Em consonância com as imagens que o jornalismo vai trazendo da Baixada ao longo das décadas, bem como com a difusão de novas imagens difundidas por diferentes atores da esfera econômica e social – que agora passam a apresentar a região em termos ideais de vida e consumo – Aguinaldo se vale de um momento em que a Baixada Fluminense ganhava uma visibilidade inédita, que nacionalizava as eleições municipais de Nova Iguaçu, para compor sua Baixada nacional.

²⁴⁸ Expressão de Jessé de Souza (MIAGUSKO, 2016).

Inicialmente identificada como “terra do Dr. Tenório”, um fim de mundo no meio do nada, onde corpos eram desovados, e onde apenas pessoas pobres – geralmente imigrantes nordestinos – buscavam refúgio; a Baixada Fluminense vai ganhando contornos muito diferentes daqueles apresentados no início da trama. Reaparecendo 25 anos mais tarde já apresentando uma perspectiva renovada, a antiga Baixada do descaso, da violência e da pobreza do fim dos anos 1960 dá espaço a um lugar do desenvolvimento, da paz e da harmonia, onde as pessoas são trabalhadoras e, no geral, sentem orgulho do lugar onde vivem. Ainda assim, sendo percebida de maneira múltipla e até contraditória pelos diferentes personagens da novela – o que é principalmente percebido pelo núcleo Zona Sul da trama, mas que não se fecha a ele – Aguinaldo vai trabalhar com a imaginação de uma Baixada polissêmica, onde – tal como notou Enne (2002) – sua construção é aberta a novas interpretações.

Com um enredo situado no vigor dos anos 1990 – quando, em termos políticos, a região passa por uma rápida estruturação de um conjunto de forças, que acabam trazendo diferentes perfis políticos para a região, mas que, em termos de atuação, ainda repetem as mesmas práticas antes estabelecidas 60 anos antes – o autor apresenta a Baixada como uma região estratégica para a economia política do poder que – frente ao esgotamento social e político da cidade do Rio de Janeiro – acaba se tornando um novo pólo de desenvolvimento, mas que ainda sofre com a politicagem de pessoas desonestas e mal intencionadas.

Desse modo, enfatizando uma Baixada marcada por um forte movimento de emancipações que, além de agregar a maior parte da população do Rio de Janeiro, traz à tona o aumento da visibilidade política e econômica da região (SIMÕES, 2006 *apud* ROCHA, 2014), Aguinaldo explora os diferentes arranjos políticos que vão se formando na região durante o período. Por um lado, trabalhando com a figura de Reginaldo, o político de dentro, que é de um partido de direita, mas que encontra no discurso e no apoio a um partido de extrema esquerda um meio aumentar sua popularidade e angariar novos votos e, por outro, se valendo do personagem de Thomas Jefferson, um morador da Zona Sul, que carrega um apelo marcadamente populista e uma bandeira da esquerda radical, mas que também só encontra na Baixada um meio de ascender politicamente; o autor nos apresenta uma Baixada das disputas pelo poder.

Por outro lado, explorando a política como gancho para pensar acerca de um novo momento da região – que passa a ser exaltada na grande imprensa como um lugar de

possibilidades (ENNE, 2002, 2004) – a obra enfatiza uma Baixada marcada por um ar “bucólico” e de “recanto”, que – ao mesmo tempo – ganha ares de rentabilidade a partir de um recorte que a enfoca como o lugar dos bons negócios e da econômica dinâmica. Encarada, então, a partir de uma multiplicidade de prismas e discursos que passam a colocá-la em relação à Zona Sul, até a recém-inaugurada Linha Vermelha será explorada na trama como símbolo de integração – territorial e simbólico – a cidade do Rio de Janeiro e a Baixada que, de começo, ignorada, esquecida e até rejeitada pelo núcleo de Copacabana, passa a ser vista com olhos de encantamento – ainda que não sem conflitos – por todos os personagens do Rio.

Tomando, pois, de carona o fato de que a década de 1990 é marcada pelo quase desaparecimento da temática da violência nos grandes jornais cariocas (ENNE, 2002; ALVES, 2003), Aguinaldo explora a imagem de uma Baixada híbrida, que agrega tanto a alegria e descontração de um lugar representado pelas humildes e trabalhadoras da Baixada – que, todos os dias, vão à luta e, pelo trabalho, conquistam seu “lugar ao sol”, mas sem se esquecer do lugar de onde vieram – como a violência, o clientelismo e a corrupção de um território em constante disputa e reconfiguração.

Nesses termos, mesclando elementos que ora a qualificam como o lugar do samba e do trabalho – representada, principalmente, pelas mulheres – ora a encaminham para as porosas dobras do legal e do ilegal – onde a política, o carnaval e o jogo do bicho acabam se encontrando – o autor vai, aos poucos, e de forma sutil, equiparando Baixada e Zona Sul dentro de um país onde a violência é algo generalizado, os vilões – de ambos os lados²⁴⁹ – são aqueles que não trabalham, e onde a simplicidade é colocada como supremo valor.

Dado o exposto, nessa dissertação que aqui encerro, procurei mapear como a Baixada Fluminense foi apresentada aos telespectadores na obra *Senhora do Destino*, bem como problematizar como essa imaginação se associa a um contexto sociológico maior, onde a emergência de uma “nova classe C” e as novas representações agora atreladas à Baixada compuseram o pano de fundo para o arranjo de uma Baixada nacional, onde as pessoas são trabalhadoras e têm orgulho de lá morarem.

Assim como já apontado, contudo, a análise do material audiovisual da novela permitiu que descortinásemos um horizonte maior, onde a Baixada imaginada por Aguinaldo revelava-se, de certa forma, mais complexa do que julgávamos anteriormente. Apresentada

²⁴⁹ Na Baixada, Josivaldo e Cigano; na Zona Sul, Nazaré.

não de forma estática ou unilateral, mas a partir de uma perspectiva mais fluida e múltipla do que podíamos crer, nosso objeto de análise acabou expandindo nosso próprio olhar para a obra de maneira por nós não esperada.

A partir dessa perspectiva, procurei – ao decorrer da dissertação – demonstrar como a imagem de Baixada Fluminense foi se modificando na trama a partir do decorrer do tempo histórico, o que a fez passar de um fim de mundo até ganhar “ares” de desenvolvimento e “civilidade”. Além disso, também procurei indicar as divergências e convergências de olhares lançados para a Baixada pelos diferentes personagens da trama – sejam eles da Baixada ou da Zona Sul – bem como o modo como, juntos, esses diferentes olhares vão ajudar na construção de imagens positivas para a região, que acabam se contrapondo àquela difundida pelo próprio autor no início da trama.

Desse modo, ao contrário do que se imaginou inicialmente, portanto, sugiro que a inversão espacial empreendida por Aguinaldo não anula o fato de que o Rio – representado pela Zona Sul – ainda é apresentado como modelo de brasilidade. Sendo a Baixada apresentada de maneira flexível, eu diria que a aparente dicotomia entre os dois mundos acaba sendo dissolvida ao final da trama, quando a Baixada passa a ser, lado a lado com a Zona Sul, exaltada como símbolo do orgulho nacional por todos os seus personagens. Nesse sentido, assim como aconteceu com as representações construídas pela grande imprensa carioca (ENNE, 2002, 2004), as diferentes imagens e vozes que remetiam à Baixada imaginada por Aguinaldo – e que lhe conferiram um sentido polissêmico – acabam se modificando e, por fim, se encontrando, ainda que em suas diferenças²⁵⁰, no elogio do “novo”, que agora chegou para ficar.

²⁵⁰ Afinal, apesar de aceita por todos, é válido lembrarmos que as visões dos personagens ainda se diferem em relação à região. Para Leonardo e Gisela, por exemplo, a Baixada continua sendo um lugar “caidinho”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABU-LUGHOD, Lila. Egyptian Melodrama – Technology of the Modern Subject?. In: *Media Words: Anthropology on New Terrain*. California: University of California Press, pp.115–133, 2002.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama Comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.19, 2002, pp. 171-194. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a08.pdf>. Acesso em 19/10/2015.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. *Estudos Feministas*, Vol.15, n.1, Jan/Abr de 2007, pp.177-192. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a11v15n1.pdf>. Acesso em: 15/10/2015.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Trocando em miúdos: Gênero e sexualidade na TV a partir de *Malu Mulher*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol.27, n.79, Jun. de 2012, pp.125-137. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n79/a08.pdf>. Acesso em 19/10/2015.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela para o público feminino: Gênero, sexualidade e consumo na TV dos anos 1970 aos 90*. Artigo publicado como paper digital para o 36º Encontro Anual da Anpocs (Águas de Lindóia – São Paulo). Anpocs, 2015. Disponível em <http://www.anpocs.org/index.php/papers-36-encontro/mr-3/mr01/8309-teledramaturgia-para-o-publico-feminino-genero-sexualidade-e-consumo-na-tv-dos-anos-1970-aos-90/file>. Acesso em 19/10/2015.

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: APPH, CLIO, 2003.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: SchwarczLtda, 2009 [1983].

ANDROVANDI, Adriana. *A favela no horário nobre da TV aberta brasileira: Uma análise da novela “Duas Caras”*. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010 (Dissertação de Mestrado). Disponível em

<http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/2137/1/000425469-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em 14/03/2016.

APPADURAI, Arjun. HereandNow. In: *Modernityatlarge*. London: Universityof Minnesota Press, 1996.

BARRETO, Alessandra Siqueiro. *Cartografia política: As faces e fases da política na Baixada Fluminense*. 392f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. *São Paulo em Perspectiva*, Vol.15, n.2, 2001, pp.28-35.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El Estado y sus márgenes. Etnografias comparadas. *Cuadernos de Antropología Social*, nº 27, pp. 19–52, 2008.

DRUMOND, Rafael. A divina paródia da “nova classe média”: notas sobre a teleconstrução do subúrbio na novela Avenida Brasil. *Mediação*, Belo Horizonte, Vol.16, nº19, jul/dez 2014, pp.159-174. Disponível em http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2222/pdf_18. Acesso em 14/03/2016.

DUMONT, Louis. Do indivíduo fora do mundo ao indivíduo no mundo. In: *O individualismo: uma perspectiva antropológica moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ENNE, Ana Lúcia. “*Lugar, meu amigo, é minha Baixada!*”: Memória, Representações Sociais e Identidades. 464f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

ENNE, Ana Lúcia. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações, *Ciberlegenda*. nº14, 2004, pp.1-26. Disponível em www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/download/222/118. Acesso em 16/03/2016.

ENNE, Ana Lúcia. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico, *Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, nº4, março de 2013, pp.6-27.

EVANS-PRITCHARD, E. *Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. Tradução Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo: Ed.Perspectiva, 1999.

FRANÇA, Isadora. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FREIRE, Jussara. *Sensos do Justo e problemas públicos em Nova Iguaçu*. 262f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas do IUPERJ. Rio de Janeiro, 2005.

GEJFINBEIN, Leandro. *O próximo capítulo: reflexões para um novo modelo de novela brasileira nas novas mídias*. Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011 (Dissertação de Mestrado).

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: *Bela Feldman-Bianco (ed). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Unesp, 2010.

GÓES, Camila. Resenha “As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?”, *Revista Outubro*, n.28, abril de 2017, pp.215-223. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/04/14_Singer-e-Loureiro_res_2017.pdf. Acesso em: 15/05/2017.

HAESBAERT, Rogerio. Definindo território para entender a desterritorialização. In: *O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, pp.35-98.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. *Revista Lua Nova*, n.82, 2011, pp.61-86.

JESUS, Étel Teixeira. O Nordeste na mídia e os estereótipos lingüísticos: Estudo do imperativo na novela *Senhora do Destino*. Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília, Brasília, 2006 (Dissertação de Mestrado). Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8870/1/2006_EtelTeixeiradeJesus.pdf. Acesso em 08/12/2016.

LOCKE, J. Segundo Tratado sobre o Governo. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Narrativas televisivas e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira*. Artigo publicado como paper digital para o XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Salvador – BA). Intercom, 2002. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/dee0dd0cbfe2629590b91abca6e57973.pdf>. Acesso em 22/08/2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. *Revista Comunicação & Educação*, 25. São Paulo, jan/abr 2003. . Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4195/3934>. Acesso em 14/03/2016.

MARTÍN-BARBERO, J. ; REY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: Ed.Senac, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2009.

MIAGUSKO, Edson. X Exame de Qualificação de Mestrado, UFRRJ, 2016.

MIRA, Maria Celeste. O Masculino e o Feminino nas Narrativas da Cultura de Massas ou o Deslocamento do Olhar. *Cadernos Pagu*, [São Paulo], v. 21, 2003, p.13-38. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03>. Acesso em: 28/04/2013.

MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. *Estudos Avançados*. Vol.21, n.61, 2007, pp.139-157. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/en_a10v2161.pdf. Acesso em: 22/03/2017.

OLIVEN, Ruben George. “As metamorfoses da cultura brasileira”. In: *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982, Cap. IV, pp.64-79.

OLIVEN, Ruben George. A malandragem na música popular brasileira. *Latin American Music Review*, Vol.5, n.1, 1984, pp.66-96.

PAGANOTO, Faber; BECKER, Olga. *A emergência de novas centralidades na periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro e a reorganização dos deslocamentos espaciais da população*. Artigo publicado como paper digital para o XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais (Águas de Lindóia – SP). ABEP, 2012. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER%5B116%5DABEP2012.pdf>. Acesso em 15/05/2017.

PARK, R.E. “A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano” (1916). In: Velho, Otávio (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

ROCHA, André Santos da. *As representações ideais de um território: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*. 242f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

ROCHA, André Santos da. “Nós não temos nada a ver com a Baixada” - problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*. Ano 3, Número 4, Janeiro – Julho, 2013, pp. 1-22. Disponível em <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/reconcavo/article/view/1063>. Acesso em 14/03/2016.

ROUSSEAU, J. J. Do Contrato Social. São Paulo: Abril, 1983. Os Pensadores.

SILVA, Dimitri Pinheiro da. *Abertura da teleficação no Brasil: as minisséries da Rede Globo de Televisão (1982-1992)*. 186f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, 2016.

SOUSA JUNIOR, Walter de. Apropriações melodramáticas: O caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. *Comunicação & Educação*, Vol.11, n. 2, ano 11, mai/ago 2006, pp. 197-206.

STOCCO, Daniela. A presença do Rio de Janeiro nas “novelas das oito” de 1982 a 2008. *Baleia na Rede - Revista Online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura*, Vol.1, n.6, ano 6, Dez/2009, pp.204-220. Disponível em <http://www.bjis.unesp.br/ojs-2.4.5/index.php/baleianarede/article/view/1451/1276>. Acesso em 14/03/2016.

STOCCO, Daniela. “Paraíso Tropical”: interpretações de um país por meio de uma novela e uma cidade. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, Vol.7, n.2, 2008, pp.185-193. Disponível em <http://www.revistabrasileiramarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/view/1291/1316>. Acesso em: 28/03/2016.

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismos urbanos e cidade. *Novos Estudos*, Vol.84, Jul. de 2009, pp.153-173. Disponível em

http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6943/art_TELLES_Ilegalismos_urbanos_e_a_cidade_2009.pdf?sequence=1. Acesso em: 22/03/2017.

TELLES, Vera da Silva. Jogos de poder nas dobras do legal e do ilegal: anotações de um percurso de pesquisa. In: *Ilegalismos, cidade e política*. Belo Horizonte: Fino Traço, pp.27-56, 2012.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. *Revista Sociologia e Política*, Vol.23, Curitiba, Nov. de2004, pp.155-164.

WEBER, M. “Classe, estamento, partido” in Gerth& Mills (orgs.) *Ensaio de Sociologia. Weber: Economia e Sociedade*, Vol. 1 [1922]. Brasília: Editora

WEBER, M.: “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais” in Cohn, G. (org.) *Weber, Coleção Grandes cientistas sociais*, Ed. Ática, SP, 1979.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. pp. 1-15 (“Introdução”), pp. 28-51 (“O espírito do capitalismo”). Cap. II. O espírito do capitalismo, 2006.

Verbetes e sítios eletrônicos:

ACADÊMICOS do Grande Rio, *site* oficial. Disponível em <http://www.academicosdogranderio.com.br/index.php>. Acesso em 15/05/2017.

AGUINALDO Silva: de repórter a romancista. In: ÉPOCA. (18/11/2016). “Aguinaldo Silva: de repórter a romancista”. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Vida/noticia/2016/11/aguinaldo-silva-de-reporter-romancista.html>. Acesso: 20/04/2017.

AGUINALDO Silva. In: MEMÓRIA GLOBO. Perfis. Disponível em: memoriaglobo.globo.com. Acesso em: 20/04/2017.

AGUINALDO Silva, Trechos de entrevista. In: MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/aguinaldo-silva/aguinaldo-silva-trechos-da-entrevista-ao-memoria-globo.htm>. Acesso em 20/04/2017.

DOSSIÊ mulher, 2016. Disponível em

http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/DossieMulher2016.pdf. Acesso em 23/03/2017.

FELICIDADE nos livros, Desafio Literário: Prendam Giovanni Improtta, 2017. Disponível em: <http://felicidadenoslivros.blogspot.com.br/2011/09/desafio-literario-prendam-giovanni.html>. Acesso em 01/04/2017.

PUREPEOPLE, Aguinaldo Silva confirma volta de Nazaré Tedesco em novela: “Segredo descoberto”, 2017. Disponível em: http://www.purepeople.com.br/noticia/aguinaldo-silva-confirma-volta-de-nazare-tedesco-em-novela-segredo-descoberto_a149597/1. Acesso em 15/05/2017.

SARAIVA, Prendam Giovaani Improtta, 2017. Disponível em:

<http://www.saraiva.com.br/prendam-giovanni-improtta-192172.html>. Acesso em 01/04/2017.

SENHORA do destino, cenas marcantes. In: MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/cenas-marcantes.htm>. Acesso em 20/04/2017.

SENHORA do destino, curiosidades. In: MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/curiosidades.htm>. Acesso em: 20/04/2017.

SENHORA do destino, galeria de personagens. In: MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/galeria-de-personagens.htm>. Acesso em: 20/04/2017.

SENHORA do destino, trama principal. In: MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/trama-principal.htm>. Acesso em 20/04/2017.

UOL, Aguinaldo Silva diz que sucesso de “Senhora do Destino” vem do povo, 2017.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u49650.shtml>. Acesso em 29/04/2017.

UOL, Maior ipobe da globo desde 1996, Senhora do Destino faz dez anos, 2017. Disponível em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/maior-ibope-da-globo-desde-1996-senhora-do-destino-faz-dez-anos-3925>. Acesso em 15/05/2017.

ANEXO

Resumo dos personagens da Baixada:

Maria do Carmo: Retirante nordestina e protagonista da história que, vindo para o Rio de Janeiro com uma mão na frente e outra atrás, vence na vida e torna-se uma bem sucedida empresária no ramo de materiais de construção. É uma mulher forte e trabalhadora, que vive em função de seu trabalho, de sua família e da comunidade que ajudou a fundar, mas cujo objetivo de vida é encontrar a filha roubada. Na trama, seu amor é disputado por Dirceu de Castro, seu grande e velho amor, que depois que voltou do exílio na Europa logo engatou um namoro de mais de duas décadas; e Giovanni Improtta, grande amigo da família e seu salvador de todas as horas.

Giovanni Improtta: Ex-bicheiro, Giovanni é importante empresário local que se orgulha em dizer aos quatro ventos que agora é um homem legalizado, um empresário honesto que não deve nem à polícia nem ao fisco. Passa a novela inteira tentando conquistar o coração de sua amada, por quem é apaixonado desde que a conheceu no presídio de Ilha das Flores. Na trama, eles se reencontram depois de alguns anos, mas ele já estava casado e Maria do Carmo namorando Dirceu. Deixou de ser bicheiro para agradar Maria do Carmo, já que queria que ela soubesse que ele se tornou um cidadão respeitável para ser melhor para ela. Enquanto Do Carmo não se decide, vai se relacionando com mulheres bem mais novas que ele. No final, seu sonho finalmente se realiza e ele se casa com sua amada.

Josivaldo: Ex-marido de Maria do Carmo que a abandona quando ainda estava grávida de Lindalva. Sob o pretexto de dar um futuro melhor para a mulher e os filhos, acaba se estabilizando em São Paulo e se envolvendo com outra mulher que, depois de algum tempo também abandona. Gastando tudo o que conquistou com mulheres, ele se torna cafetão e passa a viver da exploração de Mirna, uma colega da “boca do lixo” que lhe dera muito dinheiro, mas que agora já estava velha. Seu personagem reaparece após saber que Maria do Carmo estava rica e tudo o que ele quer é ser sustentado. Ao final, contudo, acaba perdendo a pensão de dez salários mínimos que conseguira de Do Carmo e virando mendigo no centro do Rio.

Reginaldo: Filho mais velho de Do Carmo. Desde criança demonstra não ter problemas em pegar aquilo que não lhe pertence. Já adulto, se aproveita da popularidade da mãe para se lançar no que há de mais sujo no mundo da política. Inicialmente aparece como vereador do

então distrito de Vila de São Miguel, mas depois consegue se eleger prefeito após transformar o local em município. Seu objetivo era alcançar o cargo de Presidente da República, mas acaba sendo morto por seu cabo eleitoral mais fiel, Merival, que lhe atira um pedaço de paralelepípedo na testa.

Leandro: Filho mais sensível e amoroso de Maria do Carmo, faz a linha romântico e fiel. Formado em contabilidade, é ele o responsável pela área financeira da loja de sua mãe e dos negócios de Giovanni. Inicialmente casado com Nalva, por quem era apaixonado, Leandro termina drasticamente seu casamento após a moça se declarar em público para seu irmão Viriato em sua festa de aniversário na quadra da escola de samba. Após um período de sofrimento, acaba se apaixonando por Cláudia, irmã de criação de Isabel (Lindalva), com quem termina na novela.

Viriato: Formado em Gastronomia pelo Senac, e com curso de vinhos no Sul do país, é maître em um badalado restaurante francês da Zona Sul, o Monsieur Vatel. Seu sonho é um dia montar seu próprio negócio. Assim como Leandro, é responsável, trabalhador e cumpre com suas responsabilidades. Na novela, vive um romance com Maria Eduarda, jovem rica culta da Zona Sul, com quem se casa. Ao final da novela, é aceito no curso de Gastronomia de uma conceituada escola da França, onde passa o período de dois anos. Ao retornar, reencontra sua amada – com quem manteve um relacionamento à distância – de quem não quer se separar nunca mais.

Plínio: Caçula dos meninos, é um rapaz boa vida que é sustentado pela mãe e, no começo da novela, só quer saber de festas, mulheres e noitadas. Seu jeito galinha o fez se envolver com Yara, uma mulher madura que o usa para ter um filho de produção independente, de quem eles descobrem a existência no dia de seu casamento com Angélica, jovem que – sem dar sexo para ele antes do casamento – conseguiu fazê-lo entrar nos eixos. Por causa do filho, ao final da novela ele dá uma reviravolta em sua vida e acaba se tornando um dos melhores funcionários da loja de sua mãe.

Leila: Mulher simples e tímida com quem Reginaldo foi obrigado a se casar depois que engravidou, logo no primeiro encontro. Vinda de uma família pobre de Nova Iguaçu, e sem ambição, faz dos trabalhos domésticos e dos cuidados com a família o sentido de sua vida. Como tem fobia de falar em público e, por isso, é constantemente maltratada pelo marido, que gostaria que ela discursasse com ele frente aos seus eleitores. Acaba morrendo logo nos

primeiros capítulos depois de cair da sacada do Motel onde espiava Reginaldo e Vivianne juntos. Deixa órfãos seus dois filhos, Bruno e Bianca.

Vivianne Fontes: Formada em Sociologia e Doutora em Ciência Política, inicialmente era amante de Reginaldo, mas após a morte de Leila eles acabam se casando. Também veio de família pobre, mas odiando tudo o que lembre pobreza, é do tipo que não põe limites em sua ambição e que quer crescer em cima dos outros. É ela quem gere a carreira política de Reginaldo e um de seus lemas favoritos é “Demagogia é a palavra certa para se pensar o Brasil, cujo futuro sempre dependeu dos demagogos”. Com a morte de Reginaldo, engata um relacionamento com o senador Vitório Viana, presidente nacional do POP, partido do qual Reginaldo fazia parte.

Marinalva Ferrari (Nalva): Ex-esposa de Leandro que era apaixonada por Viriato, seu cunhado, é uma mulher vaidosa e sensual que, quando casada, vivia desprezando seu marido e se recusava a engravidar para não estragar o corpo. Após uma temporada na Itália, contudo, volta arrependida de tê-lo humilhado na frente de todos e disposta a reconquistá-lo, já que percebeu que o amava, mas é tarde demais: Leandro já estava envolvido com Cláudia. Mesmo assim, continua sendo sustentada pelo ex que, para mantê-la longe, lhe cedeu até o apartamento em que moravam. Ao final da trama, ela acaba casando-se com o deputado Thomas Jefferson, e é a vez do moço sustentar a ex-passista, que larga a escola de samba onde crescera para morar em Brasília com o marido.

Yara Steiner: Mulher madura e controladora que exercia função de chefia em uma grande fábrica em Petrópolis e acaba se envolvendo com Plínio só para ter um filho de produção independente, como ela chama. Desempregada depois que fábrica fecha as portas, e com um filho para criar, Yara reaparece para pedir ajuda a Plínio, que acaba se apegando a Dado. Depois de estabilizada, ela leva o menino com ela, deixando Plínio desolado. No final da novela, Yara consegue um emprego de chefia em Tokio, deixando Dado com o pai. Oito anos depois ela será a primeira executiva brasileira a presidir uma multinacional no exterior.

Angélica: Jovem que no início da novela é apontada por Madruga como a suposta filha de Maria do Carmo e que, já estabelecida na casa, passa a ser uma agregada entre os Ferreira da Silva, além de braço direito de Do Carmo. Aos poucos, ela vai se relacionando com Plínio e os dois se casam. Em certa altura da novela, contudo, a moça descobre o paradeiro de sua mãe verdadeira, mas, escondendo de todos, acaba sendo chantageada por Reginaldo e Vivianne,

que a fazem emitir notas superfaturadas em nome da Prefeitura. O esquema é descoberto e Angélica foge. Ao fim, tudo se esclarece e, com a morte de Reginaldo, ela é perdoada por todos e volta a morar na casa de Do Carmo.

Clementina: Cozinheira, amiga e confidente de Do Carmo, Clementina é meio ranzinza e negativa, mas está sempre disposta a ouvir os problemas e desabafos de todos. Vinda também de Belém de São Francisco, é famosa na novela por conta de suas receitas típicas que acabam lhe rendendo um livro, lançado por iniciativa de Bianca e Dirceu, com a ajuda de Cícera e Aurélia. No meio da novela Clementina fica doente e acaba vindo a morrer, mas mesmo assim é homenageada no dia do lançamento de seu livro.

Aurélia: Mãe de Políbio e filha de Clementina. Ainda jovem, casou-se com o homem errado, com quem fugiu e foi morar em Nilópolis, deixando seu filho para sua mãe criar. Abandonada mais tarde pelo marido, e sem a mãe e o filho, Aurélia reaparece quando sua mãe adoece. Ao final da novela, fica noiva do delegado Paredes, depois da aproximação que os dois tiveram com o acidente em que Shaolin foi baleado.

Cícera: Com o nome em homenagem a Padre Cícero, é uma mulher já madura que, assim como Clementina, é amiga, cozinheira e agregada na casa de Do Carmo. Depois que Clementina adoeceu, é ela quem toma conta da casa e dos afazeres domésticos. Mais do que uma empregada, contudo, é tratada por todos como uma verdadeira Ferreira da Silva. No fim da novela acaba se envolvendo com Elias, homem mais jovem que ela e dono de um bar no bairro Peixoto, a quem conhece no dia do casamento de Isabel, na Baixada Fluminense.

Crecilda: Chefe de almoxarifado na loja de Do Carmo durante o dia, e estrela noturna numa churrascaria no centro de Caxias à noite, Crecilda é uma mulher competente e honesta que divide sua vida entre o estereótipo de mulher “macha” que ela sustenta no trabalho – onde deixa qualquer homem no chinelo, como ela mesmo diz – e de uma diva delicada, quando está no palco. Na trama, esconde de todos acerca dessa sua vida dupla, mas acaba sendo descoberta e acaba pedindo demissão da loja, já que havia fechado contrato com uma gravadora e iria lançar seu primeiro disco solo.

Ubiracy de Freitas: Carnavalesco da Unidos de Vila São Miguel Ubiracy é o que França (2010) denominaria bicha escrachadinha, aquela que faz um estilo mais popular e é mais espalhafatosa. Vive um romance com Turcão, que é uma espécie de quebra-galho da escola e oscila entre a homo e a bissexualidade. É o grande responsável pela escola e está sempre na

correria para fazer o melhor na Avenida. Com o sucesso do enredo de *Senhora do Destino*, Ubiracy tem seu contrato renovado com a escola no final da trama.

Sebastião: Irmão mais velho e sócio na loja de Do Carmo, é um homem de costumes rígidos e poucas palavras, que vive para o trabalho e cobra um comportamento impecável dos filhos e da esposa. Tendo trabalhado a vida inteira como motorista, primeiro para Dona Josefa – seu grande amor – e depois para o Barão de Bonsucesso, herda da amada falecida um Galaxe o quadro “As Banhistas”, de Paul Cézanne que acaba sendo leiloado para um grupo de japoneses pela quantia de 38 milhões de dólares. Com o dinheiro, reabre o *Diário de Notícias* e cria a Fundação Josefa de Medeiros Duarte Pinto de Amparo às Artes. Por fim, larga o emprego e passa a dedicar-se exclusivamente ao jornal.

Janice: Esposa submissa de Sebastião há mais de 30 anos e mãe de seus três filhos; é mulher simples, mãe zelosa e dona de casa exemplar. Passa a novela inteira com ciúmes do amor que seu marido até hoje devota à Dona Josefa e, em uma crise dentro do Galax, descobre uma carta da falecida em que ela lhe declara seu amor e lhe deixa explicitamente o carro e o quadro de Cézanne como forma de compensar as más lembranças. Guardando o segredo a sete chaves, ela acaba o revelando à Guilhermina depois que ela atrapalha a primeira tentativa de leilão do quadro. Já nos últimos capítulos pede para o marido escolher entre ela e o carro, que ele passava horas alisando na garagem. É aí que Sebastião decide doá-lo para o Fundação que criara.

Eleonora: Filha mais velha de Sebastião, é médica ortopedista e amante de sua profissão. Assim como seu pai, sente prazer em trabalhar e está sempre fazendo plantões no hospital público onde atua. É carinhosa e atenciosa com todos os seus pacientes. Ao longo da história, se envolve com Jenifer, filha de Giovanni, com quem passa a se relacionar, e por isso é inicialmente condenada pelo pai. Até o fim da trama, a médica se reconcilia com seu pai, consegue a adoção de Renato, um recém-nascido que ela encontrara no lixo na porta do hospital e passa a morar em um apartamento em Caxias com Renato e Jenifer, com quem se casou no Civil.

Venâncio: Filho de Sebastião, que no começo da trama se envolve numa encrenca e acaba sendo obrigado por Reginaldo a assumir um falso romance com Leila, quando ela veio a cair da sacada do motel. Expulso de casa pelo pai, passa uma temporada em Recife até que as coisas se acalmem e, quando retorna, arruma um emprego com Reginaldo. Perdoado pelo pai,

contudo, ele lhe revela a verdade e volta para sua antiga profissão de motorista de van na cooperativa da cidade, a Coop Villa. No final, casa-se com Daniele, a ex-ninfa bebê de Giovanni e vai com ela para Recife. Cinco anos depois eles terão três filhos.

Regininha: Filha caçula e mais espivitada de Sebastião. Logo no início se envolve com João Manoel, filho de Giovanni, que a convida para ser madrinha de bateria da Unidos de Vila São Miguel, o que lhe causa grandes problemas com seu pai, que não é comunicado. Sua vida é o samba e não quer saber de mais nada que não seja namorar e dançar. Quase no fim da novela engravida, e é obrigada por seu pai a se casar antes que a barriga comece a aparecer. Após o resguardo, logo volta a sambar na quadra da escola.

Daniele: Namorada de Giovanni – conhecida como ninfa bebê – que é bem mais nova que ele e o chama de “paizinho”. É extravagante e gosta de usar roupas curtas, decote, maquiagem bem marcada. Uma de suas características marcantes é sua fala fina e com jeito infantil. Passa boa parte da trama sendo mandada por Giovanni e vendo-o correr atrás de Maria do Carmo sem lhe dar satisfações. Após virar uma celebridade espontânea e desfilar como rainha de bateria, contudo, acaba seguindo seu caminho com Venâncio, por quem se apaixona, e se casa e muda-se para Recife, onde passa a levar a vida como dona de casa.

Jennifer: Filha estudiosa e tímida de Giovanni. Ao contrário de seu irmão, não gosta de sair de casa e sua grande preocupação é com os estudos. É estudante de fisioterapia e assim como Eleonora pretende trabalhar em um hospital, vivendo do próprio suor e sem depender do dinheiro e influência de seu pai. Ao longo dos capítulos passa por uma crise ao perceber sua sexualidade, que no início não aceitava, mas acaba se acertando com Eleonora, com quem passa a morar no final da trama.

João Manoel: Sempre vestido com calça larga, geralmente branca, e camisa aberta – realçando o peitoral ornamentado com um colar de ouro – possui um estereótipo de malandro, que é reforçado por seu envolvimento com o samba. Sempre querendo provar sua masculinidade, diz cultivar a imagem de um sujeito antigo e preconceituoso com o qual está muito satisfeito, porque ele é o cara, é espada e não tem planos de mudar. Apesar disso, vive se encontrando às escondidas com Regininha, e morre de medo do pai da moça, que apelidou de leão do Norte. Acaba engravidando Regininha, com quem se casa.

Dona Flaviana: Ex-sogra de Giovanni, e avó de Jennifer e João Manoel, que mora na casa mesma casa em que eles e que controla a vida de todos. É uma mulher tradicionalmente

católica e com princípios rígidos, que nunca aceitou o relacionamento da filha com um bicheiro. Passa boa parte da trama tirando a paciência do genro ao lembrá-lo de seu antigo passado, mas, no fundo, o ama. Acaba a novela pegando o buquê no dia do casamento de Isabel, dando a entender que encontraria alguém com quem se envolveria.

Rita: Mulher pobre e sofrida da Comunidade da Pedra que já foi viciada em drogas e sofria o drama da violência doméstica por parte de seu marido, Cigano. Sempre trabalhou como diarista para manter os dois filhos, Leide Daiane e Maicon Jackson, e o marido, que sempre foi encostado nela. Tendo curso de cabeleireira, é convidada por Do Carmo a ser sócia em um salão de cabeleireiro que ela iria montar. Na trama, acaba se apaixonando por Constantino, mas só consegue ser feliz com ele depois da morte de Cigano. Cinco anos depois eles estavam com dois filhos.

Gilson das Neves (Cigano): Marido de Rita que bate em Rita e vive às suas custas. É mulherengo e gosta de vida boa. No começo da novela estava preso por envolvimento com droga, e chega a pedir que Rita se prostitua para tirá-lo da cadeia, de onde acaba saindo por bom comportamento. Na reta final da novela, se envolve com Reginaldo e Vivianneno falso sequestro contra o filho do prefeito e acaba sendo morto por Reginaldo, quando ele o pega aos beijos com Vivianne em seu gabinete.

Constantino: Português que chegou ao Brasil para tentar esquecer um relacionamento amoroso em que sua mulher foge com seu melhor amigo. É um taxista trabalhador e honesto, o mais famoso em Vila São Miguel. Apaixona-se loucamente por Rita e chega a pagar 15 mil reais a Cigano para poder ficar com a amada que, descobrindo, termina com ele. Ao fim, contudo, ficam juntos e felizes.

Leide Daiane: Filha de Rita e Cigano, é uma jovem da Comunidade da Pedra que, aos quinze anos, engravida de Shaolin, que não quer saber nada com ela. Ainda imatura, recebe a notícia como se estivesse para ganhar uma bonequinha e acaba se decepcionando ao perceber que o pai da criança não queria nada com ela. Acaba engatando um relacionamento conturbado com Bruno, neto de Maria do Carmo, mas acaba ficando com Shaolin. Na reta final passa a se engajar com a causa da maternidade responsável, palestrando em escolas da periferia sobre a importância do uso da pílula e da camisinha. Dezoito anos depois será a primeira brasileira a ganhar o Nobel da Paz.

Maicon Jackson: Filho de Rita e Cigano, é um jovem estudioso e trabalhador que ajuda a mãe nas despesas de casa e que nunca lhe deu desgosto. Assim como os rapazes da sua idade, gosta de usar roupas largas e falar gírias, sendo sua marca uma faixa que ele sempre usa sobre a testa. De começo trabalhando como recepcionista no *Frango Esperto*, é convidado por Do Carmo a assumir a chefia do almoxarifado em sua loja, já que Crecilda tinha pedido demissão. Termina a história com Elen, sobrinha de Jandira, que foi morar na comunidade.

Bruno: Filho mais velho de Reginaldo e Leila, é um adolescente ingênuo e simples que Reginaldo sonha tornar o deputado federal mais novo do Brasil, com 21 anos. Ao longo da trama – para desgosto de seu pai – acaba se apaixonando por Leide Daiane, uma adolescente negra e pobre da Comunidade da Pedra, com que viverá um namoro passageiro.

Bianca: Menina doce, vaidosa e que gosta de parecer adulta. Apesar da pouca idade, é inteligente e articulada, e não deixa ninguém lhe passar a perna. Tem fortes críticas ao seu pai, a quem considera demagogo. Com boa retórica e carisma, acaba se envolvendo na política e, sete anos depois, Bianca é eleita em Vila São Miguel a prefeita mais jovem do Brasil, onde luta pela ética na política.

Shaolin: Neto de Clementina e filho de Aurélia, Políbio – que adotou o nome Shaolin como forma de impressionar as minas e os manos da comunidade – é um *badboy* atrapalhado que vive se metendo em encrenca, mas que acaba tomando rumo na vida e tornando-se um empresário com sociedade em uma rede de academias espalhadas por toda a Baixada, a *Shaolin Fitness Center*. Ao ver Daiane se envolver com Bruno acaba se arrependendo do mal que fez à garota e descobrindo nutrir um sentimento sincero por ela. Juntamente com seus amigos Napa, Louro, Jacaré e Gato, Shaolin representa parte da juventude da comunidade.

Merival e Jandira: Casal de vizinhos de Rita que vivem espiando a vida de todos pela janela da sala. Mesmo sabendo disso, Rita e Jandira são amigas e Jandira acaba sempre ajudando Rita quando ela precisa. Já Merival, passa a novela toda fazendo fervorosamente propaganda de Reginaldo, mas sem querer o mata no último capítulo depois de ouvir dele que sentia nojo de Merival porque ele era povo e tinha cara de povo.